

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS.

APARECIDA ONEIDE DE ALMEIDA SILVA

“Não sei viver sem meu celular”: os celulares redefinindo dinâmicas e papéis sociais das novas crianças.

MARINGÁ
2015

APARECIDA ONEIDE DE ALMEIDA SILVA

“Não sei viver sem meu celular”: os celulares redefinindo dinâmicas e papéis sociais das novas crianças.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Linha de pesquisa: Sociedade e práticas culturais.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Valéria Soares de Assis

MARINGÁ

2015

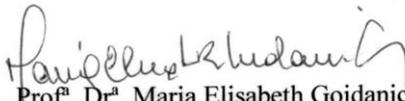
“Não sei viver sem meu celular”: os celulares redefinindo dinâmicas e papéis sociais das novas crianças.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Mestrado) – Linha de pesquisa: Sociedade e práticas culturais, da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais pela Comissão Julgadora composta pelos membros:

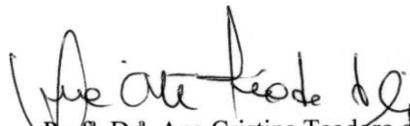
COMISSÃO JULGADORA



Prof.^a. Dr.^a. Valéria Soares de Assis
Universidade Estadual de Maringá (Presidente)



Prof.^a. Dr.^a. Maria Elisabeth Goidanich
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)



Prof.^a. Dr.^a. Ana Cristina Teodoro da Silva
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Aprovada em: 06, de abril de 2015....

Local de defesa: Bloco H-12, sala014, *campus* da Universidade Estadual de Maringá.

Dedicatória

A Deus, à minha família, à minha orientadora, pelo apoio, força, incentivo, companheirismo e amizade; aos amigos, colegas de trabalho e a essas novas crianças e pais. Sem todas essas pessoas, nada disso teria sido possível.

A meus pais (in memoriam), especialmente, à minha mãe, minha grande mestra, fonte de inspiração, exemplo de sabedoria, de força, de determinação, de persistência e de respeito ao próximo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por amparar-me nos momentos difíceis, dar-me força interior para superar as dificuldades, mostrar-me os caminhos nas horas incertas e suprir-me em todas as minhas necessidades.

À minha querida orientadora, Prof^a. Dr^a. Valéria Soares de Assis, exemplo de pessoa e de profissional, por ter-me conduzido de forma brilhante no caminho das Ciências Sociais, especialmente da Antropologia, pelo carinho, paciência e pela sua disponibilidade em compartilhar seus conhecimentos e experiências.

Aos pais e, especialmente, a essas novas crianças, por participar e colaborar com o presente estudo, pela alegria contagiante, demonstrada em todos os nossos encontros e pelo privilégio de poder acompanhá-las em muitos momentos de suas vidas, durante todo o período de coleta de dados, sem os quais, nada teria acontecido.

A Antonio Lino, meu esposo, pessoa com quem amo partilhar a vida. Obrigada pelo carinho, paciência e por sua capacidade de trazer-me a paz na correria cotidiana.

Aos meus filhos, minhas joias preciosas, Fábio e Flávio, às minhas queridas noras Fernanda e Gricelle, pessoas que sempre apostaram, incentivaram, acreditaram e colaboraram para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

A Prof^a Dr^a. Ana Cristina Teodoro da Silva (membro DFE/UEM) e Prof^a. Dr^a. Aline Fronllini Lunardeli Lara (membro DFE/UEM) pelas valiosas contribuições à minha pesquisa.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá, especialmente, aos que compartilharam seus conhecimentos, experiências e orientações ministrando aulas para a minha turma. Ao Junior, Secretário do Programa, pela dedicação e eficiência no atendimento a todos.

Ao meu amigo, Márcio Henrique Lopes e à minha amiga, Eliana Ribeiro Dias de Aguiar pelo companheirismo, pelo compartilhamento de informações, ideias, sugestões, observações e pelas valiosas orientações, em relação à correção do meu texto.

Ao Prof. Me. José Aparecido de Souza, Diretor da UNIPAR – Universidade Paranaense-unidade Cianorte, por acreditar em mim como profissional e sempre participar e incentivar minhas investidas em direção a reflexões e busca de conhecimentos.

Aos meus alunos, que são estímulo constante, fonte de inspiração e razão para a existência da minha profissão.

E, a todos, que desde o meu primeiro dia de vida escolar, direta ou indiretamente contribuíram para que eu crescesse como ser humano e em conhecimento.

“Não sei viver sem meu celular”: os celulares redefinindo dinâmicas e papéis sociais das novas crianças.

RESUMO

O presente trabalho, na perspectiva da Antropologia do Consumo e da cultura material, considerando o contexto do consumo na contemporaneidade e a centralidade da comunicação e sua materialidade no universo urbano, busca analisar a manifestação e a circulação de práticas ou conteúdos culturais, associados ao telefone celular, no cotidiano de crianças em seu círculo social. Trata-se de uma etnografia que acompanhou o cotidiano de onze crianças, entre nove e doze anos, no máximo, por um período de treze meses, de duas cidades da região noroeste do estado do Paraná/BR, pertencentes a famílias de camadas médias e com perfis socioculturais semelhantes. Através deste estudo, espera-se destacar a riqueza e complexidade das dimensões materiais e simbólicas, envolvidas nos processos cotidianos, ou seja, como as práticas de consumo, relacionadas aos telefones celulares, influenciam essas crianças não só nas relações familiares, como também no círculo social ao qual pertencem. E ainda como tais processos comunicacionais vêm dando visibilidade a essas novas crianças e colaborando para a construção social de sua autonomia.

Palavras-chave: Novas crianças. Família. Consumo. Celular. Relações.

“I can not live without my cell phone”: cell redefining dynamics and social roles of Young children.

ABSTRACT

This paper, from the perspective of Anthropology of Consumption and material culture, considering the context of consumption and the centrality of communication and its materiality in urban universe, aims to analyze the expression and circulation practices or cultural content associated with the cell phone in everyday life children in their social circle. It is an ethnography that accompanied the daily eleven children between nine and twelve, at most, for a period of thirteen months, in two cities in the northwestern region of Paraná, belonging to the middle class and families with similar socio-cultural profiles. Through this study, is expected to highlight the richness and complexity of the material and symbolic dimensions involved in the daily processes, ie how consumption practices related to mobiles phones, these kids not only affect family relations, but also in the circle social to which they belong. And as such communication processes are giving visibility to the social construction of their autonomy.

Keywords: Young children. Family. Consumption. Cell Phone. Relations

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	11
3. METODOLOGIA.....	14
4. REVISÃO DE LITERATURA.....	21
4.1 O FENÔMENO DO CONSUMO.....	22
4.2 CRIANÇA: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL.....	25
4.3 TECNOLOGIAS, PESSOAS E RELAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE.....	30
4.4 ALGUNS ESTUDOS SIMILARES.....	35
5. ANÁLISES DAS NARRATIVAS.....	38
5.1 AS NOVAS CRIANÇAS E A PERCEPÇÃO DE SI.....	38
5.2 TECNOLOGIAS E A CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	51
5.3 OS SUJEITOS DA ETNOGRAFIA E O TELEFONE CELULAR.....	61
5.4 O CONSUMO DE CELULARES E IDENTIDADES SOCIAIS.....	64
5.5 RELAÇÕES DE AFETIVIDADE E O OBJETO.....	69
5.6 AS NOVAS CRIANÇAS E O USO DO CELULAR NA ESCOLA.....	76
5.7 AS NOVAS CRIANÇAS E O CELULAR NA DINÂMICA DAS RELAÇÕES FAMILIARES.....	84
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
7. REFERÊNCIAS.....	94

1. INTRODUÇÃO

De acordo com a UIT (União Internacional de Telecomunicações, 2014), ligada à ONU (Organização das Nações Unidas), até o final do ano de 2014, o número de linhas celulares, em operação no planeta, será igual ao número de habitantes, ou seja, de sete bilhões, comprovando que o celular é a tecnologia de mais rápida difusão na história da evolução da humanidade. O tema “consumo do telefone celular” e possíveis desdobramentos nas relações sociais é objeto de estudo recente nas universidades. No universo acadêmico anglo-saxônico, a intersecção desta tecnologia móvel com o mundo social, a partir de uma perspectiva antropológica, sociológica e filosófica, vem despertando interesse e se consolidando como objeto de investigação a partir da primeira década do século XXI, como mostram, entre outras, as investigações de Manuel Castells et al (2007), estudos comparativos globais sobre os impactos socioculturais e econômicos do telefone celular em países desenvolvidos e em desenvolvimento; também a coletânea de Ito, Okabe e Matsuda (2005), sobre a tecnocultura japonesa; a etnografia de Horst e Miller (2006), sobre as práticas de consumo de telefone celulares entre grupos populares na Jamaica.

Segundo dados da Anatel, o Brasil fechou o primeiro semestre/2014 com 275,7 milhões de celulares. As linhas pré-pagas continuam sendo maioria, com 212,27 milhões de acessos (76,99% do total) para uma população em 202.893.289 habitantes, segundo dados IBGE 2014. Aproximadamente 85% da população brasileira utilizam o telefone celular, com acesso ou sem acesso à *web*. Cerca de 52,5 milhões de brasileiros, com dez anos ou mais, usam a internet via celular. Os dados fazem parte do estudo TIC Domicílios, divulgados dia 26 de junho de 2014, pelo Cetic.br (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação), levantamento este realizado em mais de 16 mil domicílios brasileiros, entre setembro de 2013 e fevereiro de 2014. Esses dados relacionados apontam para a rápida disseminação das tecnologias móveis e de portabilidade entre todas as camadas da população brasileira a partir dos primeiros anos do século vigente e, principalmente, a partir do ano de 2010.

Embora o fenômeno seja relativamente recente, nota-se que o consumo de telefones celulares ou smartphones vem influenciando fortemente a vida social das crianças que acompanhamos, por um período de treze meses de trabalho de campo, em duas cidades da região noroeste do estado do Paraná, pertencentes a famílias com características socioculturais semelhantes. Esse consumo, especialmente em crianças a partir dos nove, dez anos de idade, tem aumentado de forma vertiginosa nos últimos anos, como comprovam as

estatísticas, ou seja, a faixa etária estudada é a segunda maior em consumo de celulares no Brasil com ou sem o uso da *web*.

A posse do celular pelas crianças vem tornando, gradativamente, mais complexa a tarefa dos pais de saberem o que os filhos fazem na internet, via celular. A complexidade ganha maior amplitude, pois as crianças utilizam aplicativos de comunicação cada vez mais restritos, deixando os pais fora das conversas que elas têm com seus pares. Apesar de estarem no *Facebook*, no *twiter* (onde os pais também têm conta), a comunicação entre as crianças ocorre, principalmente, em *apps* de comunicação privados, como *WhatsApp* e *Snapchat*. Esse processo vinha acontecendo de forma gradual e, atualmente, mais acelerado.

Alguns anos atrás, os pais instalavam os computadores no ambiente doméstico em áreas de livre acesso e de fácil controle, sendo usados por todos os membros da família. Com o tempo, os computadores/dispositivos tecnológicos passaram a ser instalados nos quartos das crianças, tornando-os objetos de uso pessoal e de certa forma restritos, já que as crianças começaram a ter o controle sobre o objeto e dificultar a vigilância por parte dos pais, passando a usar senhas, bloqueando o livre acesso ao que estavam fazendo e até mesmo removendo histórico de sites visitados na *web*. Mais recentemente, os computadores evoluíram e tornaram-se *smartphones* ou telefones celulares, objetos minúsculos e móveis para onde convergem tecnologias de informação, de comunicação, de interação e de entretenimento que vão direto para os bolsos e mochilas das crianças. Dessa forma, a criança tem acesso a eles, vinte e quatro horas por dia, como objetos exclusivos de uso pessoal.

Em sociedade de consumo e de centralidade de tecnologias digitais, o presente estudo visa a investigar como está se processando a utilização pelas crianças de bens de consumo, relacionados à sua vida cotidiana. No caso específico, o telefone celular e as possíveis implicações do uso desse objeto, na mediação das relações parentais e de seu círculo social, pretende-se, no contexto citado, dar ênfase unicamente à lógica interna de um grupo de crianças, na faixa etária entre nove e onze anos de idade, com características socioculturais semelhantes de duas cidades da região noroeste do estado do Paraná.

As crianças são atores bastante representativos dentro do panorama brasileiro e mundial de consumo, pois são consumidoras dos mais diversos produtos como alimentos, vestuário, calçados, brinquedos, materiais escolares, ornamentos, serviços direcionados, como: bufês infantis, escolas de esportes, de danças, de lutas, e de idiomas. Nos últimos anos, os produtos eletrônicos e digitais, especialmente, os telefones celulares lideram a lista de pedidos das crianças aos pais.

Elencar consumo, crianças e telefonia celular vem suscitando calorosos debates tanto no senso comum, como em algumas áreas do conhecimento. As crianças, nascidas no início do século XXI, não são apenas potenciais clientes, mas, sim, consumidoras dos sonhos da maioria das operadoras, já que elas parecem ser as grandes interessadas no consumo de serviços com valor agregado, como o tráfego de dados, imagens e vídeos em redes 3G, 4G, além de ser um público muito receptivo a novas tecnologias, novos serviços e aberto a novas experiências.

De forma geral, as crianças usam o celular para falar com os pais, via ligações de voz ou envio de mensagens, tirar fotos, ouvir músicas, jogar, atualizar *blogs*, acessar redes sociais, como *Twitter*, *Facebook*, *Instagram*, e *apps* como *WhatsApp* e *Spanchat*, participar de *chats*. Gostam de personalizar os aparelhos com toques, ícones e imagens pessoais. Através das mensagens de textos é estabelecida uma linguagem específica, própria dos Messenger, cheias de códigos, característica das crianças que utilizam o telefone celular, nascidas, principalmente, na primeira década do século XXI.

Um número considerável de crianças nasceu e está crescendo não apenas com as redes sociais, mas também com as possibilidades de interagir com as pessoas de forma virtual, de fazer compras online, de aprender e de jogar em um ambiente virtual; enfim, de viver em dois universos ao mesmo tempo: o *on-line* e *off-line*. Segundo Daniel Miller (2013, p.180) “[...] em termos de mídias de comunicação, [...]. Haverá sempre um processo dialético em que as pessoas estão criando, a um só tempo, um relacionamento umas com as outras e com a mídia”.

A criança, na contemporaneidade, é um ator bastante representativo dentro do panorama mundial do *Marketing*. Segundo Hawkins (1995) o consumo infantil representa, na verdade, três mercados em um só. Primeiramente, possibilita a criação de produtos e serviços voltados exclusivamente às necessidades específicas dessa etapa da vida. Em seguida, corresponde a uma força de influência de grande relevância nas decisões de compra familiares, não só por atuação direta da criança – exprimindo seus desejos e necessidades e convencendo adultos a realizarem a compra – como também por causarem nos pais uma tendência a consumir com maior intensidade, ou, pela primeira vez, determinados produtos. Por último, favorece ações futuras de empresas que a ela se dediquem, formando um mercado potencial de apreciadores precoces do produto oferecido.

A investigação desenvolve-se na perspectiva das Ciências Sociais, especialmente da Antropologia do Consumo pelo viés dos estudos da Cultura Material, através do método etnográfico, dentro do paradigma interpretativo. As informações foram coletadas através da observação participante e de entrevistas. Inicialmente, apresentaremos os sujeitos da pesquisa, a metodologia utilizada, trata-se de uma breve revisão de literatura, dentro do possível, diálogo com os informantes, em que serão abordadas as temáticas: o fenômeno do consumo; a concepção de criança como uma construção social; tecnologias, pessoas, as relações na contemporaneidade e uma breve síntese de alguns estudos já produzidos que apresentam alguma similaridade.

Posteriormente, será apresentada a análise das narrativas, ou seja, a etnografia propriamente dita, o trabalho de interpretação, as anotações do diário de campo, resultante dos encontros e das observações, culminando com análise das narrativas dos membros do grupo e a identificação das possíveis implicações da utilização dos celulares, nas relações parentais e no círculo social a que pertence, enquanto fator social relevante. E as considerações finais.

2. OS SUJEITOS DA PESQUISA

Para o presente estudo escolhemos onze crianças, da mesma faixa etária, sendo cinco meninas e seis meninos, de duas cidades da região noroeste do estado do Paraná: Cianorte, local de residência da pesquisadora e Paranavaí, com uma distância geográfica de, aproximadamente, 93 quilômetros. As crianças têm entre nove e, no máximo, doze anos de idade, e estão cursando o 5º, 6º e 7º anos do Ensino Fundamental. Foram selecionadas em cidades diferentes por proporcionar maior liberdade de investigação para a pesquisadora e manutenção do anonimato dos informantes. Das onze crianças participantes da investigação, somente duas são amigas bem próximas e até participaram de alguns encontros juntas.

Para iniciar o estudo, primeiramente, selecionamos e entramos em contato com algumas famílias com filhos na mesma faixa etária e dentro de padrões socioculturais semelhantes. Na sequência, aplicamos um questionário sociocultural que foi respondido em sua totalidade pelas mães dos participantes da pesquisa, juntamente com a autorização para que um dos filhos participasse da mesma. Este primeiro contato com as famílias foi realizado pessoalmente pela pesquisadora.

Os pais/mães dos informantes encontram-se na faixa etária entre 41 e 49 anos de idade, com curso superior e, alguns, com pós-graduação. Há pais que possuem até dois cursos

superiores ou estão finalizando o segundo. Praticamente todos eles têm uma carga horária de trabalho igual ou superior a 44 horas semanais de diferentes profissões: médicos, engenheiros, empresários do setor de comércio, indústria, pecuária, bancários, professores e advogados. As famílias são compostas, no máximo, por cinco membros, sendo que quase todas têm dois ou, no máximo, três filhos. Possuem casa própria, mais de um carro, telefone fixo e todos os membros da família têm telefone celular com acesso à internet. Esses pais, com agenda diária repleta de atividades, buscam, dentro do possível, fazer uso das tecnologias de informação e comunicação como mediadoras nas relações com os filhos. São pais que viajam muito a trabalho, ficando, às vezes, até quinze dias longe de um encontro presencial com os filhos.

Estes pais justificam que, diante da complexidade da vida contemporânea, é necessário estar inserido nesse contexto de sociedade de consumo e de centralidade das tecnologias de informação e comunicação. Embora, com algumas preocupações, entendem que é essencial que os filhos tenham seus telefones celulares e que os levem aonde forem, seja na escola, na casa de amigos, na rua, etc. Dessa forma, em caso de necessidade, poderão localizá-los e vice-versa.

Todos os pais demonstram grande receio com a escolha e acompanhamento dos filhos no colégio, com a aprendizagem e, de forma geral, com uma orientação religiosa. Incentivam os filhos a estudarem línguas estrangeiras, a praticarem alguma atividade esportiva, tais como: futebol, voleibol, tênis, dança, natação, lutas etc. Os pais também demonstram grande preocupação com as amizades de suas crianças e, de certa forma, procuram acompanhar os encontros presenciais dos filhos com os amigos e, dentro do possível, os relacionamentos deles com os amigos na dimensão virtual ou com acesso à *web*, mediado pelo celular. São pais que, apesar de possuírem uma agenda cotidiana repleta de atividades, tiram férias com os filhos todos os anos; alguns, mais de uma vez por ano. Todas as famílias aparentam um nível de vida bem confortável tanto no âmbito sociocultural, quanto no socioeconômico.

As crianças informantes expressaram preferências distintas, mas, de modo geral, todas conhecem e consomem os mesmos produtos, como por exemplo: com exceção de duas crianças, as demais já foram aos parques da *Disney World* e as que não foram já têm projetos de ir. Viajam em férias para praias todos os anos, ou casa de lazer em “prainhas” de rios do estado do Paraná. Nos finais de semana, vão, com os pais, aos shoppings de cidades vizinhas fazer compras, tomar lanche, almoçar, ao cinema etc. Todas possuem, em suas residências,

telefones fixos (utilizados mais para se conectarem a um servidor), tecnologia *Wi-Fi*, computadores, *notebooks* e *tablets*.

Os informantes estudam em colégios particulares, considerados por eles e por seus pais, como os melhores da cidade onde residem. Melhores, por estarem equipados com várias tecnologias de informação e comunicação, por possuírem ambientes climatizados, especialmente as salas de aula e biblioteca, por possuírem laboratórios de ciências e de informática, complexos esportivos, por estarem bem localizados geograficamente na cidade, por terem corpo docente considerado muito bom perante a sociedade urbana local e, segundo os mesmos, por apresentarem um alto índice de aprovação nos exames vestibulares e no Enem. Percebe-se, que embora as crianças estejam no Ensino Fundamental II, os pais procuram escolas que demonstram em suas matrizes curriculares e proposta pedagógica, preocupações com a formação geral dos filhos, mas que dão ênfase ao ritual de passagem para a entrada na universidade.

Para a presente investigação foram escolhidas crianças das duas cidades citadas, pelas seguintes razões: primeira, por pertencerem a famílias que apresentam condições socioculturais semelhantes; segunda, verificar como essas crianças vêm se constituindo em contexto de sociedade de consumo, fazendo uso dessa tecnologia de utilidade global, ou seja, o telefone celular; terceira, como esta tecnologia de comunicação e informação vem impactando na mediação das relações com os pais e círculo de amizade do qual fazem parte; quarta, o contexto de estranheza, causado por algumas situações observadas na convivência diária nas relações do ambiente de trabalho da pesquisadora: escolas de Ensino Fundamental e Médio. Estranheza, porque a pesquisadora, apesar de uma vivência profissional de mais de vinte cinco anos com crianças na faixa etária citada, sente-se inquieta diante deste cenário.

Embora seja muito comum, nos dias atuais, a criança utilizar o celular para falar com os pais, com os amigos, entrar nas redes sociais, ou fazer uso dele para as mais diversas finalidades, nota-se a necessidade de refletir de forma mais aprofundada, e, com base em pesquisas e estudos de diversas áreas do conhecimento, como essas novas práticas culturais estão impactando nos relacionamentos dessas crianças. Há três ou quatro décadas, as crianças falavam com seus pais e amigos através dos contatos presenciais/físicos ou através do uso de um telefone fixo, onde só havia a opção de voz e que, de certa forma, poucos segundos de conversa custavam muito caro, especialmente, se as ligações fossem a longa distância.

Para exemplificar a afirmação acima, citamos uma criança de nove anos de idade que chegou à sala de trabalho da pesquisadora, em horário de intervalo (do lanche), pedindo que

ligasse ao pai dela com a máxima urgência. Terminado o intervalo, a pesquisadora fez a ligação e o pai disse: – “Professora, ligo mais tarde, pois a ligação ficará muito cara para o Colégio, já que estou em Pequim/China”. Esse pai havia acabado de falar com o filho e agora estava falando com a profissional, como se estivesse na esquina do Colégio, da casa dele ou da empresa quando, na verdade, estava a milhares de quilômetros de distância. Até então, nada de anormal, uma vez que essa prática é muito comum na contemporaneidade. Porém, nesse momento, inquietações, enquanto profissional que presencia e vivencia essas situações em ambientes de trabalho vêm à tona, suscitando algumas reflexões.

Deparamo-nos com outras situações no ambiente de trabalho/colégio, que parecem típicas do momento atual, como, por exemplo, pais que chegavam ao colégio a qualquer momento, dizendo que o (a) filho (a) havia ligado ou mandado mensagens para ir buscá-lo, pois a criança estaria com dor de cabeça, passando mal. Algo que até recentemente não ocorria; pelo menos não dessa forma, ou seja, qualquer situação que acontecia com uma criança, especialmente em ambiente escolar, era a escola, através de seus profissionais, que fazia a mediação entre crianças e pais, comunicando e informando o fato através de um telefone fixo ou comunicação escrita, que era entregue na residência da família por um mensageiro da escola, ou através da própria criança.

3. METODOLOGIA

A pesquisadora, na tentativa de buscar compreender, pelo menos em parte, as questões acima citadas e, especialmente por suas inquietações, no presente estudo optou pela etnografia, cujo papel é captar as diferentes realidades, interpretar seus significados e reconstruí-los dentro do paradigma interpretativo, tendo como objetivo o entendimento e a reconstrução de uma realidade percebida, não se interessando por explicações genéricas ou previsões. Enquanto observadora e pesquisadora, busca-se, neste estudo, a apreensão de como essas crianças investigadas veem a realidade social que as cerca, apesar da pouca idade, da falta de maturidade e de responsabilidade perante muitos de seus atos. No estudo, pretende-se deixar de lado, dentro do possível, a ótica dos adultos ou aquela visão de cima para baixo, em que quem estabelece os moldes são os pais, a escola, etc., Trata-se de pensar sobre essas crianças, partindo do olhar delas, do entendimento delas próprias sobre a realidade em que vivem.

No primeiro contato com os informantes, alguns se mostraram um pouco tímidos, embora as mães já houvessem falado com eles e também autorizado sua participação. Para

transpor essa barreira, a pesquisadora falou-lhes que precisava de ajuda, ou seja, ouvi-los para melhor entender o que pensavam sobre as tecnologias de informação e comunicação, bem como a forma de usá-las, especialmente em relação ao contato com os pais e círculo social. Isso porque a pesquisadora conhecia somente a opinião dos pais e adultos em geral, além dos muitos estudos sobre o pensamento das crianças, apenas embasados na visão e compreensão dos adultos. Assim, elas ficaram bem menos tensas, demonstrando interesse em participar da pesquisa. Para tanto, a pesquisadora elaborou um roteiro, com várias questões, que foi sendo remodelado e ampliado durante todo o processo de coleta de dados, no sentido de que as questões investigativas pudessem manter a fluidez e um direcionamento produtivo da entrevista.

A maioria dos informantes, a partir de então, tornaram-se bastante falantes. Dois deles mantiveram-se mais introspectivos, falando um pouco menos, fazendo com que a pesquisadora tivesse que buscar outros contornos para que a conversa fluísse. Entretanto, isso ocorreu somente na fase inicial. Para eles, estar ao lado da pesquisadora, podendo participar de um projeto de pesquisa sobre si próprio, respondendo às perguntas, argumentando e fazendo parte de um grupo de certa forma seletivo, embora nem todos se conheçam pessoalmente, tornou-se importante para o status dessas crianças, ou seja, “estão ouvindo o que penso, estou podendo me expressar sobre o uso do celular.” Por exemplo, em um evento, Artur um dos informantes que estava acompanhado pelo avô materno, disse: – “Vô, fui convidado e estou participando de um projeto de estudo da professora. Estou falando sobre o que achamos das tecnologias digitais, e do celular. Quase ninguém dá importância para nossas opiniões”.

Alguns informantes, por vezes, tentaram direcionar a conversa, exigindo da entrevistadora o cuidado no sentido de redirecionar para o foco. Os entrevistados deram respostas a, praticamente, todas as perguntas.

Os encontros para entrevistas e observações foram realizados ao longo de treze meses, quase que semanalmente, ou seja: procurava-se marcar os encontros com as crianças em Cianorte/PR, cidade da pesquisadora, às segundas-feiras, às quartas-feiras e nos finais de semanas possíveis. Em Paranavaí/PR, às quintas-feiras e sextas-feiras, no período vespertino e aos sábados, no período matutino. A duração dos encontros variava entre quinze minutos, quarenta minutos, uma hora, chegando, algumas vezes, a ter uma duração de duas horas. Com algumas crianças, essas reuniões foram realizadas em suas próprias residências, sendo que, com a maioria dos informantes, foram realizadas em clubes sociais, nos horários de espera e

de saídas das aulas de tênis, de natação, de lutas. Também, em restaurantes, pizzarias, à espera e saída das aulas de inglês, etc. Vale observar que algumas conversas aconteceram de forma inusitada, porque a criança é que veio ao encontro da pesquisadora, buscando falar sobre novidades tecnológicas, etc. Ilustro uma dessas situações, com a fala de Artur, por exemplo: - “Você sabe que já saiu o modelo novo do seu celular?” - “você vai comprá-lo?”. A forma como Artur abordou a pesquisadora, procurando falar de celular, além de empática, pareceu bastante significativa, ou seja, como se ele quisesse dizer: “olha, estou disponível para conversar e também bem atualizado e atento em relação a avanços tecnológicos”.

A forma de responder ou de se expressar, em alguns momentos, surpreendeu a pesquisadora por serem respostas muito diferentes do que os pais ou adultos dariam. Ao perguntar, por exemplo, para algumas crianças sobre o uso do celular, além da comunicação com os pais e com os amigos, para o que mais elas utilizavam o celular? Gabriel, João Pedro, Artur, Bruno, Beatriz e Sara, responderam: - “para passar trote em amigos”; Rodrigo - “para saber tudo do Corinthians e contar para o meu pai”; e Isabela: - “para me distrair, quando estou numa festa chata”.

Bem no início do trabalho de campo, em certo encontro, a entrevista caminhou para uma boa conversa em dupla, apenas uma vez, pois Paula chegou com Bia que já estava participando da pesquisa e disse: - “não fui convidada, mas posso participar da sua pesquisa? Fiquei sabendo que você está fazendo um estudo sobre o uso dos celulares pelas crianças. Não que eu me ache criança (e sorria), mas achei bem interessante e gostaria de poder participar, de poder falar também”.

As conversas fluíram de forma leve e bem tranquila em direção ao tema estudado e foram direcionadas através de perguntas para que os informantes pudessem ir relatando o seu cotidiano. Eles tiveram, como eixos principais, o consumo de mídias/celular, influência nas decisões de compra do celular, percepção das crianças por preferências de marcas, aplicativos, personalização do aparelho, de formas de uso no cotidiano, especialmente, na mediação das relações parentais.

Escolheu-se um método dentro do paradigma interpretativo, pois se sentiu necessidade de entender o fenômeno do consumo e, principalmente, do consumo de celulares pelas crianças de forma mais ampla e aprofundada, porque se acredita que os estudos de consumo embasados no referencial antropológico, contribuirão para a presente investigação. Segundo Daniel Miller (2013), o consumo pode ser definido como o trabalho de recontextualização que translada um objeto da sua condição alienável para uma outra inalienável, e isto deve ser visto como um trabalho de construção cultural. Ainda, na

perspectiva dos estudos culturais, Miller destaca um caráter inovador da cultura material e do consumo e a inovação está ligada ao fato dessa perspectiva ser genericamente positiva, olhando o consumo como um meio de construção cultural e não apenas uma consequência do capitalismo.

Na análise das narrativas, optou-se por transcrever a fala dos informantes o mais fielmente possível. No decorrer do texto, os sujeitos da investigação serão identificados como informantes, crianças, “novas crianças”, participantes ou por nomes fictícios e, em nenhum momento aparecerão os nomes reais, imagens, fotos ou qualquer outro elemento que possa identificá-las. Isto, visando a manter os padrões éticos da pesquisa e seguir as orientações do Estatuto de Criança e do Adolescente no que concerne o Título I, Das Disposições Preliminares:

Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescentes aquela entre doze e dezoito anos de idade e do CAPÍTULO II, Do Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade, em seu Art. 16. O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: I – ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvados as restrições legais; II – à opinião e expressão e a responsabilidade.

Como os informantes demonstraram em suas narrativas não gostarem de ser chamados e nem considerados crianças, no texto, vamos chamá-los de novas crianças, isso porque, no Brasil, a legislação específica voltada à faixa etária dos participantes da pesquisa, denominam-nos “crianças”. Portanto, não seria adequado usarmos, no momento, outra denominação. E, pela lógica do grupo pesquisado, o termo não é bem correto, já que eles se percebem com características bem diferentes daquelas que eles consideram próprias de ser criança. E, pela perspectiva histórica e antropológica de que criança é um conceito construído social e culturalmente, sendo assim em constante transformação, observa-se que, na contemporaneidade, de certa forma, está ocorrendo uma reformulação desse conceito, na medida em que as novas crianças estão antecipando a sua entrada na adolescência e juventude, assimilando práticas culturais que influenciam os hábitos de consumo familiar. Consequentemente, despertam o interesse de corporações que desenvolvem produtos atraentes para este público cada vez mais exigente, principalmente, as tecnologias digitais.

Ainda para justificar o termo novas crianças, buscamos a segunda metade do século XX, em que a ideia de adolescência consolidava-se por meio de uma faixa etária que começava a requisitar para si, um modo específico de agir, viver, vestir e relacionar-se. A valorização desse período da vida ganhou interlocutores nas mais diferentes áreas. Tornou-se

objeto de estudo na Sociologia, na Medicina, na Pedagogia, na Biologia, na Psicologia, além de alvo de interesse das artes, das instituições governamentais, das políticas públicas, da imprensa. Sua estetização, sobretudo por meio das artes e da publicidade, permitiu que indivíduos de diferentes idades pudessem acessar os modos jovens de existência. É nesse contexto que vemos essas novas crianças: garotas e garotos instigados a negar as práticas da infância e aderir a modos jovens de existir e estar no mundo. Essas novas crianças parecem estar sendo constantemente chamadas a antecipar sua entrada na adolescência a partir de uma conduta comportamental, prescrita a elas por meio do consumo de bens materiais e simbólicos.

No Brasil, a partir do ano 2000 é que se começa a perceber a construção dessa categoria, segundo estudo de Renata Tomaz, *A invenção dos tweens: juventude, cultura e mídia*, Intercom-RBCC. São Paulo, 2014. Em outros países, segundo a autora, essa construção aparece bem mais cedo e com a denominação de “*tweens*”, embora, no Brasil, a mídias de forma geral também usem este termo. Hoje, nas mídias brasileiras, em todas suas formas, percebe-se grande destaque aos que vai se chamar no texto de novas crianças e o entendimento de que se trata de uma categoria etária, dotada de uma personalidade própria e relevante para o mercado, também se faz notório.

Foi escolhida a Etnografia, como ferramenta metodológica, uma vez que as crianças representam um grupo com particularidades próprias no que se refere à sua espontaneidade e pouca maturidade quando da condução de entrevistas. O uso da Etnografia, portanto, justificase por possibilitar a narrativa livre das crianças participantes, possibilitando à pesquisadora captar de suas palavras o que de fato é significativo.

A opção pelas entrevistas abertas surgiu após o encontro com a primeira criança participante que demonstrou desconforto em ver que sua fala estava sendo gravada. Ficou perceptível que ela não falava de forma espontânea. Ficou pensando e escolhendo palavras para se expressar, gaguejou algumas vezes, perguntou à pesquisadora, por diversas vezes, o que seria feito com aquela gravação, embora a pesquisadora já houvesse explicado. Enfim, foi desconfortável tanto para o pesquisando como para a pesquisadora.

Optou-se, pois, pelas entrevistas em forma de conversa aberta e informal, algumas vezes, falando simplesmente sobre as características do objeto/celular para poder chegar ao foco da investigação. Isso também se justifica, porque, segundo o pesquisador Daniell Miller (2013), é importante sentar-se com pessoas e escutá-las e uma das formas utilizadas é através da atenção aos objetos, que são menos ameaçadores. Essa direção foi tomada depois de muita

reflexão e até mesmo de certa angústia por parte da pesquisadora, pois ouvir com atenção as narrativas das crianças e depois, ao chegar em casa, imediatamente passá-las para o diário de campo, não foi tarefa nada fácil. Apesar de trabalhoso, depois de abandonar o gravador de voz, de deixar de lado qualquer forma de registro visível diante dos informantes, tudo fluiu de forma descontraída e prazerosa, pois a maioria das crianças foi muito além do tema da pesquisa, relatando particularidades bem interessantes do seu cotidiano. No desenvolvimento do trabalho em campo, algumas vezes, pontos de algumas narrativas tiveram que ser retomados em encontros posteriores a fim de confirmar e tirar dúvida sobre como a pesquisadora entendera e registrara os relatos.

Procurou-se, no decorrer da pesquisa, estar sempre atento à análise das narrativas, com base nos relatos coletados e nas observações, munidos de embasamento antropológico para reflexões sociais, com a finalidade de tentar evitar desvios ou distorções. No presente estudo, não se pretende assumir o lugar do nativo: “o que procuramos no sentido mais amplo do termo é conversar com eles, o que é muito mais difícil, do que se reconhece habitualmente” (Geertz, 1978, p. 23). Sabemos que será necessário ir além do que se ouve e observa, para podermos compreender a dinâmica do grupo de crianças em estudo, para que seja possível então penetrar em sua lógica interna, buscando o significado do consumo de celulares e as implicações nas relações de seu círculo social, especialmente, nas relações parentais. Segundo Clarice Cohn (2009), em sua obra – “Antropologia da criança”, o grande desafio para o pesquisador consiste em como apreender o ponto de vista da criança sobre a realidade social. Ainda, segundo a autora, as proposições infantis têm muito a ensinar sobre o pensamento adulto, tanto em suas propriedades cognitivas mais gerais, como em seus aspectos mais particulares. Esse interesse no ponto de vista da criança, sugerido pela autora, é também o que nos interessa neste trabalho. Entende-se, portanto, que o grupo escolhido é, unicamente, o universo a ser representado e que o presente estudo busca entender a lógica interna do grupo de crianças escolhidas.

Segundo Daniel Miller (2013), fazer um trabalho de campo para entender o consumo de celulares, através de uma etnografia convencional, é verificar o que os celulares nos levam a entender sobre as pessoas que os usam. Percebe-se, através da análise das narrativas e das observações, que as crianças utilizam os celulares como forma de estar no mundo, de pertencimento, de mediar suas relações e interações e, finalmente, como algo que é natural do seu cotidiano. Segundo o pensamento de Daniel Miller, nota-se que as crianças desenvolvem e mantêm, através do celular, sua rede de relacionamento com amigos e com os pais e, ao

mesmo tempo, desenvolvem um relacionamento de afetividade com a mídia e com o próprio objeto. Observa-se, nas narrativas, que todas gostam muito do objeto e que, pelo menos até o presente momento, segundo elas, não saberiam viver sem o celular e que não desejam trocá-lo por qualquer outro objeto tecnológico, a não ser que seja por outro aparelho, com tecnologias mais modernas e mais eficazes.

Como já mencionamos, as informações sobre este grupo de crianças foram coletadas através de observações realizadas pela pesquisadora na convivência cotidiana, ou seja, em todos os momentos possíveis, dentro e fora dos horários dos encontros marcados e de entrevistas, como normalmente são feitas na prática etnográfica. Segundo (ANGROSINO, 2009, p.56), “a observação é o ato de perceber as atividades e os inter-relacionamentos das pessoas no cenário de campo através dos cinco sentidos”. As observações tiveram início no momento em que a pesquisadora começou a selecionar as famílias, cujas crianças poderiam ser as possíveis participantes do estudo. Previamente, começamos a observá-las nos lugares já relacionados. Depois, entramos em contato, pessoalmente com as mães e explicamos os objetivos da pesquisa e também do porquê da escolha de um dos filhos para participar da mesma. Todas as respostas foram positivas, sendo que algumas mães deram a resposta via mensagem de texto ou ligação de voz, via telefone celular, devido à dificuldade de horários e compromissos particulares. Na maioria das respostas, já havia a definição de horário, dia e local para o encontro com a criança participante. Inicialmente, eram doze participantes, sendo que um deles, depois de toda a trajetória relatada, inclusive, após a realização de dois encontros, pediu para se retirar da pesquisa, alegando que o pai não queria que ele continuasse a participar. Na sequência, a mãe ligou e disse que devido ao processo de reconfiguração familiar pelo qual estavam passando, seria melhor que o filho não continuasse a participar.

Desde o momento da definição do objeto de pesquisa, todas as observações começaram a ser registradas, procurando descrever tudo com a maior riqueza de detalhes possível e, à medida que fomos ganhando e crescendo em experiência, começamos a distinguir e selecionar as questões mais relevantes e até as retomamos em alguns momentos da pesquisa. Durante o trabalho etnográfico, começamos a reconhecer padrões, condutas ou ações que são repetitivas, típicas ou características do grupo em estudo e deixamos de lado as ocorrências únicas ou eventuais. Procuramos, através das observações, descrever detalhes, minúcias da forma mais objetiva possível, evitando interpretações e inferências.

O processo de realização das entrevistas foi muito interessante e exigiu da pesquisadora muita reflexão, pois segundo (ANGROSINO, 2009, p.61), “A entrevista é um processo que consiste em dirigir a conversação de forma a colher informações relevantes. Assim, as entrevistas são uma extensão lógica da observação”. Procuramos desenvolver as entrevistas de forma interativa e empática, mas também sabendo da importância de ir além dos limites de uma conversa simplesmente amistosa com as crianças participantes. Procuramos manter tudo sob controle, com muita cautela e prudência, especialmente por se tratar de crianças ou sujeitos com particularidades específicas. Também, percebemos que a coleta de informações não é apenas um momento de acúmulo de informações, porém um momento que se combina com reformulações, com a descoberta de elementos novos que possibilitam serem elaboradas em novas conversas ou entrevistas.

Segundo Hawkins (1995), as entrevistas podem ser classificadas em profundidade, tanto individualmente como em pequenos grupos, quando se pretende uma análise detalhada do comportamento e atitudes do informante, bem como a compreensão de padrões complexos de decisão. O informante se expressa como quer e, assim, mostra uma visão de mundo, pois a ordem em que fala sobre os assuntos, define suas prioridades e pode haver a inserção de novos assuntos. O depoimento das crianças investigadas é o campo em que os significados são explicitados e, através desta interpretação, é possível perceber toda a riqueza de seus significados culturais.

4. REVISÃO DE LITERATURA

A fim de dar sustentação às questões propostas na presente investigação, acreditamos ser necessário fazer uma breve revisão de literatura. Geertz (1978) afirma que a teoria deve sobreviver às novas realidades que surjam, embora não sejam proféticas. O referencial teórico que embasa a interpretação de um fenômeno social relevante deve ser capaz de auxiliar diante da análise de novos fatos.

Ninguém deve ou pelo menos não deveria começar uma investigação sem uma fase teórica. (Geertz, 1978, p.37) alega que “as ideias teóricas não aparecem inteiramente novas a cada estudo; [...] elas são adotadas de outros estudos relacionados e, refinadas durante o processo, aplicadas a novos problemas interpretativos.”.

Segundo Miller (2013), o pesquisador que vai a campo, precisa estar munido de uma base teórica ou conhecimento e que toda vez que começa a produzir teorias muito abstratas, é

porque está na hora de voltar ao campo e, num dado momento, é preciso voltar a desenvolver um trabalho mais analítico. Salienta que há sempre uma tensão dialética entre teoria e análise, por um lado, e trabalho de campo, por outro. Dessa forma, o trabalho de campo mantém o pesquisador verdadeiramente envolvido com as pessoas de modo que as coisas façam sentido no âmbito teórico.

Para Miller, os pesquisadores da Cultura Material, inclusive ele, não buscam definições, mas, sim, coisas importantes e interessantes e, o que é importante e interessante, está sempre mudando. Com isso, o pesquisador também necessita de mudança. Ainda, segundo o autor, pesquisas em contexto de sociedade de consumo e de tecnologias digitais são positivas e desafiadoras, sendo uma nova oportunidade para compreender pessoas. Há uma dinâmica na qual as pessoas interagem com estas novas tecnologias e sobre a qual se podem tirar reflexões. O desafio de trabalhar com a velocidade da mudança, com a flexibilidade e mobilidade que caracteriza a sociedade atual, não significa não precisarmos de embasamento teórico. Também não significa que o pesquisador não possa desenvolver outras ideias teóricas que podem se tornar profundas e douradoras.

4.1 O FENÔMENO DO CONSUMO

Em trabalhos produzidos na área antropológica, percebe-se que o consumo não é algo construído meramente através de uma troca material, pois as relações que fundamentam o consumo mostram-se bem mais complexas e nos convidam a refletir sobre questões mais abrangentes, abordadas através das subjetividades dos sujeitos, dos processos criativos definidores de um estar no mundo.

Para Miller (2013), o consumo, na atualidade, é tema recorrente nos meios de comunicação de massa, nas famílias, nas escolas, nas empresas, no dia a dia dos grandes centros urbanos e há inúmeros caminhos para abordá-lo. As relações com o mundo material ganham novo contorno quando passamos a pensar sobre o mundo que nos envolve, não mais como um conjunto de coisas, de objetos inertes, mas como algo que tem vida, dinâmico, com poder de nos constranger, de aumentar as potencialidades do nosso corpo e ações, e de agir sobre nós.

Pela perspectiva do autor referenciado, as tecnologias, que antes eram tratadas como parte de uma cultura material inerte, atualmente, são fundamentais para o entendimento de como as crianças e as demais pessoas estão se constituindo diante das possibilidades de novas

sociabilidades e interações que se configuram através das redes de relacionamentos da internet, via celulares e das demais formas, que tornam conhecidos os mecanismos sociais através de novos objetos tecnológicos.

Segundo Morgan (2000), o consumo como toda a organização da sociedade, baseia-se no parentesco, e a circulação de bens é motivada por relações de reciprocidade entre parentes e aliados. É o que se pode constatar, no estudo em questão, quando os pais alegam que o objeto mais cobiçado, desejado e solicitado pelas crianças é o telefone celular, e que eles fazem o possível para presentear os filhos com o objeto. Percebe-se aí, o poder de influência dos filhos no consumo de produtos, sobre as famílias. Baudrillard (1968), nos leva a refletir sobre o que nos faz consumidores e como agimos. O consumo, dessa forma, seria também um elemento de “distinção social”, segundo Pierre Bourdieu (1979). Canclini (1999), também destaca a ideia de distinção em relação aos bens de consumo, ou melhor, à lógica que domina a apropriação de produtos de distinção, como um *iPhone 6* ou um *Samsung Galaxy S4* ou *S5*; não é a satisfação de necessidade das crianças, no caso da nossa etnografia, uma vez que a necessidade poderia se concretizar com a posse de um telefone celular de qualquer outra marca e com menos tecnologia. No entanto, elas sonham e querem o celular que está em evidência, que é de última geração. De acordo com o autor, isso ocorre porque o objeto, no caso específico, o telefone celular tem significados simbólicos que a racionalidade econômica não alcança. O que está em jogo nesse caso é a distinção, é o prestígio. Por esse prisma, o consumo de celulares reflete o modo como essas crianças estão se integrando e se distinguindo na sociedade.

Mary Douglas e Isherwood (2006), falam do consumo como uma espécie de linguagem, assumindo que existe uma gramaticalidade nas trocas e que essa gramaticalidade possibilita às pessoas que estabeleçam ou não interlocuções entre si, a partir dos significados simbólicos que circulam na sociedade, associados aos bens. Portanto, por essa perspectiva, podemos pensar no consumo como organizador cultural. A maneira como as essas crianças interagem nas práticas de consumo, evidencia formas de representação de si, pois o fato de usarem os objetos da cultura material, como o celular, para representar algo, ou para passar mensagens para os pais e para seus pares, de alguma forma, estão solidificando a imagem que fazem de si mesmos.

No universo do consumo, também se constroem identidades. Esse processo pode ser considerado no contexto das crianças pesquisadas, na medida em que podemos pensar em

crianças da contemporaneidade, aprendendo e se relacionando com determinadas marcas de produtos, desde muito pequenas e experimentando estímulos que lhes são oferecidos, tanto pela publicidade, como nas interações com as outras crianças ou com os adultos de forma geral. Para Don Slater (2002), o consumo é um processo social, conectado às questões significativas das nossas vidas cotidianas, com questões centrais da nossa sociedade e época, sendo que uma das questões centrais da contemporaneidade é o consumo das tecnologias de informação, de comunicação e de interação. O consumo, portanto, está relacionado à forma pela qual devemos ou queremos viver, com questões de como a sociedade é, e deveria ser organizada, com a estrutura material e simbólica dos lugares em que vivemos e a forma como nele vivemos.

Segundo Daniel Miller (2013), o consumo é um trabalho de recontextualização que translada um objeto da sua condição alienável para outra inalienável, e isso deve ser entendido como um trabalho de construção cultural. O consumo é um meio de construção cultural e não apenas uma consequência do capitalismo. Ele destaca, ainda, a necessidade de ultrapassar a imagem simplista de consumo “mau” e “bom”, passando a vê-lo simplesmente como um processo de *objetificação*, um uso de bens e serviços no qual o objeto ou atividade tornam-se, simultaneamente, uma prática no mundo e uma forma pela qual construímos os entendimentos de nós próprios no mundo, enfatizando que, na perspectiva da cultura material, o consumo pode ser utilizado para entender a nossa humanidade.

A Cultura Material, segundo Daniel Miller (2013), busca uma melhor compreensão do lugar dos objetos na sociedade e, portanto, faz-se necessária uma abordagem global das relações entre as pessoas e as coisas. Ele abstrai do esquema progressivo de Hegel (1870), o conceito de *objetificação* – entendido como um processo dinâmico pelo qual um dado sujeito se desenvolve através da sua projeção num mundo externo e da subsequente reapropriação dessa projeção. O termo “alienação”, utilizado por Hegel (1870), deve ser entendido no sentido de “ação de se tornar o outro”. É o momento em que o sujeito exterioriza-se e aparentemente se perde no objeto fabricado ou na relação com o outro, para, em seguida, reapropriar novas dimensões de sua subjetividade por um distanciamento do objeto ou do outro. É esse processo total, pelo qual o sujeito e o objeto constroem-se juntos e um para o outro, que Miller (2013) denomina pelo neologismo, *objetificação*. O celular, por exemplo, dado a uma criança, preexiste a ela. Porém, o celular como objeto de uso da criança, só será construído como tal, pela própria criança, ou seja: ela inventará os cenários ou contextos em que irá usá-lo e definirá a finalidade, o objetivo ou o sentido do uso do celular. É nessa

invenção, apropriação que reside a construção recíproca do sujeito e do objeto, ou seja, da criança e do celular. Sem a criança, o celular não passaria de coisa ou objeto. E é nesse sentido que a Cultura Material, segundo Miller, direciona a nossa atenção aos elementos mais fundamentais sobre o que queremos dizer quando falamos sobre seres humanos.

4.2 CRIANÇA: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL

Atualmente, a criança situa-se como um sujeito que detém seu espaço na sociedade, um ator social exigente, questionador, com leis, programas televisivos e ciências dedicadas a elas. O conceito de criança, porém, é extremamente moderno. Num rápido percurso histórico, percebe-se que o conceito de criança está em contínuo processo de transformação. Segundo o historiador Áries (1981), na fase da História Antiga e Medieval, o sentimento da infância não existia, o que não significa que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas.

De acordo com Áries (1981), as crianças eram vistas, nos séculos XIV e XV como um adulto em miniatura. O tratamento social dispensado à criança era o mesmo que ao adulto. Ser criança era um período breve da vida, pois logo se misturava aos mais velhos. Elas participavam de todos os assuntos da sociedade, adquiriam o conhecimento pela convivência social. Adultos, jovens e crianças misturavam-se em toda atividade social, ou seja, nos divertimentos, no exercício das profissões e tarefas diárias, no domínio das armas, nas festas, cultos e rituais. O cerimonial dessas celebrações não distinguia as crianças dos adultos, até porque esses grupos sociais estavam pouco claros em suas diferenciações.

Nesse aspecto, o serviço doméstico confundia-se com a aprendizagem, consistindo em uma forma de educação da criança. A passagem pela família era rápida e insignificante. Geralmente, a partir dos sete anos, as crianças iam viver com outra família para serem educadas. Pelos estudos de Áries, percebe-se que não havia uma educação letrada. As crianças eram entregues às famílias, muitas vezes, desconhecidas, ou vizinhos, para prestarem serviços domésticos ou aprenderem algum ofício. Elas entravam logo no mundo adulto e não dependiam tanto dos pais. Estes, sim, dependiam delas, pois quanto mais filhos, mais braços para trabalhar. Devido à situação de fome, miséria e à falta de saneamento básico pelas quais as pessoas da Idade Média passavam, a taxa de mortalidade infantil era muito alta. A morte de uma criança não era recebida com os mesmos sentimentos como acontece na contemporaneidade. Rapidamente, a tristeza passava, e aquela criança era substituída por outra para cumprir a função já pré-estabelecida. Essa realidade demonstrava que não havia

muito tempo por parte dos pais para dar carinho às crianças. Ainda, de acordo com estudos do período, o amor dos pais pelos filhos era seletivo. Com a regra de primogenitura, o filho mais velho deveria ser o único herdeiro após a morte do pai. Excluía-se, dessa maneira, os demais filhos. Os pais sempre preferiam filhos do sexo masculino ao invés do feminino. Não viam vantagens financeiras em ter uma filha, mas, sim, preocupações; exemplo disso é o dote.

A partir do final do século XVI e durante o século XVII, na Europa, a criança passa a ser percebida como um ser diferente do adulto. Começa a despertar um sentimento um pouco distorcido, uma vez que a criança era vista como objeto lúdico dos adultos. Assim, dentro dessa nova construção moderna, são soterradas as concepções de criança como um adulto anão ou em miniatura e que, gradativamente, foi cedendo lugar para a afirmação da criança como uma construção social.

O Iluminismo na Europa inaugura a preocupação com essa questão por meio de estudos e pesquisas. Nessa direção, era necessário formar o “novo homem”. A escola entra não só com o papel fundamental de, simplesmente, educá-lo, como também de libertá-lo da ignorância e do caminho do mal. Os adeptos do Iluminismo acreditavam que a razão humana deveria dominar acima de tudo e de todos. Entretanto, as instituições educativas seriam responsáveis por desenvolver o potencial destes, preparando-os para a vida e para o trabalho. Além disso, lançavam olhares sobre a criança como um animalzinho de estimação, um ser irracional, que vivia de acordo com os pensamentos e desejos dos outros. Ela não era percebida como “ser” com capacidade de pensar, querer e sentir. Também se percebe que a educação escolar não era entendida da mesma forma e aplicada com a mesma qualidade para as crianças de todas as camadas sociais, durante o período moderno. Os filhos dos burgueses eram preparados para ocupar os altos cargos, e os de famílias pobres, muitas vezes, não chegavam a ir à escola e, quando a frequentavam, eram treinados para os trabalhos secundários como de carpinteiros, pedreiros ou agrícolas.

Com a Revolução Industrial, a escola estendeu-se a todas as camadas sociais, com a missão de educar as crianças para o trabalho, impondo-lhes uma mentalidade de obediência e disciplina. Nas fábricas, além da inserção do trabalho da mulher, constata-se a presença de crianças, representando mão-de-obra barata, disciplinada e com baixo poder reivindicatório. Nos tempos modernos, a escola torna-se uma instituição, de fato, enquanto espaço reservado à proteção das crianças. As atividades de trabalho infantil, que sempre estiveram presentes na sociedade europeia, sejam elas domésticas ou agrícolas, continuaram acontecendo, após a

Revolução Industrial. No entanto, a escola acabou camuflando essa prática. Essas mudanças, na concepção de infância, escola e família, estavam relacionadas a uma cristianização profunda dos costumes e dos valores, dando início ao processo de construção do indivíduo moderno.

Para a nova sociedade que surgia, impulsionada pelo capitalismo industrial e o liberalismo, a criança passa, então, a situar-se numa nova efetividade social enquanto consumidor. O mesmo aconteceu em relação ao desenvolvimento tecnológico, mais nítido a partir do século XX. Nesse novo contexto social, político, econômico, enfim, em todas as dimensões em que se insere o homem, surge um diversificado mercado de produtos para as crianças, como: programas de televisão, desenhos animados, jogos eletrônicos, roupas, alimentos e brinquedos eletrônicos diversos. No final do século XX, começa a ganhar destaque, entre as crianças, o desejo pela posse de objetos tecnológicos, ligados à informação, comunicação, ou seja, aos telefones celulares.

Do ponto de vista histórico, a concepção de criança deve ser analisada, observando os diversos contextos sociais, culturais e econômicos existentes. Enfim, através desse pequeno recorte histórico, nota-se que a ideia de criança vem sendo construída e pensada pelos homens de acordo com as necessidades sociais de cada momento histórico. Portanto, a infância é uma construção cultural da sociedade, sujeita a mudanças sempre que ocorrem importantes transformações sociais. A criança passou a ser observada no contexto histórico-social em que está inserida e como agente ativo na construção de sua própria história.

Por essa perspectiva busca-se compreender qual o recurso que a cultura contemporânea disponibiliza para que cada um se torne alguém. As crianças, especialmente, as da pesquisa, já aderiram a práticas sociais e culturais que lhes permitem experimentar novas formas de ser e estar no mundo. Percebe-se que as alterações socioculturais das últimas décadas parecem sinalizar sintomas de surgimento de uma nova categoria etária ou de um novo ser, que alguns estudiosos chamam de pré-adolescente ou *tweens*. Mas não se trata apenas de desnaturalizar a infância.

Para a Antropologia, o tema sobre criança causou certo desconforto por esbarrar em questões que dizem respeito a mecanismos cognitivos e ciclos de desenvolvimento, supostamente universais. Este assunto foi, muitas vezes, deixado para a psicologia e para as ciências da educação.

A partir da década de 1960, surgem reformulações e novas visões para conceitos centrais no debate antropológico, favorecendo, assim, o estudo sobre “crianças” de uma forma inovadora. Segundo (COHN, 2009, p.19), “[...] o conceito de cultura, de sociedade e de agência ou ação social” foram pontuais para mudanças na área antropológica. Dentre essas mudanças, conforme Cohn (2009), a cultura passa a ser entendida não mais como sendo os valores ou as crenças, mas aquilo que os conforma, e o que os conforma é uma lógica particular, um sistema simbólico, acionado pelos atores sociais, enquanto que a sociedade passa a ser vista como um conjunto estruturado em contínua produção de relações e interações. Com a revisão do conceito de sociedade, o papel do indivíduo também o é, ou seja, o indivíduo não é mais considerado um receptáculo de papéis e funções, passando a ser considerado como ator social que atua na sociedade, recriando-a a todo o momento.

A partir dessa nova configuração social e cultural, o campo dos estudos da criança em Antropologia ganha novo enfoque ou compreensão. Segundo (COHN, 2009, p.22), a antropologia da criança, passou à compreensão de que “[...] o que é ser criança, ou quando acaba a infância, pode ser pensado de maneira muito diversa em diferentes contextos socioculturais”. A partir de então, a antropologia da criança inicia um processo de apreensão dessas diferentes formas de ser criança e, inclusive, o de deixar de ser criança em diferentes contextos, procurando compreender com maior amplitude os universos autônomos e a autonomia do mundo infantil. Analisar e ver o mundo infantil não mais como um reflexo do mundo adulto, mas, sim, como um mundo ou universo qualitativamente diferente é o que deve, de fato, interessar.

Diante desse novo paradigma, ganham destaque as investigações que trazem contribuições sobre a cognição, o raciocínio e a aquisição da linguagem, investigações que têm em comum a compreensão da capacidade infantil de aprendizagem. Um estudo que ganha destaque nesse novo paradigma, trazendo contribuições à concepção moderna de infância é o de (WALKERDINE, 1995, p.22) que “o pensamento é produzido em práticas específicas, com relações específicas de significado, sentido e emoção”. Porém, as escolas e a sociedade tendem a universalizar os significados, em raciocínios lógicos, com objetivo de produzir verdades sobre as crianças. Walkerdine sugere que há necessidade de rever esses conceitos e procurar conhecer as crianças para além dos conhecimentos produzidos pelas ciências humanas e sociais, especialmente, pela psicologia do desenvolvimento.

Nessa mesma vertente, os estudos de Christina Toren (1993), não se podem separar cognição do social e o afetivo do social, pois são aspectos inseparáveis e dialeticamente relacionados. Ela apresenta a ideia de que a cognição é social e historicamente construída, considerando a não passividade da recepção dos valores e atributos sociais pelas crianças.

Enid Schildkrout (1978), em seus estudos da criança em Hausa, destaca que as crianças não têm que observar muito as regras que regulam o comportamento dos adultos, especialmente, no que se refere a gênero. Aos adultos a sociedade impõe uma separação radical de gêneros. As crianças podem ter contato com o universo masculino e feminino na infância, podendo circular livremente pelas casas e, na sociedade de Hausa, a separação de gêneros, no mundo adulto, só permite a essa sociedade funcionar com a intermediação das crianças. A infância, nessa sociedade, é qualitativamente diferente do mundo adulto, ou seja, as crianças participam ativamente da sociedade, sendo o elo de comunicação entre o mundo dos adultos, separado pelo gênero.

Em relação aos estudos sobre Socialização, também se pode falar de Florestan Fernandes (2004), em “As trocinhas” do Bom Retiro. Através de abundante material etnográfico, o autor descreve as brincadeiras de grupos de crianças, na sua maioria, filhos de imigrantes, seus rituais de ingresso e formação dos grupos, as disputas de espaços, as relações de gênero, raça e sexo e a criação de suas regras particulares, não caracterizando a intervenção dos adultos, mas criação das próprias crianças. Conclui-se que, por meio das crianças, os pais (estrangeiros) apropriam-se da cultura brasileira, sendo o folclore infantil um elemento de socialização da criança e, indiretamente, dos adultos imigrantes.

Ainda pela perspectiva dos estudos de Socialização, Delande (2003), ao escrever sobre as culturas infantis, traz a inteligibilidade das crianças que mostram, frequentemente, saber não apenas o que os adultos lhes permite conhecer. Seus estudos sugerem a existência de um saber infantil, transmitido de uma geração à outra, considerando-o não como um meio para se tornar um adulto competente, mas como uma necessidade de integrar-se ao grupo de pares.

Clarice Cohn (2009), em seus estudos, tem se aproximado do legado de Marcel Mauss, quando sustenta que, para compreender o que vem a ser uma criança (e, por conseguinte, um adulto), é antes preciso compreender, para a sociedade em que se estuda o que vem a ser uma pessoa. Este ponto torna-se bastante claro quando a autora apresenta, sucintamente, sua experiência com os Kayapó Xikrin (Pará). Ela aponta, entre eles, diferentes processos que atuam na fabricação da pessoa, indo desde a intensa atividade sexual, no

período da gestação (necessária, segundo os Xikrin, para a constituição do bebê), até os cuidados para que a alma não se desprenda do corpo (o que acarretaria a morte), passando também pelas práticas de nomeação.

Segundo Cohn (2009), os Xikrin levam a sério a divisão dos indivíduos por categorias de idade; o que define um adulto, propriamente dito, é o fato de ele possuir filhos. Antes disso, um indivíduo permanece criança, ser incompleto que pode tudo, mas que ainda não é. Para Cohn (2009), avaliando alguns estudos realizados, a criança seria deslocada da condição de objeto de uma reflexão nativa para a de sujeito de sua própria ação e reflexão.

A criança, segundo a autora, atua na criação de relações sociais e nos processos de aprendizagem e produção de conhecimento. A partir de sua interação com outras crianças, por meio de brincadeiras e jogos ou com os adultos, elas acabam por constituir seus próprios papéis e identidades. Para a autora, o grande desafio para uma Antropologia da criança, consiste em como apreender o ponto de vista da criança sobre a realidade social em que vive. Para (COHN, 2009, p.33) “A criança não sabe menos, ela sabe outra coisa”. As proposições infantis, por absurdas que possam parecer, têm muito a ensinar sobre o pensamento adulto, tanto em suas propriedades cognitivas mais gerais como em seus aspectos mais particulares. Pensar a criança ou as crianças da pesquisa sob esse prisma parece ser um novo desafio teórico bastante atraente.

4.3 TECNOLOGIAS, PESSOA E RELAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE.

Desde os primórdios, a utilização das tecnologias promove mudanças na constituição do Homem, influenciando seu comportamento, sua cultura, suas relações sociais e sua subjetividade. Na presente investigação, estamos enfatizando “noção de pessoa” enquanto unidade social e biológica, em que, na sequência, poderemos notar que o deslocamento da “noção de pessoa” ou de indivíduo, pelo consumo e utilização de tecnologias, dá início a uma busca pela simbiose - corpo-máquina.

Inicialmente, buscamos, na Antropologia, uma base para melhor analisarmos a relação entre o Homem e as tecnologias. Segundo Consentino (2006), as tecnologias atuais consistem em uma sucessão de desdobramentos das ferramentas, fabricadas pelos nossos ancestrais coletores e caçadores. A capacidade de produzir e utilizar ferramentas não é exclusividade do *Homo Sapiens*, pois outras espécies como primatas, demais mamíferos e até algumas aves também possuem essa habilidade. O uso dessas ferramentas/tecnologias propiciou uma

modificação na dieta - anteriormente herbívora - e fez com que aumentassem as fontes de energia, resultando na maior expansão e evolução do cérebro.

As primeiras ferramentas fabricadas pelo Homem estavam basicamente relacionadas à alimentação e serviam para cortar a carne e desossar carcaças. Dessa forma, a criação e o uso das ferramentas alteraram e intensificaram o conhecimento, bem como as trocas sociais, visto que o Homem é uma espécie que se organiza em sociedade. A evolução biológica, as formas de organização social, a fabricação de ferramentas, a evolução cultural e a transmissão de conhecimentos são fenômenos interconectados, em que um aspecto influencia e é influenciado pelo outro de maneira sistêmica. Portanto, podemos afirmar que as inovações tecnológicas, de um modo geral, produziram e continuam produzindo um “novo Homem”, já que essas foram (e são) capazes de transformar tanto o ambiente quanto o comportamento ao longo do processo evolutivo de nossa espécie. Segundo Miller (2013), as tecnologias e, especialmente as digitais, são coisas importantes e interessantes e, o que é importante e interessante está sempre mudando, transformando-se e recriando novas realidades. Essas inovações e transformações tecnológicas são desafiadoras e, na verdade, apresentam-se como uma nova oportunidade para compreender as pessoas e a forma como estão se constituindo e relacionando-se.

Segundo Foucault (1995), o sujeito é resultado das relações de poder, sinalizando que a concepção moderna de indivíduo nada mais é do que uma unidade construída artificialmente. Com esse pensamento, Foucault (1995) desconstrói o sujeito moderno, pois entende que o que o constrói são as diferentes formas de subjetivação, efetuadas pelos discursos de poder de caráter coercitivo que envolve a sociedade. Foucault vai além; para ele, o homem não passa de uma “brecha na ordem das coisas”, já que “[...] não passa de uma invenção recente, uma figura que não tem dois séculos, uma simples dobra desse nosso saber e que desaparecerá quando este houver encontrado uma forma nova” (FOUCAULT 1995, p.13).

Pela perspectiva de que o Homem é um ser recente e, que este ser, que veio se constituindo desde a modernidade, e está se transformando ou ganhando uma nova configuração na contemporaneidade, é que situamos essas novas crianças como parte de uma nova categoria etária emergente. Como um exercício de reflexão, a contemporaneidade num sentido foucaultiano, entende o atual, o novo, como a diferença entre o que fomos e o que somos, não buscando causa e efeito, mas, sim, um diagnóstico do presente. Isso nos permite

constatar que elementos culturais do nosso tempo estão possibilitando a constituição dessas novas crianças.

Por essa perspectiva, as crianças da pesquisa podem ser consideradas filhas das primeiras décadas do século XXI, de um período específico, ou seja, é uma criação que não teria lugar em outro momento ou sociedade, nascidas de um discurso que revela jogos de poder. As condições de visibilidade de suas práticas são históricas e não inerentes. Não se trata, todavia, de algo que estava oculto e foi revelado, mas de uma possibilidade que vem se concretizando a partir de uma nova configuração sociocultural, em uma época e contexto específicos.

Referindo-se às relações e tecnologias na atualidade, Turkle (1977), sugere que usemos nossas relações com a tecnologia para refletir acerca do humano, pois em um ambiente no qual “os seres humanos se confundem cada vez mais com a tecnologia e, uns com os outros, através dela, as velhas distinções entre o que é especificamente humano e o que é especificamente tecnológico tornam-se mais complexas” (TURKLE, 1977, p.30).

Na contemporaneidade, é inegável que as chamadas novas tecnologias de informação, comunicação e interação possibilitam ampliar as reais capacidades do corpo. As novas tecnologias, e outras não tão novas assim, são dessa forma vistas como extensão do corpo humano, segundo Macluhuan (1995). A *web*, por exemplo, e todas as tecnologias correlatas sinalizam a extensão do ser humano como jamais se poderia imaginar, em que o homem integra-se e conecta-se ao imaginário coletivo de toda humanidade. Nesse contexto, a abrangência, a complexidade e a disposição em rede definem a forma de pós-humanidade e sugerem uma concepção informacional de humanidade, em cujo centro está o homem pós-orgânico, desafiando as fronteiras entre o natural, o biológico e a técnica.

Seguindo esse raciocínio, acredita-se que o uso de tecnologias móveis, especialmente, o uso dos telefones celulares, vem demonstrando o quanto as crianças do estudo estão se tornando cada vez mais dependentes da tecnologia, uma vez que o celular tornou-se parte deles. Nos últimos encontros da pesquisa, por exemplo, solicitamos aos informantes, no mínimo, dois números de telefones de amigos, da casa de tios ou dos avós, buscando só pela memória. Praticamente, todos eles pensaram um pouco e depois tiveram que olhar na agenda de contatos do celular para dar a resposta. Até fizeram tentativas de falar, mas erraram um dígito ou mais. A única exceção foi Artur que respondeu corretamente e sem olhar na agenda de contatos. Em outro momento, solicitamos os horários de aula em um determinado dia da

semana. Das onze crianças, apenas três responderam sem olhar primeiro no celular. As demais precisaram conferir nos arquivos do celular.

Segundo Caron e Caronia (2007, p. 76), “muitas vezes, nos tornamos um só com a tecnologia, pois, na medida em que levamos os telefones celulares para todos os lugares, estes se tornam parte de nossas vidas de uma maneira relativamente íntima”. De fato, observamos que as crianças entrevistadas levam o celular para todos os lugares, ou melhor, como elas mesmas dizem, não desgrudo do meu celular por nada.

Ao longo da evolução histórica da humanidade, filmes com cenas ou imagens da tecnologia, interagindo com o humano, sempre despertou interesse, encantamento e, por vezes, medo. Ao deslocar o lugar do natural e do artificial na cultura contemporânea está possibilitando a configuração de um “novo homem”, que Haraway (1991, p. 149) denomina de *ciborgue*. Segundo Haraway, que introduziu essa questão dentro dos estudos da cultura, o *ciborgue* é definido como “um híbrido de máquina e organismo, uma criatura da realidade social tanto quanto uma criatura de ficção de mundo em mudança”. Segundo ela, nesse raciocínio, as fronteiras entre realidade social e ficção científica tornam-se ilusão de ótica, pois a miniaturização e a portabilidade, características típicas das tecnologias móveis, como os celulares, mudam nossa experiência sensorial do mundo e mesmo nossa inserção nas redes virtuais.

Segundo a pensadora, a figura do *ciborgue* problematiza não apenas o hibridismo da carne e do metal, mas também onde termina o humano e começa a tecnologia ou onde começa o pós-humano, caso da pesquisa. Essa nova criança, de acordo com Haraway (1991), usuária do celular, também pode ser enquadrada na condição de *ciborgue*. O conceito de *ciborgue* parece atualizar o processo de deslocamento do conceito de pessoa em sua relação com a sociedade, pois não temos mais os mesmos corpos que em outros tempos. É nesse contexto, entre o que vínhamos sendo e o que estamos nos tornando, que a tecnologia surge como uma das condições de possibilidades dessa passagem.

De acordo com a autora, há duas práticas ou formas de intervenção tecnológica no homem contemporâneo: a primeira é a intrusão da tecnologia dentro do corpo humano, através de manipulação genética e construção de artefatos miniaturizados e biocompatíveis, que nele são introduzidos; a segunda e, que nos interessa na pesquisa, é a que permite a ramificação do corpo no espaço externo, ou seja, os dispositivos tecnológicos, situados fora

ou na superfície dos corpos, os quais multiplicam as suas capacidades de expressão, de afecção e de conexão, muito além da pele e dos limites de espaço e, mesmo, de tempo.

O exemplo de intervenção no corpo, agora *ciborgue*, é proporcionado pela combinação do humano com a ecologia das mídias. A combinação do humano com o não humano, no que se refere aos telefones celulares, encontra, nos imaginários a respeito das tecnologias que circulam na publicidade e na *web*, uma instância significativa que dá conta da sua potência. Observa-se, por exemplo, uma das campanhas publicitárias das *Casas Bahia*, veiculada na TV em rede nacional, sugerindo que a combinação humano - não humano já transcende o imaginário da ficção científica para chegar ao imaginário popular. No filme publicitário, uma professora ensina aos alunos, durante uma aula de ciências, que o corpo humano é dividido em “cabeça, tronco, membros e telefone celular”.

O uso das tecnologias de informação e de comunicação conectadas à *web* vem influenciando significativamente as relações humanas, sobretudo no que se refere à comunicação. O conhecimento que adquirimos, por intermédio de nossas relações com o meio, também influencia a percepção de naturalidade da mídia e faz com que o Homem aprenda diferentes formas de comunicação, apesar da estranheza que inicialmente possa sentir. Isso mostra que o Homem é capaz de adaptar-se biologicamente às transformações promovidas pelo rápido desenvolvimento das tecnologias. Portanto, as tecnologias influenciam o Homem assim como o Homem também influencia o desenvolvimento das tecnologias.

Na mesma direção, Marcondes Filho (2001), sugere que as tecnologias marcam a cultura e nos influenciam de forma inevitável, a humanidade não poderá e nem desejará se desvencilhar dos equipamentos, sistemas e processos. Segundo o autor, esses equipamentos já fazem parte de nosso cotidiano e perpassam nossas relações tanto na dimensão presencial, quanto na dimensão virtual.

Nicolaci da Costa (2005), a respeito da constituição desse sujeito que transita entre a dimensão virtual e presencial, na contemporaneidade, ela o descreve como um sujeito que:

“Está disposto a experimentar novas formas de ser; [...] um sujeito que, por meio de sua escrita e não de seu corpo, habita vários espaços [...] e ganha acesso a diferentes realidades; [...] um sujeito que pode construir diferentes narrativas [...] a respeito de si mesmo; [...] um sujeito que se submete a um constante processo de definição e redefinição das fronteiras entre as esferas do público e do privado; [...] um sujeito que está tendo dificuldades para encontrar novas fórmulas

com que se proteger dos excessos gerados por sua constante mobilidade e exposição à diversidade; [...] um sujeito cada vez mais singular” (Nicolaci da Costa, 2005, p. 81,82).

No trânsito entre a dimensão virtual e presencial, essas crianças demonstram, através de seus relatos, estarem buscando formas de ser, ou seja, através da mediação dos celulares e do uso da linguagem virtual e, não da forma presencial ou física. Elas parecem ocupar vários espaços, criando diversos perfis nas redes sociais, e ao mesmo tempo, que parecem estar ampliando suas esferas de relacionamentos e o sentimento de pertencer e de ser, estão se expondo. Estão possibilitando o mapeamento de seus dados, de suas características, dos seus gostos e interesses tanto para o mercado, quanto, para aqueles que têm interesses ilícitos ou criminosos. Nas narrativas de quase todos entrevistados, eles dizem que tiram fotos do quarto e de qualquer ambiente interno da casa e postam nas redes sociais que compartilham. Percebe-se que aquela privacidade existente na disposição e ocupação dos ambientes internos de uma casa está se tornando, pelo menos no grupo estudo, públicos.

Na contemporaneidade, as inter-relações humanas perpassam o mundo virtual e o presencial, uma vez que ambos interconectam-se e se influenciam mutuamente. As inovações tecnológicas criam e recriam realidades, deixando marcas nas culturas e influenciando novas formas de pensar, agir e de “estar no mundo”.

4.4 ALGUNS ESTUDOS SIMILARES

Antes da análise das narrativas, relatos ou depoimentos propriamente ditos, lembramos que a investigação justifica-se pela importância do estudo do consumo de tecnologias de informação e de comunicação para o entendimento da condição humana na contemporaneidade. Realizamos para isso, a busca em diversas fontes de pesquisa, tais como os bancos de dados da CAPES, disponíveis na Internet e dos Programas de Pós-Graduação de diversas universidades, para tomar conhecimento de trabalhos relativos ao tema. Nas buscas realizadas até abril de 2014, encontramos significativos trabalhos nas áreas de Direito, Psicologia, Comunicação, Marketing, Administração e Educação. Na área de Comunicação, destacamos a tese de Adriana Souza e Silva, defendida em 2004, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em sua investigação, a autora analisa a transição de sociabilidade e de comunicação do ciberespaço para o que chama “espaços híbridos”, argumentando que as tecnologias móveis de comunicação, principalmente os telefones celulares, são responsáveis pela produção de novas redes sociais em um espaço que interconecta o físico e o virtual, devido à mobilidade contínua de seus usuários.

As pesquisas de André Lemos, da Universidade Federal, na Bahia, na área da comunicação, que tem se interessado pela análise das intersecções entre tecnologias que transformam os telefones celulares em “mídias locativas”, como o GPS (LEMOS, 2007; 2008). Vale destacar também o trabalho de Fabiana Verza com a dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em dezembro de 2008, que, a partir da perspectiva psicossocial, a autora investiga o fenômeno do uso do celular na adolescência e sua repercussão na família e grupo de amigos. A sua tese foi dividida em dois artigos, sendo que o primeiro artigo trata-se de um levantamento sobre o uso do celular, descrevendo o panorama da telefonia móvel no Brasil, salientando o papel do jovem e da família no processo de difusão dessa tecnologia no país. O segundo artigo apresenta os resultados da investigação com 534 adolescentes de ambos os sexos, com idade entre 12 e 17 anos, de escolas públicas e privadas de Porto Alegre. Também na área da Psicologia, merecem destaque os trabalhos que a pesquisadora Nicolaci da Costa (2006; 2007) vem desenvolvendo com foco sobre o papel do consumo de telefones celulares nas sociabilidades dos adolescentes das camadas médias.

Na área de Ciências Sociais, destacamos a dissertação de Francisca Silva do Nascimento, da Universidade Federal do Ceará, defendida em 2004, em que a autora, na perspectiva sociológica, analisa e compara o consumo de celulares entre adolescentes de camadas populares e médias da cidade de Fortaleza, a partir de questionários e também da análise de anúncios publicitários. Na perspectiva sociológica, podemos citar também a dissertação de mestrado, apresentada na UNICAMP, onde o autor Vicentin (2008) explora o consumo de celulares a partir de duas vertentes: Na primeira, ele investiga a constituição das redes de telefonia celular para, a partir de propriedades técnicas do aparelho e da rede em que se insere, considerar os limites e possibilidades daquilo que chamamos mobilidade celular; na segunda vertente, Vicentin, realiza uma revisão teórica do consumo, apontando o papel dos celulares em lutas simbólicas por poder e distinção.

Na Antropologia, destacamos o artigo de Sandra Rubia da Silva, setembro/2010, em que a autora filia-se, teoricamente, aos estudos do consumo como cultura material, baseando-se nos trabalhos desenvolvidos por Daniel Miller (1987; 2010), no qual a proposta da autora é analisar o consumo de telefones celulares em sua intersecção com as dinâmicas sociais relacionadas, especialmente, às categorias de gênero e geração, sendo que o outro eixo teórico em que ela se apoia é a discussão feita por autores como Lasen (2004) e Fortunati e Vicent (2009) que apontam para o consumo do celular como uma “tecnologia afetiva”. Na mesma

linha, a pesquisadora apresenta sua tese de doutorado em 2010, na Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Antropologia com o título “Estar no tempo, estar no mundo: A vida social dos telefones celulares em um grupo popular”. Sua tese é resultado de estudos sobre as relações entre cultura, comunicação e consumo em tempos de globalização. Pesquisa de caráter etnográfico, na qual a autora investiga os processos simbólicos e práticas socioculturais, reveladas nas relações pessoa-telefone celular na comunidade do Morro São Jorge, procurando compreender as lógicas culturais, envolvidas a partir do enquadre teórico dos estudos antropológicos sobre tecnologias de comunicação e informação, globalização, consumo e grupos populares. A principal fonte de inspiração para a presente investigação está em alguns trabalhos etnográficos do pesquisador Daniel Miller (2013), segundo o autor, fazer campo para entender os celulares, através de uma etnografia convencional, é verificar o que os celulares nos levam a entender sobre as pessoas que os usam.

A importância da materialidade, na construção das relações entre as pessoas e objetos ou coisas, tem sido o foco das pesquisas de Daniel Miller. Em *Trecos, Troços e Coisas*(2013), obra que, segundo o próprio autor, sintetiza a maior parte de suas publicações na área da Cultura Material, em especial, àquilo que parece permanecer como foco de seus trabalhos, ou seja, o desafio à oposição entre pessoas e coisas, animado e inanimado, sujeito e objeto. Ele tem procurado, em suas obras, transcender o usual dualismo entre sujeitos e objetos, bem como elucidar as formas pelas quais relações sociais são criadas através do consumo enquanto atividade sociocultural.

O telefone celular e o *Messenger* (MSN) foram objetos de estudo de Castro (2011), que concluiu que “estas duas recentes e populares tecnologias de informação e comunicação contemporânea cativaram as crianças”. Em outro estudo sobre a relação das crianças com o universo do consumo e das tecnologias, Martineli e Moína (2009), pais e filhos foram entrevistados para conhecer suas posições em relação ao assunto, e perceberam que as crianças estão mais inseridas no contexto tecnológico e interagem com isso de maneira específica e própria, mas sem deixar outros aspectos característicos da infância.

5. ANÁLISE DAS NARRATIVAS

5.1 AS NOVAS CRIANÇAS E A PERCEPÇÃO DE SI

Foram escolhidas crianças entre nove e, no máximo, doze anos de idade, porque, segundo pesquisador Gesell (1998), nessa fase, as crianças estão ganhando uma certa independência em relação aos pais, embora necessitem, ainda, de ajuda nas suas relações pessoais e na forma de organizar o tempo livre. As mães continuam desempenhando papel muito importante nessa fase da vida das crianças. Às vezes, basta um olhar para que elas corrijam a sua atuação, embora tudo pareça funcionar de forma menos tensa, através dos estímulos e motivações.

Durante os encontros com os informantes, ficou evidente a presença da mãe em relação às orientações, controles, cuidados e organização do cotidiano delas, como demonstram relatos quase que unânimes das mães dos informantes:

- “Acordo e levo as crianças para a escola, depois vou trabalhar e ao meio dia pego-as na escola. Almoçamos às 13h30min. Às segundas e quartas-feiras, na parte da tarde, levo uma das filhas à aula de inglês e a outra, de volta à escola para os plantões ou aulas de reforço. Retorno para o meu trabalho, onde permaneço até as 16 horas. Volto para casa, depois faço caminhada e preparo lanche para nós. Assistimos a um pouco de televisão e vamos dormir mais ou menos às 22 horas”.

Observa-se nas conversas com as mães, que elas, organizam a sua rotina cotidiana, priorizando sempre as atividades das crianças. Praticamente todas as crianças entrevistadas relatam que: – “ligo à minha mãe para avisá-la que vou à casa de amigos”; - “ligo para pedir à minha mãe me buscar no colégio ou na casa de amigos”; -“ ligo à minha mãe para avisá-la que ficarei até um pouco mais tarde no colégio”;- “ligo à minha mãe, pedindo para comprar algum material para trabalhos da escola”; - “quando minha mãe demora, ligo para saber, porque está demorando”;

-“converso mais com minha mãe na hora em que ela está fazendo o jantar. Ela me pergunta como foi meu dia, minhas atividades, sobre meus amigos, se estou com alguma dificuldade. Enfim, sobre tudo que fizemos no dia, porque ela também fala das coisas que ela fez, das novidades, coisas que ela fica sabendo da cidade, das escolas etc.”.

Na análise, fica bem evidente que, quanto às relações parentais, a participação do pai quase não é mencionada em relação à organização do cotidiano, aparecendo em uma ou outra narrativa, como na de Artur:

– “Também converso bastante com meu pai, quando ele me busca, me leva no colégio e à noite. Pessoalmente, falamos mais; o celular é para as coisas mais rápidas, de maior necessidade. Meu pai quer saber tudo sobre minha aula de luta, minhas aulas de tênis, de inglês, do colégio e também me conta sobre serviço dele”.

Nessa fase, segundo Gesell (1998), observa-se um maior desenvolvimento em relação a gostos e interesses. Essas novas crianças em seus relatos demonstram gostar de atividades físicas, como correr, andar de bicicleta, saltar, jogar e esportes em geral, por exemplo, a Paula diz: - “quando termino as tarefas do colégio, minha mãe deixa ir brincar na rua com meus colegas”; o Rodrigo fala que: -“nos finais de semana, brincamos até de bets com amigos e primos. É muito gostoso”; - o Artur - “gosto de jogar tênis; é meu esporte preferido e faço aula de tênis também”; e a Duda: - “adoro ir à casa das minhas amigas para brincarmos de qualquer coisa, ficar conversando. Às vezes, nem atendo às ligações da minha mãe, porque sei que é para voltar para casa”.

As narrativas acima, de certa forma, contrariam a fala de Evita, mãe de Bia, quando se refere à fase ou ao tempo em que era criança:

- “eu brincava de bicicleta, de pega-pega, de esconde – esconde, de cobra-cega. Andava de bicicleta pela cidade inteira, ia à casa das amigas. Era muito legal... pulava corda, amarelinha, conversava, fofocava. Minhas filhas e todos os amigos só ficam conectados”;

Na mesma direção a Simone, mãe de Artur, diz: - “preocupa-me, porque as crianças de hoje quase não brincam de pular, de correr, mas também têm muitos compromissos”. Nas narrativas das crianças, observa-se que elas gostam de brincar, de andar de bicicleta, de agruparem-se pessoalmente para conversar sobre assuntos diversos do cotidiano, de praticar esportes, apesar de terem uma agenda cotidiana repleta de muitos compromissos.

As brincadeiras, utilizadas pelos pais das crianças investigadas, quando crianças, podem não ser as mesmas das dos seus filhos, pelo menos no grupo em questão, mas os filhos relatam que gostam de brincar, ao modo deles, é claro, e de acordo com a realidade em que vivem. O contexto em que os pais dessas crianças viveram a infância era completamente diferente do período em que estamos pesquisando. Tratava-se de uma realidade em contexto urbano de certa tranquilidade, com baixa densidade demográfica, de ruas, com pouca

circulação de veículos, onde praticamente todos os habitantes, em seus respectivos sítios urbanos se conheciam.

Observa-se que essas crianças, especialmente nos períodos de recessos escolares e de férias, interagem com outras crianças não só da escola em que estudam, como também de outras escolas, de outras localidades e países e sempre usam o celular para mediar, ou seja, para marcar os encontros, os lugares de brincar. Em observações realizadas dentro de um clube social, percebemos, durante várias tardes, o quanto alguns dos informantes brincavam no tobogã de uma piscina e dentro dela, notamos que combinam regras para organizar a ordem de subir no tobogã, de que forma podiam descer e de que forma não podiam, devido às normas de segurança e proteção. Constatamos também a preocupação e os cuidados com as crianças de menor idade, irmãos ou não, que queriam participar das brincadeiras. De vez em quando, saíam da brincadeira rapidamente e iam dar uma olhadinha no celular para ver se havia mensagens ou ligações dos pais, retornando logo após. Em alguns momentos, enviavam mensagens, informando aos pais que iriam ficar um pouco mais. Em ligações de voz, discutiam com a mãe, dizendo que não queriam voltar para casa, porque estava muito gostoso, que não havia perigo, pois havia o segurança no tobogã e que a Oneide/pesquisadora estava ali.

Depois saíam da piscina e corriam para brincar na quadra de areia, no campo gramado, tomavam lanche, etc. Portanto, percebe-se na narrativa das crianças e nas observações de suas brincadeiras, que há divergências em relação às colocações e preocupações dos pais, de que as crianças não brincam mais e só ficam conectadas. No estudo, percebe-se que, quando essas crianças têm oportunidade, elas brincam, mas sempre conferindo ou olhando o telefone celular, ou seja, elas continuam com características peculiares de crianças, embora em um contexto social e cultural próprios, diferente do contexto que seus pais viveram a infância. As tecnologias de informação e de comunicação, especialmente a utilização do celular na mediação das relações entre filhos e pais, é um dos elementos que está possibilitando a reconfiguração do contexto sociocultural em que vivem.

Cabe lembrar que, se na sociedade contemporânea uma das premissas é a transformação e evolução das tecnologias, a criança lida de maneira própria, sem abandonar outros aspectos da infância, lidando também com as mudanças, transformações sociais e culturais sob seu ponto de vista. Essas crianças nasceram e estão vivendo em um contexto,

onde as tecnologias não são apenas novidades que surgem e logo desaparecem; as tecnologias se transformam se reconfiguram, passando a integrar o universo que as cerca.

Todos os meios de comunicação e publicidade, em geral, estimulam o consumo das tecnologias, como sendo algo essencial para a vida contemporânea. Essas crianças vieram ao mundo em que as tecnologias da informação já faziam parte da paisagem.

Outro ponto a ser considerado é que na sociedade contemporânea os brinquedos, de forma geral, apresentam-se relacionados à tecnologia e, mais especificamente, às tecnologias digitais. Com isso, games online, reprodutores digitais de áudio, MP4 e vídeos, são partes do universo de produtos desejados pelas crianças. Essa demanda preferencial por presentes tecnológicos está presente em praticamente todas as narrativas das crianças pesquisadas. Por mais que esses pais digam que seus filhos estão deixando de lado brinquedos de madeira ou de outros materiais e, que as formas de brincar eram mais saudáveis, pois permitiam um maior entrosamento e formas de sociabilidades presencial/física com outras crianças, como as brincadeiras nos quintais das casas, nas ruas, nos pátios das escolas etc., parece difícil esse entendimento, especificamente, em ambientes urbanos atuais. Houve uma grande transformação dos hábitos culturais que hoje são mais dinâmicos, onde as crianças vivem em contextos diferentes dos contextos socioculturais das fases anteriores.

Acredita-se não ser possível analisar os discursos dos informantes sem lembrar que eles não têm a vivência das crianças das fases anteriores e que, apesar de todas as transformações provocadas pela evolução das tecnologias, elas continuam sendo crianças com características próprias e dando significados aos objetos ou brinquedos à sua maneira, nos mais diversos contextos socioculturais existentes. Tecnologias como o celular, especialmente com acesso a *web*, estão permitindo a essas crianças novas formas de interação e de sociabilidades, já que as usam, para marcar encontros presenciais, marcar horários para andar de bicicleta, para praticar alguma brincadeira esportiva, para conversar, para encontros em festas, e até mesmo para jogos online etc.

Qualquer área do planeta pode estar inserida em contexto de centralidade das tecnologias de informação e de comunicação e as crianças, do presente estudo, fazem parte desse universo, mesmo vivendo em contexto urbano à margem das grandes metrópoles. Conforme Lévy (1999), no espaço cibernético, possuímos uma ferramenta de comunicação diferente da mídia clássica, porque é neste espaço que todas as mensagens tornam-se interativas, ganham uma plasticidade e têm uma possibilidade de metamorfose imediata.

Assim sendo, através do telefone celular com acesso a *internet*, cada pessoa, cada criança pode se tornar um emissor, o que não ocorre na mídia de massa, como a imprensa ou a televisão. Diferentemente dos filhos, os pais nasceram na era da hegemonia da televisão e outras tecnologias da época, as quais ainda não eram possíveis a interatividade.

Com a finalidade de reafirmar o que dissemos acima, relatamos o que segue: em uma viagem em férias, realizada em janeiro/2014, percebemos três das crianças do grupo, Rodrigo, Paula e Bia, participando de grupos de recreação e interagindo com crianças de diversas localidades do Brasil e de um país vizinho. Além dos horários de recreação, percebemos que havia trocas de mensagens entre eles, pelo celular, marcando encontros para tomar lanche, brincar de frescobol na areia da praia, para irem ao apartamento dos amigos, jogarem videogame, irem às baladas apropriadas para a idade delas à noite.

Quanto às *baladinhas*, como elas dizem, percebe-se uma forma peculiar de comportamento, de vestimenta, de forma de levar e de usar o celular. As meninas, Paula e Bia apresentaram-se de salto alto, maquiadas, roupas com brilho e, na maioria das vezes, de cor preta, cabelos bem penteados ou escovados. Rodrigo, um dos informantes e outros meninos, com calças jeans, camisas de mangas longas, sapatos ou sapatênis, gel no cabelo, etc. Com relação ao celular, observamos que ficavam a todo o momento, olhando para a tela do mesmo e clicando, fazendo poses e tirando fotos do grupo ou de si mesmos (*selfies*), da banda que estava animando a balada, mostrando um para o outro e rindo bastante. Percebemos que essas crianças, durante os momentos que pudemos observar, estavam sempre interagindo e socializando-se, buscando novos contatos com crianças da mesma idade, inclusive envolvendo os pais neste processo.

Um exemplo foi quando Bia ajudou a incluir de forma muito empática no grupo, crianças de um país vizinho nas brincadeiras e em tudo que faziam. Percebemos também que, em alguns dias, tomaram o café da manhã juntas. Caso um deles demorasse para chegar, passavam mensagem, informando onde estavam.

Em nossas observações, apesar de ser um grupo restrito, e do estudo não ter a pretensão de fazer generalizações, notamos não haver diferenças de comportamento e de postura em relação às demais crianças. A criança, segundo a autora Clarice Cohn (2009), atua na criação de relações sociais e nos processos de aprendizagem e produção de conhecimento, a partir de sua interação com outras crianças, como exemplo, por meio de brincadeiras e jogos e de outras atividades que relatamos.

Segundo o pesquisador Gessel (1998), as crianças, geralmente, na faixa etária citada, são impulsivas, amam discutir, mas não deixam que discutam com elas. Começam a demonstrar maior equilíbrio em relação à aceitação do outro e também se veem, com maior objetividade, demonstrando desejo de não serem mais consideradas crianças, desejo de crescer e de serem capazes de tomar iniciativas. Aqui se percebe, na análise das narrativas que, a maioria das crianças do grupo investigado, considera-se criança só na questão de idade, como diz Bia:

- “Não me sinto criança, mas também não me sinto adulta. Já não preciso dos meus pais para muitas coisas. Tomo algumas decisões e depois comunico ou peço autorização para fazê-las. Outras coisas nem falo nada, faço e pronto. Por exemplo: se tenho que fazer tarefas, eu as faço; se tenho que fazer um trabalho, faço e não fico perguntando como devo ou não devo fazer. Às vezes, me lembro de que sou um pouco criança quando não me deixam ir nos lugares que minha irmã mais velha vai. Ela vai com o namorado, amigos etc. e não me deixam ir, porque lá não vai ter “criança” – é assim que falam; fico muito brava, porque não me sinto criança. E a Bia continua: “Criança é como a minha priminha que precisa dos meus tios e dos adultos para praticamente tudo. Até para ir ao banheiro, precisa da minha tia, precisa de quem cuide dela. Na escola, também precisa ser guiada o tempo inteiro pelas professoras, pois não sabe nem tomar ou comprar um lanche sozinha. Quebra muito as coisas, deixa cair no chão, não tem a menor noção de perigo”.

Para tentar elucidar o que essas crianças estão querendo sinalizar em suas narrativas quando dizem que não querem ser chamadas de crianças, busca-se investigar o que as vêm caracterizando, já que elas estão aderindo a práticas sociais e culturais que lhes permitem formas de ser e de estar no mundo. Possivelmente, como um sintoma das alterações socioculturais das décadas finais do século XX e décadas iniciais do século atual. A partir da compreensão foucaultiana de subjetividade e de argumentos que vinculam as mudanças ou transformações na concepção do indivíduo moderno no surgimento de novas tecnologias de subjetivação, na contemporaneidade, articulando-as aos discursos midiáticos constituintes dessas novas crianças. Buscam-se estudos que tentam explicar as dinâmicas ocorridas no contexto da Modernidade, quando se manifesta a urgência de um sujeito autônomo e a emergência desses sujeitos na atualidade.

Por essa perspectiva Morin (2005), fala da *juvenilização* pela qual passaram as sociedades modernas desvinculando a juventude de sua materialidade temporal, fixada na idade e que a promoveu como um ideal de vivência, de experiência e de ser. Uma referência não apenas para os mais velhos que se esforçam insistentemente para não deixarem de ser

jovens, mas para os mais novos, empenhados em empreender atitudes que lhes permitam acessar a juventude o quanto antes.

A passagem da infância para a vida adulta, que foi sendo sistematizada ao longo do séc. XIX veio sendo ancorada com mais intensidade nas práticas sociais mediatizadas em detrimento das relações tradicionais, durante todo o Século XX, intensificando-se nas décadas iniciais do Século XXI. Nesse contexto, surgem essas novas crianças, que abandonam as práticas da infância para aderirem a modos jovens de existir e estar no mundo. Essas novas crianças são constantemente estimuladas e incitadas a vivenciar a experiência de ser jovem, a partir de uma conduta comportamental, prescrita a eles, por meio do consumo de bens materiais e simbólicos.

Não se trata, no estudo, de deixar um período da infância e nem de entender a criação de uma nova categoria etária, apenas como mais uma das estratégias mercadológicas de dominação, apesar de evidenciar que a categorização dessas crianças propicia o desenvolvimento de práticas sociais específicas, vinculadas ao dado material da idade, propiciando a legitimação de comportamentos e, assim, impondo limites de conduta (BOURDIEU, 1983). A esse respeito, Michel Foucault (2006) pensou sobre a naturalização de conceitos e práticas não como uma estratégia para manter o domínio da burguesia, mas como construção social, como resultado de um contexto social específico.

Sendo assim, situar a emergência dessas crianças, trata-se de pensar o momento no sentido foucaultiano, que entende o atual, o novo, como o lugar da diferença entre o que fomos e o que somos, não em busca de causa e efeito, mas de um diagnóstico do presente que permita refletir que elementos do nosso tempo estão possibilitando a constituição dessas crianças. Nesta perspectiva, essas novas crianças são filhos do seu tempo, criação que não teria lugar em outro momento ou sociedade. As condições de visibilidade de suas práticas são históricas e não inerentes. Não se trata de algo que estava oculto e foi revelado, mas de uma possibilidade que se concretizou a partir de uma configuração social, em um contexto histórico específico.

Diferentemente das sociedades pré-modernas nas quais os papéis sociais eram legados aos seus membros pela comunidade, a modernidade e mais especificamente a contemporaneidade vem possibilitando aos indivíduos experimentar outras formas de existir no mundo e outros meios de se relacionar. A partir daí, a identidade não seria mais apenas uma herança comunitária, mas sim, a possibilidade de se ter acesso às diferentes instâncias das sociedades, cujos aparatos e instituições exigiam determinados posicionamentos dos indivíduos. As relações familiares não mais se limitavam ao grupo que dividia o mesmo

espaço durante praticamente toda a vida. Nas sociedades contemporâneas, a prática de administrar identidades adequadas, integra o cotidiano de cada um, responsável por escolher, definir, construir e descartar suas próprias identidades. Atualmente, a questão não é saber quem se é, e sim, quem se tornar e como se tornar.

Na mesma direção, Buman (1998), afirma que fazia parte do projeto moderno a intenção de livrar o indivíduo de uma identidade herdada, com base nas tradições, libertando cada um para adquirir a identidade que quisesse como projeto de vida. Os planos de vida pessoais vão tomando o lugar dos tradicionais modos de viver, passando aos indivíduos a incumbência de desempenhar novos papéis, de assumir novas identidades, formuladas e transmitidas pelas instituições modernas. Observa-se com muita clareza que a maioria dos informantes não se considera criança, uma vez que consegue fazer muitas coisas, como tomar decisões sozinhas. Nas observações do cotidiano dessas novas crianças, percebe-se que são ou sentem-se com autonomia para tomar algumas decisões, quando não conseguem, por alguma razão falar com os pais e, no momento oportuno, comunica-as.

Outras instâncias sociais, como os próprios meios de Comunicação de massa, ofertam material simbólico para a construção identitária individual e reflexiva. Essa nova criança passa a escolher quem quer ser e de que modo quer ser reconhecida pelo mundo que a cerca. Com o avanço e usos de novas mídias, essas possibilidades multiplicam-se, em que cada um pode se apropriar de imagens, atitudes e aparências disponíveis. Segundo Kellner (2001), ao analisar esta dinâmica na publicidade, sugere que os anúncios preocupam-se muito mais em transmitir um “estilo de vida” do que as características do próprio produto que está sendo oferecido.

A identificação com determinado ideal, apresentado no anúncio de um novo telefone celular e de uma determinada marca, na maioria das vezes, associada ao desejo de pertencer, à beleza, à juventude, ao sucesso, à ousadia etc., causa prazer e satisfação nessas novas crianças e também em seus pais. “A esmagadora variedade de possibilidades de identidades existentes na próspera cultura da imagem, sem dúvida, cria identidades extremamente instáveis enquanto vai oferecendo novas aberturas para a reestruturação da identidade pessoal” (KELLNER, 2001, p.330). Trata-se, portanto, de identidades sempre efêmeras, incompletas. O novo logo fica velho.

Segundo Giddens (2002), essas transformações permitiram um distanciamento acentuado de experiências que antes circulavam no cotidiano dos indivíduos. Sem as referências tradicionais, essas crianças parecem investir fortemente nos projetos do seu próprio eu. Essa ideia de agir sobre si mesmo deve-se à construção de um eu interior que

permite ao indivíduo objetificar-se e, assim, avaliar a si próprio, planejando estratégias pessoais ou eliminando elementos que não sejam condizentes com seu projeto de vida.

Nas narrativas apresentadas, a seguir, os informantes parecem alinhar-se com os autores referenciados, quando expressam o que consideram como criança, e, sugere, a partir da prática e da lógica deles, a emergência de uma criança ou de uma nova categoria etária. Começa-se pela narrativa da Paula:

- “Criança é o meu irmãozinho que chora por tudo, faz birra, que quer porque quer as coisas em qualquer momento. Vai ao mercado com meus pais e quer trazer um monte de besteiras, principalmente doces ou *chips* que tenham figurinhas ou que tenham personagens de crianças. *Aff*, dá até raiva; tem que ficar falando tudo, com muita paciência. Às vezes quer mexer no meu celular e eu não deixo, então ele chora... minha mãe fica reclamando, vira uma confusão. Quer um brinquedo, depois quer outro, não sabe nem o que quer. Já tem quase seis anos, mas faz muita manha. Não me sinto criança, já resolvo muita coisa sozinha, já sei fazer algumas compras, faço os deveres do colégio, da catequese e do inglês sozinha. Ninguém precisa ficar mandando. Às vezes minha mãe liga para lembrar, mas eu já fiz. Meu irmão é que tem hábito de ficar me chamando de criança. Fico brava, mas não adianta nada, porque ele já é moço, trabalha fora, namora, então, se acha”.

Percebe-se, na análise das narrativas, que os informantes irritam-se ao serem considerados crianças por seus pais, pois, em sua maioria, não se consideram assim, já que se sentem com autonomia e iniciativa para a realização de uma série de tarefas cotidianas. Na visão delas, crianças são os irmãos de menor idade, os priminhos com até sete e oito anos e que precisam do adulto para, praticamente, todas as atividades cotidianas. São birrentos, choram por qualquer coisa, não sabem tomar banho sozinhos, não sabem ir à cantina da escola sem a presença de professores, gostam de mexer em tudo, quebram e derrubam as coisas que pegam. São pessoas que não têm noção de perigo.

Em alguns relatos, percebe-se até certa rebeldia em relação aos pais, por considerarem-nas crianças, como diz Caiqui: -“Não me sinto criança de jeito nenhum. Faço as coisas sozinho e, se for preciso, vou ao colégio, à casa de amigos. Sei o que devo comer e em que hora devo comer, tomar banho, essas coisas. Mas, percebo que meus pais me acham criança e querem decidir muitas coisa por mim. Disso, não gosto muito”.

Na verdade, não se consideram crianças, porém todos os membros do grupo investigado têm consciência de que não são adultos, como relata Isabela:

- “Não me sinto nem um pouco criança, apesar de ouvir os meus pais dizerem que ainda sou para muitas coisas, como por exemplo: sair em

determinados horários, andar sozinha no centro da cidade, ir à pizzaria só com amigos à noite. Sei que não sou adulta, porque não posso trabalhar, dirigir, ir a qualquer lugar, viajar sem meus pais etc. Mas já faço muitas coisas sem precisar dos meus pais por perto”.

Os relatos acima parecem estar bem em sintonia com os discursos que falam da emergência de um novo indivíduo na contemporaneidade e, de acordo, com pensamento do autor Gessel (1998), quando demonstra que, nessa fase, começa haver uma maior habilidade em distinguir os acontecimentos fictícios dos reais. O desenvolvimento do pensamento lógico vai apresentando mais capacidade para exprimir ideias e problemas. Começam demonstrar interesse em pertencer a grupos, em explorar e experimentar, sendo capazes de compreender palavras abstratas, fazer generalizações mais rápidas, segundo argumentos lógicos. Começam a demonstrar maior propensão à sociabilidade e a uma nova visão de mundo, ou seja, a uma maturidade progressiva.

Segundo Piaget (1987), que separa também as crianças por faixas etárias, dentro de estágios de processamento de informações, entre os oito e doze anos, aproximadamente, este é o período das operações concretas. Até os oito anos, a criança define ‘o que é’ pelo uso, ‘o que é uma mãe’?, ‘é para fazer o jantar’. A natureza de um objeto não é o seu conceito, mas uma razão de ser, um motivo. De acordo com as ideias de Piaget, a criança começa a tomar consciência do andamento do seu raciocínio; as definições passarão a ser lógicas, constituídas pelo gênero e pela diferença específica, ou seja, ‘mãe é uma mulher que tem filhos, é necessário que seja mulher e que tenha filhos. Outra diferença observada é que, depois dos oito anos, a criança deixa de ser controlada pelo pensamento egocêntrico e começa a entrar no ponto de vista do outro. A partir dos “nove, dez, onze e doze anos, mais ou menos, ‘a criança toma consciência, gradativamente, da definição dos conceitos que emprega, torna-se parcialmente apta à introspecção de suas próprias experiências mentais, ou seja, o raciocínio estará ligado à observação direta, será lógico”.

Em razão do exposto, mas também por ser faixa etária mais próxima a essa tecnologia digital, preferimos dar ênfase a um grupo de crianças na faixa etária entre nove e onze anos e, no máximo, doze incompletos, por já nos oferecer certa lógica interna para a condução das entrevistas. Lembramos também que Piaget alerta para o fato de que as fronteiras etárias do desenvolvimento cognitivo infantil não são estanques, mas que dependem de fatores culturais. Para a antropologia, segundo a antropóloga (COHN, 2009, p.22) “o que é ser criança, ou quando acaba a infância, pode ser pensado de maneira muito diversa em diferentes contextos socioculturais”. Na perspectiva antropológica, a partir da década de 60,

inicia-se um processo de apreensão das diferentes formas de ser criança e, inclusive, o de deixar de ser criança em diferentes contextos, procurando compreender com maior amplitude os universos autônomos e a autonomia do mundo infantil. Procura-se analisar e ver esse mundo, não mais como um reflexo do mundo adulto, mas, sim, como um mundo ou universo qualitativamente diferente e não quantitativamente, como se pensava nos estudos anteriores. Na análise das narrativas do presente estudo, fica evidente que “ser criança” para os pais, não tem o mesmo significado do que é “ser criança” para ela mesma e, que a concepção de criança, de fato, está ganhando nova configuração.

Pela ótica dos entrevistados, crianças são aqueles seres com menor idade que precisam do adulto para tudo e que já possuem autonomia, iniciativa e capacidade para resolver muitas coisas em seu cotidiano sem o monitoramento dos pais, como por exemplo: nas narrativas da maioria das crianças pesquisadas, aparecem falas convergentes, como: - “meus pais me levam ao colégio e em outros lugares, mas se precisar sei ir e voltar sozinho”. Dessa forma, é bom que os pais levem-nos e nos busquem na escola ou em outros lugares, embora não sejam inteiramente dependentes deles, pois já sabem ir e vir sozinhos, sem problema nenhum, na concepção delas.

Ainda em relação à questão etária, ressaltando seu poder de uniformidade e conformismo, segundo (CASTRO,1998, p.195): “a experiência infantil tipifica-se, cada vez mais, na intensificação com seus pares, já que as práticas sociais e culturais compartimentalizam-se dentro de cada segmento social, definido pela idade”. Assim, há uma demarcação explícita de território quando da “guetificação etária”, operacionalizada através de sinais emblemáticos nos quais as crianças de uma mesma faixa etária incluem-se e excluem os demais. Definem-se as fronteiras de “inimigos” e “amigos”, entre “quem está dentro e quem está fora”, através dos objetos consumidos. Isso se justifica nos relatos das narrativas da maioria das crianças entrevistadas, quando falam: - “na minha sala de aula todos têm celular”; - “acho que meus amigos fazem as mesmas coisas que eu, com o celular”; - “não consigo entender como há algumas meninas e meninos que não têm celular;- “nossa, tenho um amigo que não tem celular e nem internet na casa dele. Ele mora no bairro z, é boleiro, sabe? Aquele que é bom no futebol e o colégio dá bolsa de estudo”; - “todos os meus amigos têm celular”. Nos relatos, fica bem claro como essas crianças observam, analisam e classificam seus pares, e, também, como se agrupam, excluem e incluem outras crianças, especialmente, aquelas que não consomem os mesmos produtos que elas.

As crianças da pesquisa usam os computadores domésticos para trabalhos escolares, jogos e para conversas através do *Skype*. Em suas falas, demonstram preferência bem

acentuada pelo uso do telefone celular, especialmente, se puderem ter acesso à internet. Quase todos os informantes possuem celulares de última geração e, em alguns casos, com mais recursos tecnológicos que o dos próprios pais. Observa-se que usam o celular para, praticamente tudo; para se comunicarem com os pais, através de ligações ou envio de mensagens, para receberem informações, entrarem nas redes sociais, baixarem músicas, jogos, vídeos, enviarem mensagens para os amigos, seguirem celebridades, como cantores, jogadores, tirem e postarem fotos e fazem pesquisas escolares. São unânimes em dizer que preferem ganhar de presente de aniversário, ou no natal, o celular com recursos possíveis de baixar aplicativos bem atualizados, tanto que, desde início dos encontros com os informantes (período mais ou menos de treze meses), todos já ganharam ou trocaram os seus celulares, por outros mais sofisticados, com aplicativos mais modernos. Aqueles que não possuíam tecnologia para acessar a internet, agora têm.

Observa-se que os informantes não querem mais ser considerados crianças, mas ainda falam sobre brincar, brincadeiras além daquelas mediadas pelo celular, como andar de bicicleta, jogar bola, correr etc., porém não deixam o celular de lado por nada. Uma das meninas informantes, Bia, chegou para o nosso encontro com as bochechas vermelhas, transpirando muito e disse: – “desculpa, quase perdi o horário combinado para conversarmos. É que eu estava andando de bicicleta com amigos e amigas. Nossa! É muito gostoso”. E na sequência, tirou o celular do bolso e perguntou-me: – “tenho mensagens; posso dar uma olhadinha em uma delas?”.

Nota-se que essas crianças já têm uma percepção de si bem definida, sob o ponto de vista delas. Sentem-se com autonomia em relação à realização de várias atividades cotidianas, possuem boa argumentação para responder aos questionamentos feitos, quando, por exemplo, perguntamos: por que não se consideram crianças? O que significa para elas ser criança? E, ao mesmo tempo, elas percebem que, apesar de não gostar de serem chamadas de crianças pelos pais e pelos adultos em geral, em alguns aspectos ou situações da vida cotidiana, elas ainda não têm como responder sozinhas pelos seus atos, pois ainda necessitam da orientação e proteção dos pais e adultos em geral. São conscientes de que estão numa situação de liminaridade.

Para dar suporte a essas constatações levantadas no presente estudo, acredita-se ser importante refletir sobre algumas prescrições da conduta dessas novas crianças voltadas, especialmente, aos responsáveis por elas. No Brasil, por exemplo, um dos autores que trata da questão é o psiquiatra Içami Tiba. Ele orienta os pais a não se deixarem dominar pelos desejos de consumo das crianças e dos pré-adolescentes, já que o “cérebro desses pré-adolescentes,

biologicamente, ainda é de criança e eles, emocionalmente, também são infantis, portanto, sem condições biológicas, psicológicas e sociais para arcar com as responsabilidades do que lhe acontecer” (TIBA, 2005, p.174). O autor defende, ainda, que “se os pais negociarem bem os desejos dos filhos com suas reais possibilidades, esses filhos terão uma boa educação administrativa e financeira, que vão ajudar toda a família” (Ib., p.39).

No campo da educação, essas novas crianças também começam a ganhar espaço e atenção. Fermiano (2010) acredita que elas são vulneráveis aos sucessivos apelos do marketing e que, por isso, seria necessário reformular o currículo escolar, a proposta pedagógica e a formação de professores a fim de desenvolver novos tipos de alfabetização, sobretudo nas áreas econômica e do consumidor com o objetivo de preparar os pré-adolescentes para lidar com uma cultura globalizada.

Os ‘tweens’ são esses seres apaixonantes e, muitas vezes, levam um adulto ao limite da paciência, mas são nossos filhos, e, em hipótese alguma, pode-se abandoná-los ao bel prazer de outras influências, tais como as do marketing. A eles é delegada a condição de poderosos, porque vencem pelo cansaço e porque estão entendendo o mundo e percebem, sentem que o adulto não dispõe de conhecimentos suficientes para lidar com eles e identificar suas necessidades emocionais, afetivas, morais, físicas e desejos. Poderosos, mas não têm maturidade para tanto poder e, por isso mesmo, também são alvos da Educação. A necessidade, universal, de vínculos estáveis e organizados tanto pela família como pela escola são primordiais para que eles se sintam seguros e possam realizar suas escolhas, mesmo que de consumo, permeadas de valores e com responsabilidade (FERMIANO, 2010, p.426).

Conclui-se a partir do que falam os autores referenciados, que as crianças de um modo geral e, em particular, encontram-se numa situação de liminaridade e, portanto, ainda não possuem condições de se defenderem sozinhas das investidas do marketing. Dessa forma, cabe aos pais e educadores não necessariamente impedir esse contato, porém monitorar e equipar essas crianças com, cada vez mais, informação e conhecimento para que possam fazer sua própria defesa.

Além das orientações voltadas aos responsáveis, existem também orientações voltadas às crianças, de forma geral, para que elas saibam buscar caminhos pertinentes de habitar as sociedades. Há, na literatura, títulos que inserem no imaginário desses novos meninos e meninas assuntos e problemáticas do mundo jovem e do mundo adulto, como: A coleção *Altas--ajudas*, da Editora Rocco; *Como sobreviver em família* (2006); a coleção *De menina a mulher* (2001); *Brincar de ser feliz* (2010) entre outros. Essas leituras contêm sugestões para a construção de uma criança, sendo preparada para mudar e reformar a si mesma, capaz de

intervir em seu próprio eu. A interioridade dessas novas crianças, que antes estava limitada ao gerenciamento de seus pais ou responsáveis, é agora apresentada como um objeto acessível a esses sujeitos.

5.2 TECNOLOGIAS E A CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Na contemporaneidade, o celular atua como uma extensão corporal, com caráter comunicacional, não só por ser um dispositivo midiático, mas também por sua própria materialidade. Hoje, não se pode negar que as chamadas novas tecnologias de informação e comunicação possibilitam ampliar as reais capacidades do corpo. Segundo Macluhuan (1995), as novas tecnologias, e outras não tão novas assim, são, dessa forma, vistas como extensão do corpo humano. Nessa linha de raciocínio, a roda torna-se uma extensão dos nossos pés, pois facilita o aumento da nossa capacidade de deslocamento; o microfone possibilita uma extensão do nosso aparelho fonador; o computador torna uma extensão da nossa mente, proporcionando a ampliação de armazenamento da nossa memória.

Seguindo o raciocínio acima, pensa-se que se faz necessário reflexões sobre algumas habilidades que as crianças do presente estudo podem não estar desenvolvendo para manter e organizar os seus registros. Pelos relatos, nota-se que elas fazem pouco uso dos registros escritos e de armazenamento em cadernos, agendas ou diários etc. Como exemplo da afirmação acima, Bia, em um dos seus relatos diz que não copia mais os horários de aulas e nem de provas, mas os fotografa e arquiva-os em seu celular. Pela nossa vivência, as crianças das fases anteriores desenvolviam a habilidade de registrar, através de cópia manuscrita em seus cadernos, ou agendas e quando precisassem olhar os registros ou arquivos era só puxar pela memória ou procurar onde havia deixado registrado. Para isso, as crianças das fases anteriores, deveriam sair do lugar onde se encontravam e dirigirem-se até onde estava o caderno ou agenda. Hoje, as crianças investigadas, buscam direto no arquivo do celular que está sempre à mão. Percebe-se que o celular está “simplificando” algumas habilidades e tarefas dessas crianças que, segundo a lógica delas, parece ser perfeitamente normal, tranquilo, rápido e eficiente. Como relatam Isabela, Paula e outros informantes: “para que perder tempo copiando horários de aulas, se está sempre sendo alterado?”; ou ainda, como diz Duda: “se eu não fui à aula, peço para minha amiga mandar os horários e avisos que foram passados no dia através do ‘whatsApp’”.

É neste contexto de sociedade de tecnologia, onde abrangência, complexidade e disposição em rede, definem a forma como a informação se processa na atualidade que essas crianças nasceram e estão vivendo. Segundo Castells (2007), como características desse fenômeno surgem à convergência tecnológica para um sistema integrado. O celular, nesse processo, pode ser considerado o principal representante da chamada convergência tecnológica, pois integra texto, áudio, imagem, números e mobilidade em um mesmo tecnobjeto.

Os informantes estão sendo inseridos nesse contexto, onde é possível a intensificação do movimento de digitação da sua vida cotidiana de forma mais ampla, aberta, em rede. As crianças digitam mensagens para os pais, para os amigos, registram seus perfis nas redes sociais. O tempo todo parece estar revelando quem são, ou seja, suas características pessoais, seus gostos e preferências.

É visível o fascínio dos informantes por esse mundo das tecnologias digitais, por circular livremente no espaço virtual através da mediação do celular, com **acesso a Web**. Pelas análises das narrativas, percebe-se que batem longos papos pelo *whatsApp* e pelo *facebook* com os amigos, no entanto parecem estar deixando de aprender e experimentar a sensação de olhar nos olhos do amigos, do olhar nos olhos das pessoas. Em suas conversas e mensagens enviam flores virtuais, que nem mesmo conhecem e, por outro lado, não estão aprendendo a apreciar e a sentir o perfume e a textura das flores. Essas novas crianças gastam horas conectadas, teclando, assistindo a vídeos ou jogando diante de tela do celular, sem se dar conta do tempo. Nesse contexto, elas não precisam, geralmente, ir a pé ou de bicicleta até a casa de amigos para conversar ou para saber o que o amigo está fazendo. Basta teclar, enviar e aguardar a resposta. Não necessitam esperar os pais chegarem em casa para conversarem de forma presencial sobre os mais diversos assuntos e necessidades cotidianas.

Observa-se que os progressos nas tecnologias digitais, na área *comunicacional*, são de grande importância. A Internet é um grande avanço no que se refere à abertura de novas portas de comunicação e integração entre as pessoas. No entanto, devemos refletir sobre ela como mais uma inovação que proporciona a abertura de novas possibilidades na vida dos pais e das crianças da pesquisa e de todas as pessoas, de forma global, na contemporaneidade, porém não se aplica às crianças ou adultos que passam a maior parte do seu cotidiano na dimensão do espaço virtual, deixando a dimensão do presencial em segundo plano. Essas crianças, passando horas no espaço virtual, podem não desenvolver ou acabar perdendo parte

de sua sensibilidade diante de muitos fatos cotidianos e, conseqüentemente, tendem a se tornar indiferentes diante dos acontecimentos reais, concretos ou presenciais.

Além disso, o uso prolongado do celular/internet pode ocasionar na criança uma tendência ao isolamento e retraimento social. Outro fator importante que é necessário ressaltar e que os pais precisam estar atentos, diz respeito ao anonimato que a Internet oferece e que está sendo usado para propagar a criminalidade e ilegalidade. Por possuírem pouco discernimento e imaturidade, os juvenzinhos tornam-se vulneráveis diante dos perigos “on-line”.

O celular parece estar contribuindo para a formação da identidade dessas novas crianças, pois este artefato é muito mais que uma tecnologia facilitadora de mediação da comunicação, da informação, da interação e das relações; é um arquivo móvel que carrega, junto com seu proprietário, parte daquilo que este é. O celular leva a marca cultural de seu dono e é um dos poucos aparelhos o qual não há compartilhamento de uso, como dizem alguns informantes: – “não empresto meu celular para ninguém;” – “uma vez, minha mãe levou o meu celular numa viagem. Foi horrível. Ela o levou, porque o dela tinha câmera fotográfica muito ruim.” Segundo Daniel Miller, o processo pelo qual o sujeito e objeto se constroem juntos e um para o outro, é denominado objetificação, pois o celular, como objeto de uso das crianças, só será construído como tal, pelas próprias crianças, ou seja, elas criam os cenários que irão usá-los, sua finalidade, seu objetivo ou sentido de sua utilização. É nessa invenção – apropriação - que reside a construção recíproca do sujeito e do objeto, ou melhor, da criança e do celular. Sem a criança, o celular não passaria de algo inerte, sem o menor sentido. Ainda, segundo Miller, certos objetos, como o celular, são constantemente retirados do mercado e personalizados ao extremo, incorporando o universo de quem os comprou, especialmente no contexto da contemporaneidade.

Dessa forma, as crianças personalizam o celular no armazenamento dos conteúdos ou na estética. Colocam capas protetoras com características coerentes à sua personalidade, toques para identificar as chamadas ou mensagens de pais, de amigos, de irmãos, organizam arquivos de aulas, de trabalhos escolares, notícias, fotos, eventos, mensagens, colocam senhas de forma que só elas, proprietárias, podem entender e acessar com facilidade. Alguns informantes colocam senhas nos grupos de amigos do *facebook* e no *whatsApp* para evitar o acesso dos pais, como demonstra o depoimento de Bia: – “deixo minha mãe olhar algumas

das nossas conversas, mas depois eu troco a senha;” e de Isabela e Paula - “coloco senha para os meus pais não ficarem olhando o que conversamos no grupo de amigos da sala de aula”.

Percebe-se que, de forma geral, os informantes não querem que os pais tenham acesso a determinadas conversas e mensagens que eles trocam com amigos. Nesse aspecto, procuramos questioná-los sobre o porquê de determinadas conversas e mensagens serem mantidas a salvo dos pais e, também, se enquanto pesquisadora poderia ver alguns exemplos dessas conversas e mensagens. Foi bem interessante, porque concordaram em mostrar algumas mensagens e conversas, sem o menor constrangimento e, quase todas se referiam ao interesse por determinada menina ou menino, pelo sexo oposto, sobre olhares que trocavam com esse ou aquele garoto ou garota. As conversas eram sobre carícias trocadas ou não, de terem ficado com determinado menino ou menina etc. Enfim, parece que as mensagens e conversas não mostradas aos pais são de interesse comum nessa faixa etária, o que seus pais também faziam na época deles. Preferem manter só entre seus pares, o interesse que está começando a ser despertado pelo sexo oposto. Alguns meninos mostraram mensagens que escondem dos pais, porque estão fazendo gozações com amigos ou até mesmo usando alguns termos pejorativos em relação a outros meninos que não são tão amigos e, há outras mensagens, que segundo eles, foram deletadas ou excluídas porque continham alguns palavrões, escritos em momento de muita raiva.

Enfim, observando os relatos, fica claro que certas conversas não devem ser mostradas aos pais, para evitar “sermões”, como eles mesmos dizem e, também, porque sentem necessidade de uma certa privacidade. Eles não entenderiam como dizem Bia e Isabela em um dos nossos encontros: - “são coisas só nossas”; e continuam dizendo – “nossos pais também têm segredinhos entre eles e com os amigos”.

Acredita-se que tanto na dimensão virtual como presencial tudo começa a partir da interação entre as pessoas. Mas, a forma de interagir na dimensão virtual ou na internet não é mesma interação que ocorre no presencial. No virtual, as formas de sentir e interpretar são, ao mesmo tempo, limitadas e amplas demais; o que se coloca no espaço virtual, uma mensagem de texto via e-mail, no *facebook* ou no *whatsApp*, por exemplo, é possível de ser interpretada da forma que melhor lhe convém, já que as mensagens de textos não carregam a expressão usada pelo autor na hora de serem publicados, e também as interpretações podem ser limitadas, já que sua única referência são as palavras, a forma com que elas foram organizadas; a formalidade ou informalidade na escrita. Na dimensão do virtual as crianças

investigadas, bem como os seus pais, podem enfatizar algumas de suas características e omitir outras. É possível observar isso, olhando fotos que elas compartilham no *facebook*, no *whatsApp*, no *Instagram*. Essas crianças passam boa parte do tempo em que estão conectadas ao mundo virtual, provando que têm uma vida real agitada, interessante e atarefada, ou seja: que em determinado horário estão no Colégio, em outro, estão praticando um esporte, tomando um lanche, fazendo um passeio, em uma festa de aniversário, ou em uma baladinha, etc.. Elas não transferem, de fato, sua vida presencial integralmente ao virtual, como por exemplo, não postam fotos de momentos que recebem alguma punição, de momentos que estão vivenciando problemas familiares, de momentos que estão desarrumadas ou que estão ajudando nos afazeres da casa. Observando o que essas crianças escrevem e postam, parece que, elas, estão sempre em situação confortável, que não vivem nenhuma forma de frustração em seu cotidiano e que, tudo é possível na hora e no momento que desejam.

As relações dessas crianças e das pessoas, geralmente, na dimensão virtual, sejam elas quais forem, são extremamente limitadas e seletivas, devido à quantidade de pessoas disponíveis nesse espaço e devido à facilidade de se aproximar virtualmente. Essas novas crianças aproximam-se uns dos outros, passando por um processo seletivo, ou seja, eles observam os perfis sociais que mais lhe interessam e com quem eles parecem ter maior afinidade ou interesses comuns e de acordo com o que podem oferecer. É como se enquanto estivessem conectados, tivessem o poder de escolher os amigos que querem ter ao seu lado.

Em relação à constituição dos sujeitos da pesquisa, pensa-se ser importante refletir sobre as tecnologias de informação e comunicação, especialmente, se o uso constante do celular com acesso a web pode trazer consequências para a vida dessas crianças na forma presencial. Exemplificando: se na internet um dos informantes se desentender com alguém, a solução rápida é a de bloquear o amigo ou qualquer outra pessoa, o que pode fazer com que pensem que no presencial o comportamento seja semelhante, mas é tarefa mais complexa bloquear ou evitar alguém no presencial. A pessoa pode telefonar, aparecer na sua casa, e será necessário enfrentar a situação de forma presencial, olho no olho, coisa que não se faz na internet, pelo menos até o momento presente. Tanto no virtual como no presencial pode e há exclusões, agressões, práticas não condizentes com as normas e regras de boa convivência social. Entretanto, no virtual, parece ser “mais fácil” excluir alguém para as crianças da pesquisa, como um dos informantes disse: - “quando alguém do nosso grupo do face ou do *whatsApp* não entende a brincadeira ou o que estamos falando, simplesmente o deletamos e

não explicamos nada”, ou seja, parece não haver a mesma preocupação ou emoção em excluir, ignorar, agredir, como no presencial. No presencial, teriam, talvez, de brigar, de discutir, de explicar, de se enfrentar. Não estamos querendo justificar aqui que as consequências dessas ações na dimensão virtual causam menos sequelas à vida das vítimas e, sim, que na dimensão do virtual, essas ações parecem ser mais fáceis de serem executadas, pelo menos para o grupo estudado.

Na vida ou na dimensão presencial as coisas simplesmente vêm até nós, sem pedir permissão, sem aviso, sem a possibilidade de selecionarmos antes. Na escola ou em qualquer outro lugar, a criança nem sempre poderá escolher quem vai ficar próximo a ela, perto de quem ela pode sentar e, pelas normas do convívio social, a criança deve aprender a tolerar os defeitos de outras crianças ou amigos. Deve aprender a agir diante da diversidade de outras coisas que muitas vezes pode lhe causar mal estar. Porém, mesmo provocando algum desconforto, é uma condição imposta pelas regras ou normas sociais para a convivência. Condição essa que poderá ficar cada dia mais difícil de lidar, já que muitas dessas crianças passam um bom tempo do seu dia a dia conectado a esse mundo virtual, considerado fascinante por elas. Neste contexto, em que estão se constituindo, não se pode deixar de refletir se essas crianças poderão se tornar pessoas menos intolerantes, extremamente seletivas e pouco ou nada flexíveis.

A virtualização está presente em todos os espaços. Podemos encontrá-la na Informação, na Educação, na Cultura, na Arte, na Empresa, na Produção, no Consumo, no Conhecimento, nos Bancos, no Sistema de Trocas, na Organização de Entidades ou Instituições, no Mercado, nas residências, nas ruas etc.. Essa dinâmica da virtualização é verificada em todos os depoimentos das crianças. Seguindo essa linha de pensamento, observamos a preocupação da Evita, mãe de Bia, falando sobre a questão das filhas e de todos os amigos estarem o tempo todo no espaço virtual ou on-line, teclando, ou seja, nas redes sociais, enviando mensagens ou recebendo-as:

- “Isso me preocupa, porque ficam teclando o tempo inteiro, ou seja, estão falando com a gente e mandando mensagens, olhando o *facebook*, no *twitter* o tempo todo. Minhas filhas e todos os amigos só ficam conectados. Não conversam, não deixam a gente ver o celular delas, não aceitam a gente no grupo do face delas, fazem grupo fechado. Ficam o tempo todo *twitando*, no face, no *whatsApp* mandando e respondendo mensagens. Não sei o que tanto fazem. Fico angustiada, às vezes”.

Para Pierre Lévy (1993), as relações de toda espécie que têm lugar na dimensão virtual ou tudo a que se tem acesso via rede também está à disposição no presencial: pessoas, livros e bibliotecas, informações de toda ordem, produtos, lojas e instituições. Portanto, o conhecimento e a informação não se tornam imateriais, mas simplesmente desterritorializados, como se pode observar nos relatos de Rodrigo e de João Pedro:

–“agora estou de férias e usando muito o celular para saber onde meus amigos estão, se viajaram e para onde. Peço para postarem fotos do lugar em que estão. É bem legal. Em dezembro, fizemos uma viagem de carro bem legal; postei fotos de todos os lugares onde estivemos. Só que as fotos são só para os amigos que formam o grupo no *whatsApp*. Não posto no grupo do face. O bom é que a gente continua ligado com todo mundo e em qualquer lugar, como: na rua, em casa, no clube, nas viagens.

-“nas férias, ou melhor, no período que estou de férias, mando mensagens para saber onde meus amigos estão e o que estão fazendo e se o que estão fazendo é legal. Aliás, eles e eu postamos tudo e ficamos sabendo assim, até o lugar onde estão, o que estão comendo, etc. É muito legal”.

É claro que, para se dar ou constituir-se o processo de virtualização, especificamente, no caso do presente estudo, devem existir as condições básicas que é a Internet ou *Web* como mediadora na constituição desse processo, porém ele só eclodirá, com a entrada da subjetividade humana. O virtual em si, é sempre realizado pela ação do homem. Continuamos, então, a nos relacionar uns com os outros, a comprar e a vender, consultar, visitar etc. O acesso ao presencial e ao virtual resumem-se a modalidades diferentes pelas quais permanecemos em contato com o mundo de sempre.

Segundo Pierre Lévy (1993), podemos entender que a Internet não é simplesmente computadores ou outros aparelhos conectados, comunicando-se livremente. A Internet são pessoas criando novas personalidades, novas concepções de lugar, de tempo, de relacionamento, de realidade, de natureza como um todo. Com o uso da Internet, o homem desenvolve uma dupla consciência. É o mesmo eu que se desdobra e enriquece numa unidade mais complexa. As crianças da investigação falam-se virtualmente, leem-se virtualmente, compram virtualmente, trocam mensagens virtualmente, jogam virtualmente. Essa virtualização é eficaz, produz resultados concretos, palpáveis e reais, mas precisamos estar sempre atentos, pois, se a criança tem a autorização dos pais e compra um brinquedo, uma roupa ou um celular através da rede ou se vai até a loja. Num caso como noutro, ela vai ter sempre os mesmos produtos, por mais que, in loco, ela multiplique, talvez, as formas de acesso ao objeto do seu interesse. Já não se pode, no entanto, equiparar uma visita virtual a

um museu, a uma praia ou a outro país com aquela pela qual de fato ela estaria presencialmente lá. Nesse caso, a visita virtual, só pode ser comparada ao contato que faria por fotografias, vídeos, slides, catálogos. Da mesma forma, trocar mensagens de carinho com os pais, com os amigos ou dizer que namora via rede não são diretamente comparáveis aos seus correspondentes presenciais.

Essas crianças ou pessoas que vêm se constituindo, também, no espaço virtual, estão cada vez mais sob controle e, conseqüentemente, inserindo-se no mercado consumidor. Quando entram em um site, para que elas possam interagir minimamente, como comentar um conteúdo em um *blog*, por exemplo, na maioria das vezes é preciso inserir seus dados pessoais. No acesso às redes sociais, as crianças e as demais pessoas também estão o tempo todo sendo mapeadas. Tendo consciência ou não de que estão sendo controladas, monitoradas, vigiadas, dão grande visibilidade ao seu cotidiano, pois, na dimensão do espaço virtual, qualquer um pode contar sua história. Qualquer pessoa pode publicar um texto, um vídeo, imagens e ter acesso ao mundo todo.

A vida cotidiana dessas novas crianças está se tornando cada vez mais visível. Observa-se que o espaço virtual proporciona visibilidade a pessoas de qualquer faixa etária, de qualquer condição sociocultural ou econômica e, especialmente, às crianças que até um tempo não muito remoto, só eram vistas pela sociedade ocidental como miniatura dos adultos.

Esse ser que vem se constituindo também no espaço virtual, não tem mais uma identidade, mas tem perfil, podendo-se construir um ou vários perfis. O desenvolvimento da tecnologia de agentes inteligentes permitiu mapear os perfis dos usuários na *web* de forma dinâmica, acompanhando suas atividades e aprendendo sobre seus hábitos. Essa construção de perfis gera preocupações e inquietações dos pais em relação aos filhos, como nos mostram os relatos de quase todas as mães com filhos participantes da pesquisa : - “Ah, fico preocupada com essa história de pedofilia, com os perfis falsos na internet, etc.”; - “sempre falo para não atender à ligação de número que não se conhece, de número que aparece como privado e também para não aceitar qualquer um nas redes sociais”; e também, de quase todos os filhos, orientados pelos pais, como por exemplo: - “minha mãe sempre orienta para não atender a número que não se conhece e nem responder mensagens ou chamados para conversas quando estou na internet”; - “Meus pais falam que se alguém desconhecido ligar ou enviar mensagens, é para contar e mostrar a eles. Eles sempre falam do perigo de pedofilia, de pessoas que marcam encontro para sequestrar crianças etc.”: - “minha mãe e meu pai falam para não

aceitar nenhuma chamada ou mensagens de desconhecidos, ou seja, só atender àquelas pessoas que tenho na agenda do meu celular”.

O mapeamento dos perfis dessas crianças para o mercado é muito interessante, não importando a idade das pessoas, ajuda a identificar gostos, preferências, interesses, comportamentos com finalidades de incentivar o consumo, porém há também o lado preocupante em relação aos perfis que podem ser construídos na dimensão do espaço virtual. São “perigos” que as crianças, usuárias da internet, estão expostas e que, a princípio, iniciam-se no espaço virtual ou on-line, como conversas cativantes, sedutoras, até elas serem atraídas para encontros em espaços físicos e presenciais ou face a face. Percebe-se que, nas relações parentais sempre houve cuidados com a segurança e proteção das crianças na sociedade disciplinar, entretanto, na sociedade de controle, as formas de perigo vêm se apresentando sob novas configurações.

As crianças investigadas estão se constituindo de forma muito diferente das crianças das fases anteriores, nas quais ocorria, com maior frequência, o contato face a face, ou seja, o contato físico presencial com os pais, com os amigos, através da comunicação verbal pessoal e direta. O telefone celular com acesso à Internet, como já foi dito em outros momentos da pesquisa, está se tornando a extensão das suas mãos, da sua mente, da sua voz, dos seus sentimentos e emoções, e dos seus relacionamentos. O uso de tecnologias de comunicação móveis, especialmente, a dos telefones celulares vem demonstrando, cada vez mais, o quanto essas crianças vêm se tornando dependentes dessas tecnologias. Fortunati (2002) define os celulares como tecnologias da intimidade, por estarem sempre próximas ao corpo, assim, como Caron e Caronia, que argumentam que, muitas vezes, tornamo-nos um só com a tecnologia, na medida em que carregamos os celulares para todos os lugares. Esses se tornam “parte de nossas vidas de uma maneira relativamente íntima” (CARON; CARONIA, 2007). Nessa perspectiva, relatamos primeiramente o discurso de Isabela:—“celular, amo meu celular, não vivo sem ele, ele é demais. Nossa! Uso meu celular para tudo. Se abusar, uso até debaixo do chuveiro”; de Artur- “amo as tecnologias, especialmente, o celular que pode andar comigo por todos os lugares”; de Bia - “Nossa, Oneide, não desgrudo do meu celular. Na verdade, só deixo meu celular quando estou andando de bicicleta com minhas amigas, mesmo assim, sempre dou uma olhadinha” ; de Caiqui, Gabriel e Rodrigo - “olha, faço o possível para ter o meu celular por perto, e, à noite, eu deixo carregando e no silencioso”. Percebe-se, de forma

bastante clara, que, para essas crianças, o celular é como uma extensão ou prótese integrada à sua mão. Não o deixam para praticamente nada.

Na direção dos autores acima citados e de acordo com Haraway (1991) a situação de constituição do ser humano da atualidade, dependente das tecnologias como sendo “um híbrido de máquina e organismo, uma criatura da realidade social tanto quanto uma criatura de ficção, a realidade social são as relações sociais vividas nessa construção política mais importante em uma ficção de mundo em mudança” (HARAWAY, 1991, p.149), dá ênfase a um apagamento de fronteiras: as fronteiras entre realidade social e ficção científica tornam-se ilusão de ótica. Segundo a autora, a miniaturização, a portabilidade (no sentido de poder levar com toda a facilidade o objeto para qualquer lugar) e todas as funções e aplicativos, características típicas das tecnologias móveis, como a dos celulares, mudam nossa experiência sensorial do mundo e mesmo nossa inserção nas redes virtuais. Exemplificando, as crianças da pesquisa e as pessoas em geral, na contemporaneidade, capturam e compartilham, instantânea e coletivamente, as emoções e sentimentos em relação a determinados eventos, como de um show a que estão assistindo, de um jogo de futebol, de uma festa de aniversário ou casamento ou até mesmo de algum acidente ou tragédia. Nessas situações ou eventos, é interessante perceber a tecnologia como uma extensão do corpo, como sugere Marshall McLuhan (1995), ou seja, o acoplamento humano - máquina.

Em diversos relatos, os informantes dizem que, com o celular, tiram fotos de atividades esportivas, de lugares que visitam, de restaurantes, de shows, etc. e postam tudo no mesmo instante do acontecimento, ou seja, todos podem saber a todo e qualquer momento, onde estamos com quem estamos e o que estamos fazendo. Nas fases anteriores à existência dessas tecnologias, as crianças e os adultos precisavam esperar o retorno de uma viagem ou de um evento qualquer para contar como havia sido, para mostrar as fotos aos familiares e amigos, ou esperar que as mesmas fossem reveladas. Hoje, veem, registram e divulgam tudo simultaneamente. Pode-se, através das gravações em vídeos, acompanhar momentos de um show ou até o show completo, ouvir e ver as imagens e narrativas gravadas e descritas de uma viagem, embora, como já dissemos, não seja a mesma coisa que um “estar” presencial num show ou em uma viagem. Mas, pelas narrativas dos informantes, percebe-se que através da mediação do celular, eles sentem-se como se estivessem sempre juntos dos pais e dos amigos, mesmo quando a distância geográfica é grande.

Nessa perspectiva, a constituição das crianças investigadas, nas décadas iniciais do século XXI, pode ser pensada, como uma identidade física, onde o telefone celular torna-se extensão do seu corpo ou, ainda, de acordo com Haraway, essas crianças usuárias de celular também podem ser consideradas como ciborgue, pois o corpo humano vem se transformando, cada vez mais, em um organismo cibernético, um misto de carne, máquina e linguagem. O conceito de ciborgue de Haraway parece atualizar o processo de deslocamento do conceito de pessoa em sua relação com a sociedade, pois não temos mais os mesmos corpos que em outros tempos. É nesse contexto, entre o que éramos e o que estamos nos tornando, que a tecnologia surge como uma das condições de possibilidades dessa passagem.

As narrativas e comportamentos dessas crianças demonstram em seu processo de constituição como pessoa, a importância da aparência e propriedades do celular e a importância de determinadas marcas. Elas também relatam que gostam de personalizar o celular, usando capinhas que realmente representem os gostos e o jeito de ser de cada um, por exemplo: - “adoro usar capinhas e quanto mais coloridas melhor. De uma só cor, eu não gosto, não gosto de nada muito sério”; - “tenho várias capinhas e quem compra é minha mãe. ela sabe o meu gosto. Adoro as capinhas bem coloridas”; - “quanto mais colorida melhor, esse é meu jeito. Gosto das bem chamativas”; - “ah, uso capinha bem do meu jeito, bem discreta”; - “uso capinha preta só para proteger, mas gostaria de usar sem capinhas. Acho que o meu é o mais sério de todos, não gosto de capinhas, essas coisas”.

5.3 OS SUJEITOS DA ETNOGRAFIA E O TELEFONE CELULAR

Os celulares, através das suas tecnologias de informação, comunicação e de mobilidade, cativaram essas crianças. Observa-se que a maioria prefere o celular aos computadores, *notebooks*, *tablets* etc. Segundo elas, porque é fácil de levar para qualquer lugar, dá para guardar no bolso e tendo acesso à internet, podem acessar as redes sociais em qualquer lugar e momento. Utilizam-no como forma de expressar seus sentimentos e desejos. Em todas as narrativas percebe-se que as crianças utilizam o celular para se comunicarem e interagirem com os colegas da escola e também com os que não estudam na mesma escola, além dos pais. Procuram possuir o telefone celular igual ou bem próximo aos que os amigos possuem, enfatizando marcas, aplicativos mais utilizados, perfis e compartilhamentos nas mesmas redes sociais, como nos mostram os relatos: -“não acho tão necessário ter celular, mas se todos têm, como ficar sem?” – “queria trocar o meu celular, então, eu falava o tempo

todo para a minha mãe que a minha amiga tinha *Iphone*”, -“temos o grupo do *facebook* da sala, para trocarmos mensagens, informações e não aceitamos professores e pais”; - “criamos um grupo só dos amigos para conversarmos através do *whatsApp*”. Nas narrativas, percebe-se que, através do telefone celular, compartilham emoções, sentimentos, informando o tempo todo o que estão fazendo, e do que estão participando. Em um dos relatos, o informante compartilha e fala das emoções de ter ido assistir ao show do seu cantor preferido, postando fotos dos momentos que ele considerou os mais emocionantes. A maioria dos informantes gosta de personalizar o telefone celular, colocando suas próprias fotos na tela, ou seja, o que eles chamam de *selfies*, fotos que tiram de si próprios, em algum momento do cotidiano.

Através desta tecnologia, eles têm acesso à internet e conectam-se ao mundo. São várias opções tecnológicas dentro de um mesmo aparelho. O aparelho é quase uma parte do corpo da criança, trazendo uma série de modificações, tais como: organizar sua rotina, propiciar um contato mais intenso com os amigos e dar segurança às crianças ao possibilitar um contato direto com os pais, saber onde estão, se vão demorar muito para chegar em casa, buscá-los na escola ou em qualquer outro lugar que estejam.

Quando os celulares foram criados na década de 90, eles eram utilizados simplesmente para emitir e receber chamadas. Eram caros e, em virtude disso, poucas pessoas tinham acesso a eles. A duração da bateria era bastante curta e os aparelhos eram muito grandes. Hoje, eles têm inúmeras outras funções, são bem menores e atraem cada vez mais essas crianças que veem neles a possibilidade de comunicarem-se, informarem-se, interagirem e de relacionarem-se, além, de servir também como despertador, agenda, máquina fotográfica e gravadores de vídeos. Eles fazem parte do cotidiano das famílias e, especialmente, da vida dessas crianças. É um símbolo de distinção social, de pertencimento, de prestígio, um adereço, um acessório. Isso fica claro em algumas falas, quando as crianças dizem: – eu queria mesmo era ter um *iPhone 5* ou um *Galaxy S4* ou *S5*; -“ ah, todo mundo tem celular, imagine se eu não tenho”; -“ uso capinhas coloridas. Quanto mais coloridas, melhor”. As formas de utilização do celular são determinadas pelo ambiente social e cultural, ocorrendo apropriações e (re) apropriações desta tecnologia. Cada criança dá um significado diferenciado ao aparelho celular, tornando-o próprio, único em estética, em conteúdo e, especialmente, na forma de uso no cotidiano. Percebe-se que as novas crianças utilizam o celular em lugares e horários inusitados e até mesmo em lugares proibidos, como alguns informantes contam: – “no teatro, dou umas olhadinhas no meu celular para ver se tem

mensagens”; - “Às vezes, de madrugada, dou olhadinha para ver se tem mensagens ou se algum amigo postou algo engraçado”. Segundo a lógica dessas novas crianças, parece que o celular devido às suas tecnologias e possibilidades de uso, provoca algo insaciável, algo inexplicável, pois não conseguem ter uma noite de sono repousante e tranquila. De acordo com os relatos, elas dizem que não desligam o aparelho nem para carregar a bateria e para dormir. Quando se ouviu os primeiros relatos, achou-se ser um pouco exagerados, mas, no decorrer da investigação, percebe-se que quase todos os informantes não desligam o objeto nem para dormir e, na maioria das vezes, não deixam nem no silencioso, porque, segundo eles, conforme o “toque” das mensagens, é importante conferir, não importando se é dia ou se é madrugada. Alguns disseram que os pais percebem e ficam bravos, porém eles justificam, dizendo que foram ao banheiro e só estavam dando uma olhadinha bem rápida no celular.

Observa-se conflitos típicos, envolvendo as relações parentais quanto ao uso do telefone celular no que tange à renda familiar, especialmente em relação ao consumo por parte das crianças. A maioria dos informantes declara que utiliza o sistema de telefonia móvel dentro de planos pré-pagos, demonstrando controle dos pais sobre os gastos dos filhos, pois a criança também vai se conscientizando dos custos do consumo dessa tecnologia, vai aprendendo noções de economia, como uma das informantes declara: - “se gasto logo meus créditos, fico sem poder acessar as redes sociais até o dia em que minha mãe coloca crédito novamente, porque é caro usar a internet no celular”; - “procuro usar todos os aplicativos que são gratuitos, tipo *whatsApp*, porque senão meus créditos vão embora rapidinho”. Essas crianças buscam alternativas para driblar os custos, enviando mensagens de textos, através de aplicativos gratuitos, para seus contatos parentais e até aos amigos. Por outro lado, além de serem mais econômicas, as trocas de mensagens permitem uma interação não invasiva nas relações parentais, possibilitando uma comunicação em lugar, onde não se escuta a voz ao telefone, ou em lugares onde não é possível falar em voz alta, como afirmou um informante: - “durante as aulas, não se pode usar o celular; peço para ir ao banheiro e, de lá, mando mensagens ou ligo para minha mãe”.

Todas as crianças da pesquisa, disseram que celular as acompanha em todas as suas atividades cotidianas, sendo uma forma essencial e canal de comunicação com as pessoas e com o mundo. Verifica-se, nas narrativas dos informantes, que eles consideram o celular como um objeto de extrema necessidade na organização do seu cotidiano, portanto levam-no a todos os lugares: durante o dia, para a escola, clube, para as atividades esportivas, escolas de

idiomas, de dança, à igreja, à catequese, ao teatro, ao shopping, à casa dos amigos, às festas de aniversários de amigos, aos eventos festivos familiares, etc. A qualquer momento e em qualquer lugar, lançam mão desse objeto para comunicarem-se com os pais, entrarem em contato com os amigos e para verificarem tudo de significativo, dentro da lógica deles, nas redes sociais.

Essas crianças estão sendo inseridas nesse contexto de tecnologias digitais com mais facilidade do que os próprios pais, pois elas interagem com isso de maneira bem específica e própria; são muito curiosas, adoram explorar e descobrir os mecanismos de funcionamento do objeto. É interessante observar que, no processo de interação e comunicação via celular, muitas dessas crianças ensinam os pais a manusear o objeto, baixar e a usar alguns aplicativos, como relata Bia – “eu que ensinei meu pai a olhar mensagens”; e Paula: – “ não tem jeito, não, tenho que ligar pra ele, tentei ensiná-lo escrever e mandar mensagens, mas ele não aprende. Minha mãe, explico uma vez, e ela entende logo”.

5.4 O CONSUMO DE CELULARES E IDENTIDADES SOCIAIS

Na relação dialética pessoa-objeto proposta pela Antropologia do consumo, nota-se que o consumo, como prática cultural, é um processo dialético, vai muito além da compra, cujos objetos e sujeitos, mercadorias e pessoas vão se constituindo mutuamente, tornando-se importantes marcadores de identidades sociais. Na cultura do mundo contemporâneo, o consumo das tecnologias de comunicação e informação vem se tornando, cada vez mais, onipresente na vida das pessoas e influenciando a construção de identidades, como demonstram as narrativas das crianças quando relatam não imaginar a vida sem o telefone celular, já que o usam para, praticamente, tudo. Em um panorama, em que o telefone celular torna-se uma extensão do corpo humano, as relações entre produções identitárias, corporalidade e tecnologia merecem uma profunda reflexão.

Os telefones celulares estão contribuindo para a construção identitária e à apresentação de si mesmos, principalmente através do desejo constante de obter celulares de última geração como as crianças demonstram em suas narrativas, quando expressam que gostariam mesmo era de ter um *iPhone 6* ou um *Samsung Galaxy S4* ou *S5*, os mais cobiçados nos dias atuais. Há um grande interesse em possuir determinadas marcas e modelos iguais aos dos colegas, iguais aos que são mostrados nos anúncios publicitários ou usados por celebridades etc.. Dessa forma, também para crianças investigadas é muito importante estarem atualizadas, seguindo as tendências da moda. Percebe-se, portanto, que a tecnologia de informação e

comunicação vem se tornando um espaço privilegiado para refletir nas transformações que vêm ocorrendo com essas crianças, na medida em que conferem legitimação a tais vozes, dando-lhes visibilidade.

Ao identificar nas crianças um mercado em potencial e investir não só em brinquedos, roupas ou sapatos – mas em uma série de produtos materiais e simbólicos e serviços que possibilitam a formação de diferentes estilos de vida nos primeiros anos da vida – “a sociedade de consumo permitiu uma ampla visualização da criança, empoderando-a de possibilidades de consumo, escolha e, portanto subjetivação” (CASTRO, 1998, p.53). Mesmo sem trabalhar, dependendo do dinheiro dos responsáveis, além de adquirir produtos para seu próprio consumo, essas crianças interferem diretamente nos hábitos de consumo dos pais.

Segundo alguns estudos, esse fenômeno teve início nos anos 1980, na América do Norte, quando a mulher se consolida no mercado profissional e o mito da “super-mãe” começa a dar lugar à figura de uma mulher que precisa e quer trabalhar. São os filhos dessa mulher que são chamados para ter uma participação mais ativa em sua própria criação, tornando-se independentes mais cedo, acessando mais informação, escolhendo e decidindo mais, tendo mais voz na família e, conseqüentemente, na esfera pública. Além de consumirem, essas crianças demonstram, em suas narrativas, do ponto de vista do acesso à informação e seus usos, que são determinadas e que sabem muito bem o que querem, como, por exemplo, Bia em uma das nossas conversas, já fora do prazo de coleta de dados, mas, que achamos interessante mencionar:

- “desde o início/2014, fui guardando todo o dinheiro da minha mesada. Pedi aos meus avós, padrinhos e tios, que se fossem me dar presente de aniversário, presente no dia das crianças (só nesse dia é que gosto que me chamem ou me achem criança), que dessem dinheiro. Fui guardando tudo. E, no final de ano, pedi para os meus pais comprarem um iPhone 6 no Paraguai, pois lá é mais barato. Os meus pais ficaram admirados com a quantia que poupei. Faltava um pouquinho de dinheiro. Aí, com muito jeitinho, pedi para que eles completassem o valor que faltava, como uma forma de presente. Afinal, fui bem na escola, acho que fiz tudo da melhor forma possível durante o ano. Meus pais disseram que sou muito determinada e me deram parabéns. Também falaram que quando tinham a minha idade, nem pensavam em poupar, para depois comprar o que queriam. Disseram que nem sempre podiam escolher o que queriam ganhar e, muito menos, o que queriam comprar”.

É interessante observar como as práticas culturais dessas crianças encontram respaldo nos autores que estão sendo referenciados. A narrativa de Bia evidencia a autonomia, a determinação e, de certa forma, planejamento para se conseguir o objeto de desejo. Ao mesmo tempo, através das práticas de consumo desse objeto/celular, essa nova categoria etária vai

ganhando visibilidade. Pela fala de Bia, percebe-se a admiração dos pais e, ao mesmo tempo, os contrastes entre as práticas culturais, vividas pelos pais na fase em que tinham a mesma idade dos seus filhos.

Nessa direção, Margareth Mead (2002), diz que tais práticas são observadas como sinais de uma cultura que ela chama de pré-figurativa, em que essa categoria etária prefigura a cultura do porvir, diferente das culturas tradicionais, nas quais todo aprendizado das crianças ou dos mais jovens vinha dos mais velhos. No momento atual, são as novas gerações que anunciam saberes e dominam técnicas, que, muitas vezes, os adultos desconhecem. A forma como essas crianças da atualidade, e especificamente, as da pesquisa abastecem os pais de informação, especialmente tecnológica, parece conferir orgulho por um lado e, preocupação, por outro. Especialistas em marketing, observando a evolução do fenômeno, sugerem que essas crianças estão provocando um declínio de hierarquia em família. Elas assumem certo controle quando “definem tudo o que vão consumir e ainda influenciam os pais na compra das coisas da casa” (MEAD, 2002 p. 87- 88).

Tal controle, portanto, está no poder de consumo e nas habilidades tecnológicas, desenvolvidas em razão também desse mesmo poder de consumo. Logo, quando nos referimos às crianças da pesquisa, estamos nos reportando a garotas e garotos que pertencem a famílias com condições socioculturais semelhantes, que se consideram de classe média e que vivem práticas culturais semelhantes aos dos grandes centros urbanos, embora, vivendo em centros urbanos do interior. As alterações históricas e socioculturais pelas quais as sociedades têm passado possibilitam a essas crianças cada vez mais espaços para falar e serem ouvidas. Também se observa que as mídias configuram-se como um espaço de formação discursiva a partir do qual esses garotos e garotas se constituem sujeitos.

Essas crianças demonstram também desenvolver uma relação afetiva com os conteúdos arquivados em seus celulares e com o próprio objeto. Os relatos das práticas das crianças atestam que o celular vem se tornando um lugar de memória, através da digitação de mensagens de textos, arquivamento de dados, de números e de imagens ligadas às relações sociais, vividas cotidianamente. Elas possuem na agenda do celular o número do celular dos pais, dos amigos, dos professores, bem como os endereços eletrônicos de todos os amigos.

Elas fazem com que a produção de imagens circule nas redes sociais com as quais interagem e também se relacionam e interagem com outras ferramentas, como os computadores, *tablets*. Essas ferramentas vão gerando as possibilidades de transporem o físico e o analógico para o digital e virtual de uma forma coesa entre eles.

Ponderando sobre a teoria do consumo como comunicação, busca-se fazer uma reflexão sobre como as práticas culturais de consumo, atreladas aos telefones celulares, muito além da posse de bens, constituem-se modos de ser e de viver que interagem com a construção de identidades individuais e também coletivas. Na análise dos relatos, percebe-se a existência de um sistema de produção e veiculação de significados que privilegia os telefones celulares como artefato, símbolo de uma era marcada fortemente pela lógica da conectividade. Portanto, quem não o possui, pode ficar excluído de grupos sociais, especialmente, no caso das crianças. Nota-se que os telefones celulares ao tornarem-se regidos pela lógica da moda, passam a ser parte integrante dos acessórios que marcam a aparência dos indivíduos, tornando-os não só objetos de desejo, como, principalmente, um símbolo de pertencimento a diferentes grupos sociais. Em nossas observações, constatamos que o telefone celular é um objeto que está nas mãos de todas as crianças do grupo investigado e também das outras crianças com as quais os informantes relacionam-se ou não.

Baseando-se em alguns estudos que vêm investigando o relacionamento dos atores sociais com seus celulares, percebe-se um consenso no que se refere a um forte componente emocional, envolvido em tais interações, pois os usuários mostram-se ligados aos seus celulares, especialmente aos conteúdos neles arquivados e com a conectividade por eles estabelecida. Acredita-se estar aí, a possibilidade de estreitar, manter ou formar relacionamentos propiciados pelos celulares que é valorizada e fornece o estímulo necessário para a ligação sentimental com os celulares/objeto. Em termos sensoriais, há uma interação muito mais íntima com o telefone celular do que a interação com outras tecnologias, como, por exemplo, *tablets*, computadores, pois as crianças podem pegar o celular, manipulá-lo, segurá-lo nas mãos, nos momentos de alegrias, de tristezas ou nervosismo e carregá-lo para onde quiserem.

Analisando as relações pessoa-objeto, nota-se que ocorre, com o uso dos telefones celulares, uma estreita conexão de caráter afetivo. A combinação do humano e o não humano funcionam como mediadoras e mantenedoras dos laços de relações sociais, tornando-se tecnologias afetivas:

[...] objetos que medeiam à expressão, mostra, experiência e comunicação de sentimentos e emoções. Os usuários possuem um relacionamento emocional com seus telefones e sentem-se ligados a eles. Isso se deve em parte ao intrínseco caráter afetivo da comunicação humana, e também ao fato de os telefones celulares permanecerem próximos do corpo. Eles são uma extensão do corpo humano e ao mesmo tempo estende e aumentam suas capacidades. A ligação emocional pode ser observada na personalização dos aparelhos. Os celulares não são apenas uma extensão da presença do

dono, mas também propiciam a presença virtual daqueles ligados a nós. Portanto, tornam-se um importante elemento na construção e manutenção de grupos e comunidades. (LASSEN, 2004, p. 1).

Segundo Lasen (2004), os telefones celulares, além de serem uma extensão do corpo humano, estendem e aumentam as capacidades desses corpos, levando a presença do dono através do tempo e do espaço. Portanto, além de uma extensão corporal, faz-se necessário pensar na construção de identidades sociais, através do consumo, ou seja, os celulares funcionam como uma espécie de máscaras que, adicionados ao corpo, constroem a percepção de si. É essencial destacar o papel da publicidade na construção dos imaginários, ligados ao telefone celular. A publicidade é uma das principais formas de construção do significado público dos telefones celulares. Ela traz grandes estímulos à aquisição de novos aparelhos e, conseqüentemente, à formação do imaginário sobre os celulares. Observa-se que, com a popularização do celular, houve uma mudança no perfil dos consumidores que, inicialmente, estava voltado aos homens de negócios.

Atualmente, o foco tem se voltado, cada vez mais, para segmentos mais jovens da população, incluindo as crianças. A imagem pública dos celulares está, de forma geral, relacionada a três fatores: primeiro, às representações de um estilo de vida jovem, bem sucedido no plano pessoal e profissional, conectado e frenético, característico da vida contemporânea globalizada; segundo, à representatividade humorística e irônica daqueles que não aderem, por várias razões, à normatividade hegemônica dos estilos de vida representado; terceiro, o destaque à estetização dos telefones celulares, representados como acessórios de moda e representativos de vários estilos de vida. Segundo Nascimento (2004) no Brasil, os anúncios publicitários têm despertado nas pessoas cada vez mais jovens, especialmente nas crianças, o desejo constante por aparelhos mais novos, mais modernos, mais potentes, ou seja, os celulares facilitam a inserção e aceitação nas redes sociais.

Como já foi dito, os celulares, inicialmente voltados ao uso de altos executivos do mundo dos negócios, passaram a desempenhar um papel como objeto de consumo, ligados à negociação de identidades e à vivência social, especialmente no caso das crianças. Em nosso país, a enorme variedade de aparelhos, marcas, designer disponíveis, multiplicidade de acessórios e a disseminação de seu uso em todas as camadas sociais apontam seu impacto sobre as produções identitárias, mostrando que, há muito, os celulares transcenderam a função utilitária de fazer ligações. Tornaram-se entre as crianças e demais pessoas, acessórios personalizados de acordo com o gosto e estilo de cada proprietário, na maioria das vezes,

funcionando como uma extensão da pessoa e constituindo um importante elemento da apresentação pessoal do indivíduo.

5.5 RELAÇÕES DE AFETIVIDADE E OBJETO

Na análise dos dados etnográficos, surge um tema significativo que diz respeito à existência, por vezes, a uma relação afetiva entre os indivíduos e seus aparelhos celulares, bem como à dependência dos indivíduos em relação aos seus celulares e ao conteúdo neles arquivados. Nota-se que, nos relatos, a ligação com os telefones celulares se expressa em termos de parentesco; o celular parece se transformar em um ente muito querido, como mãe, pai, irmão. Por exemplo: – “não imagino minha vida sem o meu celular”; – “amo meu celular”.

Se a humanização dos celulares é uma das modalidades de ligação emocional com o aparelho, sua relação com a corporalidade é outra característica bem evidente. Nesse sentido, torna-se fundamental pensar a relação entre celulares e corpos humanos. Acreditamos ser interessante sublinhar o argumento dos meios de comunicação como uma extensão do corpo (McLuhan, 1971). Nessa nova perspectiva de corporalidade, o telefone celular pode ser pensado como uma extensão do corpo humano. Nesse sentido, foram comuns os relatos das crianças quando disseram que – “não consigo ficar um dia sem celular”; - “adoro meu celular”; - “impossível não ter celular”, - “procuro ficar com o meu celular sempre por perto”. Um dos relatos, além de reconhecer a ligação afetiva com o celular, enfatiza o papel do aparelho como meio facilitador na formação de redes de sociabilidade:

-“Eu acho que celular é algo essencial para a minha vida, adoro meu celular. Uso meu celular para quase tudo, pois, através dele, entro em contato com meus pais na hora que eu quero. Falo com meus amigos coisas do colégio ou sobre outros assuntos, entro no facebook para ver o que meus amigos estão postando, entro no twitter para seguir os meus ídolos. Tenho o endereço eletrônico e o número dos celulares que uso para enviar mensagens ou telefonar. Não tenho outro tipo de agenda. A única agenda que eu tenho é a do celular”.

Tanto a relação afetiva quanto a dependência tecnológica, em seus mais variados níveis, encontram um ponto de convergência no argumento de que o celular confunde-se com o corpo e mesmo com a própria vida. - “Eu não imagino minha vida sem o celular” foi certamente uma das frases que mais ouvi durante os encontros. - “Antes, o celular não me atraía tanto, mas, agora, eu não vivo sem ele”. “O celular é tudo na minha vida. Sem ele, é horrível”.

Outra categoria, na qual a ligação emocional com o celular se expressa é o da dependência. A prática de deixar o celular sempre ligado, vinte e quatro horas por dia, de tê-lo sempre ao alcance das mãos e a preocupação em nunca deixar a bateria descarregar fazem parte desse imaginário.

Praticamente todas as crianças definiram-se como “fãs” ou “viciados” em tecnologias de comunicação e informação. Como nos mostram alguns relatos: “amo as tecnologias, especialmente o celular: – “Não passo um dia sem o meu celular”; - “olho o meu celular a quase todo momento para ver se tem algum recado dos amigos ou da minha mãe”. Também se pode pensar a respeito do vício em celular, com relação ao grupo pesquisado, como uma das manifestações a partir da perspectiva de sua transformação em um artefato que passou a ser regido pela lógica da moda.

Pesquisas de mercado mostram que o tempo médio de troca de aparelhos celulares pelo consumidor brasileiro é de, no máximo, 18 meses, entre membros das classes A e B. A razão disto, segundo especialistas da área, são, principalmente, duas: para o brasileiro, o celular é um item de moda que diz muito sobre o indivíduo e, portanto o consumidor brasileiro tem a tendência de comprar celulares novos para exibi-los para outros indivíduos. A segunda razão é que a média de troca dos aparelhos celulares entre os participantes à época do trabalho de campo (2013 – 2014) ficou em torno de doze meses. Nesse sentido, é possível perceber, muitas vezes, o caráter contraditório das justificativas para se trocar de celular, como podemos ver na fala de Isabela:

-“Ganhei o meu primeiro celular aos 10 anos, um desses bem “podrinho” do Paraguai. Antes disso, usei um do meu pai. Ele já não o usava mais. Mas, a minha mãe sempre pedia para ele comprar um celular melhor para mim, para que eles pudessem entrar em contato comigo e eu com eles, caso fosse necessário. Depois fiquei falando, falando, até que meus pais me deram o *iPhone 4S* branco Nossa, esse eu não troco por nada! Ou melhor, troco só por um mais moderno”.

Percebe-se que, devido à pressão social, exercida nas redes sociais às quais esses atores da pesquisa pertencem ou mesmo devido às mudanças na percepção de si, essas crianças fazem esforços significativos para convencer os pais de que precisam e querem trocar seus telefones celulares, mesmo que o aparelho que possuem esteja em perfeitas condições de uso. A alegação é de que os colegas já têm telefones celulares mais modernos, com mais recursos e que, nos novos aparelhos, é possível baixar aplicativos gratuitos para se comunicarem. Nesse registro, ainda vale lembrar a argumentação de Lipovetsky (1991) sobre o sistema da moda, quando ressalta a obrigação social do sempre novo – a pressão social para que os agentes sociais, assim como os objetos, estejam inseridos na lógica da moda. Nessa

direção, os resultados da análise das narrativas estão em consonância com os de outros pesquisadores que investigam o cenário da cultura digital móvel e das práticas culturais relacionadas aos telefones celulares.

Os argumentos utilizados para justificar a troca de celular, com frequência, estão ligados ao lançamento de novos aplicativos com funções cada vez mais atualizadas, preferencialmente se forem gratuitos, facilitando a comunicação e interação, além de câmeras digitais, cada vez mais potentes. Acredita-se ser importante apontar, nesse registro, a construção que a publicidade faz do celular pela estética da moda. O discurso dos anúncios publicitários de celulares, como os modelos do *iPhone 5S e 6S da Apple*, do *Galaxy S4 e S5 da Samsung* e de outras marcas, parecem seguir a mesma lógica dos anúncios de moda ligados à indústria do vestuário: pouco ou nenhum texto, modelos crianças, jovens e bonitos que demonstram “atitude” e “estilo”.

Na análise dos dados coletados, observa-se que, entre as crianças entrevistadas, a influência para desejarem trocar seus celulares são os anúncios publicitários na televisão, na internet, nas próprias redes sociais e a exposição de aparelhos nas vitrines. Além disso, a motivação principal é a coerção social que ocorre quando se vê colegas com um celular novo e passa-se a desejar igual. Aqui, nota-se que a busca por distinção social pode guardar aspectos contraditórios e, até mesmo, surpreendentes. Possuir um celular de última geração é percebido como um valor importante. Ao mesmo tempo, é preciso que esse celular tenha as funcionalidades da maioria.

Katz e Sugiyama (2002) argumentam que os consumidores de celulares, ao aderir ou contestar os imaginários que os discursos da publicidade e da Internet fazem circular, atuam como co-criadores dos significados públicos dessa tecnologia. Neste aspecto, gostaríamos de analisar outra instância de significados que, segundo os autores, igualmente contribuem para a criação de sentidos a respeito da tecnologia móvel: a personalização dos aparelhos, seja através da modificação de seu aspecto original, seja através de suas funções.

O celular já parece ter se consolidado como elemento importante do imaginário, associado à tecnologia, tanto para adultos quanto para crianças. Se para os adultos, possuir um celular traz novas alternativas de inclusão simbólica em uma lógica de contemporaneidade, marcada pela conectividade e mobilidade, assim como novas possibilidades de apresentação do eu. No caso das crianças somam-se a essas duas instâncias a posse do celular, como uma espécie de ritual de passagem para outra fase da vida, como mostra os relatos de quase todos os informantes. – “o meu “primeiro celular só servia para fazer ligações, agora já tenho um celular bem melhor”, - “quando ganhei meu primeiro celular, eu tinha sete anos e só servia

para ligar à minha mãe e ao meu pai”. Hoje, já tenho um *iPhone*”; - “minha mãe dizia para o meu pai que já estava na hora de comprar um celular melhor, pois eu já estava bem crescadinha”; - “minha mãe dizia para meu pai que precisava dar um celular melhor, porque eu já estava no sexto ano, já estava mocinha”: - “meu irmãozinho, de apenas sete anos, não precisa de um celular como o meu, ele é muito criança, só sabe apertar um número já programado para ligar para a mãe e para o pai”. - “usar um celular simplesinho, sem recursos, é coisa de criança pequena, que ainda gosta de galinha pintadinha e que não sabe cuidar”.

Aqui, também, percebe-se uma das principais características da adoção do celular enquanto acessório de moda: sua força de coerção social. Nesse sentido, as crianças foram unânimes em afirmar que quem possui telefone celular de última geração “é moderno, está antenado.” Quem não tem um celular assim, ou possui um modelo mais antigo, com poucos recursos, para a criança, implica não só “vergonha” ou inferioridade social, diminuindo e sua possibilidade de interação nas redes sociais, como também parecer “criancinha”. Assim, de forma geral, há um consenso de que as pessoas prestam atenção no aparelho que cada uma delas tem e, também, as que não o têm. Pode-se perceber isso, através de um dos relatos de Caiqui: - “não acho tão importante, assim, ter celular; mas, se todos o têm, não posso ficar sem ter”. Esse sentimento de vergonha, de não estar incluído, ocorre, porque, nas relações sociais dos grupos aos quais pertence, o celular ainda é tido, por muitos, como um objeto de status e distinção.

Principalmente entre essas crianças e os mais jovens, em geral, acredita-se que quem possui um celular mais antigo, pode “passar vergonha” quando atende ao aparelho em público, como afirma Isabela: - “emprestei o meu celular para minha mãe levar em uma viagem, porque o dela era bem ruinzinho. Não enviava mensagens e possuía uma câmera fotográfica bem fraquinha. Já falei para ela comprar um melhor”; e Sara quando diz: - “minha mãe pedia para meu pai comprar um celular melhor, porque eu já estava mocinha”. Ter um celular mais atual, com mais recursos tecnológicos, é muito importante para se sentir incluído no grupo e não passar vergonha diante dos amigos.

Uma análise da dimensão simbólica do consumo de telefones celulares, já citada anteriormente, expressa nas novas práticas sociais e culturais a eles associadas, dando conta das crescentes relações entre cultura e consumo na atualidade. A posse e a fruição dos aparelhos inserem os indivíduos simbolicamente em redes de sociabilidade que os conectam ao estilo de consumo tecnológico, característica da contemporaneidade. Assim, no contexto de uma sociedade de consumo globalizada, é que os celulares passaram de simples instrumentos de comunicação, informação e interação com acessórios de moda. De acordo

com Katz e Sugiyama (2002, p. 79) “a dimensão do estilo é enormemente importante na maneira como os telefones celulares são percebidos, tanto pelos usuários quanto pelo público em geral”. Os celulares tornaram-se regidos pela lógica da moda e, nesse sentido, passaram a ser parte importante da apresentação e inserção dos indivíduos em suas redes sociais e, mais ainda, parte importante de uma concepção contemporânea de pessoa que é profundamente atravessada pela tecnologia.

Os telefones celulares tornaram-se uma presença marcante na contemporaneidade urbana e na vida dessas crianças, ou seja, popularizaram-se entre distintos atores e camadas sociais. De meros instrumentos de comunicação, usados para fazer e receber chamadas passaram a ser regidos pela lógica do mercado e da moda. Os telefones celulares tornaram-se uma extensão de nossos corpos, do nosso cérebro e de nossa personalidade, levando a presença de nossos entes queridos até nós e a nossa a eles – e é nesse percurso de vivência de nossos relacionamentos sociais que a relação cotidiana, com os celulares, tornou-se carregada de emoções. Nesse sentido, os celulares objetificam valores importantes para cada um de nós e tornam-se elementos importantes na percepção de quem somos – para nós mesmos, para os outros e para o mundo.

Outra instância de relacionamento emocional com o celular é quando a raiva e a ansiedade estão relacionadas tanto às práticas de uso do telefone celular, quanto ao próprio aparelho. Nesse sentido, analisamos o relato de Duda:

-“Às vezes, quando vou à casa das minhas amigas fazer trabalho da escola ou brincar e não quero que minha mãe fique ligando para eu voltar para casa, finjo que esqueci o celular em casa, ou que ele está sem bateria. Assim, demoro um pouco mais e ela não fica tão brava. Ela liga muito e fica muito brava se a gente não atende na hora. Nossa! Um dia eu não atendi ao meu celular e ela ligou no celular da minha amiga para falar comigo. Foi horrível!”.

O relato de Duda demonstra que o celular precisa estar sempre disponível, ou melhor, que a criança precisa estar constantemente com o celular ligado e disponível para atender à mãe. Ela ainda relata: - “minha mãe é muito ansiosa, não sabe esperar, fica logo muito impaciente se a gente não atende à primeira chamada”.

Outra categoria, observada na investigação, é a captura e arquivamento de imagens, sejam elas ligadas ao cotidiano de cada ator social, sejam elas ligadas aos relacionamentos familiares, que estão entre as funcionalidades do celular que mais têm atraído à atenção das crianças. É importante destacar que essas imagens circulam nas redes de sociabilidade e, são compartilhadas entre família e amigos, através de aplicativos como o *wathsApp* e *Instagram*

que as crianças baixam em seus celulares e nas redes sociais como *facebook*, *twitter*. A prática de utilização do celular para tirar fotos de familiares, de amigos, de eventos, de lugares tem sido a mais encontrada no trabalho em campo. As imagens são de momentos do cotidiano e, principalmente, de situações que elas consideram importantes ou engraçadas, como por exemplo: adoram tirar e postar fotos, fazendo caretas, poses, *selfies*, fotos de momentos de apresentações de trabalhos escolares, de jogos a que estão assistindo, de shows a que vão assistir, dos lugares que visitam nas férias ou de viagens, como demonstram os relatos:

- “agora estou de férias e usando muito o celular para saber onde meus amigos estão se viajaram e para onde. Peço para postarem fotos do lugar em que estão. É bem legal. Em dezembro, fizemos uma viagem de carro, postei fotos de todos os lugares onde estivemos. Só que as fotos são somente para os amigos que formam o grupo no *whatsApp*. Não posto no grupo do *facebook*. A minha mãe curte as coisas que eu posto e que meus amigos postam também. Às vezes, ela pede para enviar, no e-mail dela, alguma foto de que ela gosta. O bom é que a gente continua ligado com todo mundo e em qualquer lugar, como: na rua, em casa, no clube, nas viagens. A gente não perde nada. Muitas vezes eu e meu irmão que avisamos meus pais de coisas que andam ocorrendo com os amigos deles.”

- “Agora estou de férias, maravilha! Montamos um grupo de amigos e amigas no *whatsApp* (amigos mais íntimos, é claro). É muito legal. Falamos de tudo (de meninos, de quem está ficando com quem, de bobearas, de músicas, de fofocas) e um pode ver a conversa do outro e participar, é bem legal e às vezes quase dá confusão. Tem sempre um que entende diferente o que se está sendo falado e aí, alguém tesoura bem rápido. Acho bem legal, porque, embora alguns estejam viajando, parece que estamos sempre juntos. Ficamos sabendo de tudo o que se passa com cada um. A gente acaba zoando bastante também, sobre algumas bobearas nossas, sobre coisas do *twitter*, do face e assim vai”.

- “No período que estou de férias, mando mensagens para saber onde meus amigos estão, o que estão fazendo, se o que estão fazendo é legal. Alias, eles e eu postamos tudo e ficamos sabendo até o lugar onde estão, o que estão comendo, etc. É muito legal. Eu acho, né?”

- “Uso muito o *Instagran*, *twitter*, *whatsApp*, tenho duas mil fotos registradas que tirei com o celular. Gosto de registrar tudo que é engraçado. Quando estou na rua, e meus amigos fazem coisas engraçadas, qualquer palhaçada, eu registro e depois compartilho com meus amigos”

Além do registro das fotos, percebe-se, no relato, que as crianças mantêm um alto grau de conectividade e que não há barreiras de espaço e tempo. O local e o universal também são marcas dessas novas crianças da sociedade contemporânea. Sentem-se pertencentes, não importando as barreiras geográficas ou de tempo que os separem.

Outra categoria de imagens, que circula entre eles, são os vídeos de entretenimento. Nesse caso, as imagens circulam para além das relações de parentesco e atuam como

elemento de sociabilidade e também entre redes de amigos. Os vídeos de entretenimento preferidos e compartilhados, entre eles, são os de pegadinhas que devem ser, na concepção deles, bem engraçados. Também, vídeos que produzem em sala de aula ou em outros locais, envolvendo amigos em situações cômicas, como dormir em sala de aula. Além dos vídeos de pegadinhas, circulam também, entre eles, vídeos de shows dos cantores preferidos e acontecimentos esportivos.

Na análise das narrativas, nota-se que as câmeras dos celulares também são utilizadas para captar imagens de imagens. A prática de apontar a câmera do celular para a tela de um computador ou para a tela da televisão e tirar foto de uma imagem, de uma cena que, segunda elas, é significativa, ou até mesmo gravar um pequeno vídeo de alguma, é muito comum entre os informantes. Quando questionadas sobre o significado e importância de se tirar fotos de imagens/cenas de algo que está passando na televisão, ou de algo que estão vendo na internet, via computador, responderam que é muito interessante e que é para mostrar aos amigos o que estão assistindo, podendo ser um show ou videoclip de algum cantor, cantora ou banda que gostam, a um jogo futebol ou a uma partida de tênis, algo de um noticiário, etc. Apenas Rodrigo disse que é para deixar registradas as imagens de um belo gol da vitória do seu time e, também, mostrar aos amigos da sua rede de relacionamentos que não estão assistindo, como esse gol aconteceu. Rodrigo afirma que tira fotografia de imagens do seu time na televisão por não poder estar presencialmente no estádio e, ainda, comenta – “aproveito também para fazer *zuações* com os amigos que torcem para times adversários do meu”. Percebe-se uma necessidade por parte dos informantes de mostrar que estão assistindo a eventos que também interessam a seus amigos. É como se dissessem: “Estou atento. Olha, estou assistindo à partida de tênis ou de futebol”.

Várias fotos foram tiradas da tela da televisão, pelos entrevistados, no momento em que o jogo do Brasil estava acontecendo, por ocasião da Copa do Mundo/2014 e, postadas, instantaneamente, nas redes sociais compartilhadas. Além disso, é comum, entre as crianças investigadas, a prática de tirar fotos de comunicados da direção da escola, de conteúdos de provas e de horário escolares, fixados em editais do Colégio, como relatam quase todos os informantes: - “nem pensar em ficar copiando horário das aulas. Tiro foto e arquivo no meu celular. Os horários mudam muito, e eu vou ficar copiando todas as vezes?” – “Às vezes, minha mãe quer saber os horários das provas e como tirei foto e arqueei, mando através do *WathsApp* para o celular dela. Ela ri e diz que sou preguiçosa, porque nem copio os horários. Por que copiar se posso tirar foto do edital?”

5.6 AS NOVAS CRIANÇAS E O USO DO CELULAR NA ESCOLA

Ao se levantar alguns questionamentos às crianças informantes sobre o uso do celular nas escolas em que estudam, deparamo-nos, com observações e falas que sinalizam uma certa incoerência da instituição escola em relação à sociedade tecnológica contemporânea. Através dos relatos das crianças percebe-se que a escola continua nos moldes de uma sociedade disciplinar. Toda sua hierarquia e estrutura física e a forma como os espaços escolares foram construídos servem para disciplinar, de forma sutil, e, por vezes, invisível. As crianças vão à escola com o intuito de aprendizagem, mas como diz Foucault, elas estariam sofrendo “sequestro” de seus corpos. Permanecem horas sentadas, muitas vezes passivas, aprendendo como devem se comportar em sociedade e até mesmo os desejos que lhes são permitidos ter.

De acordo com a narrativa de Caiqui um dos garotos do grupo, vimos a seguinte realidade – “Meu dia a dia é assim: levanto por volta das 06h30min , tomo meu leite, vou à escola e lá fico entediado por umas seis horas. Entediado, porque escola é um saco, fico entediado todo o horário que estou na escola...”. Em outro encontro, a questão foi retomada e Caiqui disse:

– “na escola não se pode usar celular, nem mesmo na hora dos intervalos. Tem que ficar sentado o tempo todo, não acontece nada de interessante, não se pode pesquisar através do celular, tem que ficar só escutando e, se falar, leva bronca, não sei, é chato, a hora não passa, parece que a gente está de castigo”.

No depoimento de Caiqui e de outras crianças do estudo, percebe-se de certa forma, uma contestação aos moldes disciplinares da nossa sociedade. Essas crianças nasceram em época de grande velocidade das informações e de inovações tecnológicas, no entanto, continuam tendo que se submeter às mesmas normas e as mesmas regras institucionais, características das décadas ou do século anterior. Normas e regras que parecem estáticas, perenes, quando, na verdade, sabemos que a cultura é dinâmica, tem vida, transforma-se, reconfigura-se. As crianças parecem revelar, em suas narrativas, o grande descompasso entre o que é considerado o “velho” e o “novo”. Entendemos que em todas as épocas existiram conflitos em relação ao “novo” e que as adaptações eram lentas diante das inovações, mas hoje, a velocidade das transformações em todas as áreas é muito grande, especialmente, das tecnologias de informação e comunicação.

Essas crianças demonstram resistência em seguir regimentos escolares das fases anteriores. Elas sinalizam a necessidade de transformações, de adequações e não se trata de

abandonar o “velho”, o “antigo” ou o que já foi base de sustentação da realidade social. Na análise, percebe-se que se trata da necessidade urgente das instituições, especialmente, a escola em que essas crianças estudam, de se adaptar, de se readequar à nova realidade social do mundo contemporâneo.

Segundo Foucault, não só as instituições produzem corpos dóceis, mas também os discursos funcionam como tecnologia de poder, muitas vezes amparados em discursos científicos, que justificam construções de hierarquias e de identidades. Isso se percebe nos relatos dos informantes e na própria vivência de trabalho da pesquisadora, pois, há pouco ou quase nenhum empenho da maioria dos responsáveis pela instituição escola, em debater, com profundidade, a viabilidade de transformações na instituição escolar, em contexto de sociedade tecnológica contemporânea. O que se nota e o que os relatos demonstram é uma resistência às mudanças, à necessidade de readequações, mesmo sabendo que não é possível permanecer com o mesmo discurso e com as mesmas práticas. Na vida cotidiana das escolas em que essas crianças estudam, antes de se estimular o diálogo, o debate, a busca por soluções inovadoras para a realidade que se apresenta, parece haver uma preocupação em reforçar as restrições para o uso das tecnologias, inclusive, implementando cláusulas regimentais etc. O que se ouve é que o uso dessa tecnologia/celular tira a atenção dessas crianças, que escrevem em forma de código, que não sabem mais escrever, que não gostam de ler, ou que estão lendo muito menos; que vão menos à biblioteca e que não têm noção dos riscos que correm em estar o tempo todo, conectadas à web.

Através da vivência cotidiana nas escolas, percebemos que existe alguma verdade em tudo isso, mas que também, sempre existiram crianças desatentas em sala de aula, crianças que não gostavam de escrever e de ler. Aqui, queremos enfatizar que não estamos tomando o lugar do nativo, e nem mesmo afirmar o que está certo ou errado. Estamos, simplesmente, colocando o que constatamos em nossas observações e experiências de trabalhos, em ambientes escolares. Afirmar que hoje, essas crianças são mais desatentas, escrevem e leem menos por causa do uso das tecnologias de informação e comunicação, é muito superficial e essa questão merece atenção e estudos aprofundados. Entendemos que essas crianças precisam ser percebidas em seu contexto cultural através de um olhar ou de um mergulho dos adultos, ou seja, de pais e de professores nesse universo infantil.

O presente estudo não tem a pretensão de analisar o que é, ou pode ser positivo e, o que é, ou pode ser negativo, em relação ao uso do celular por essas crianças na escola, devido

à velocidade do fenômeno e desse objeto de estudo ser recente, mas, sim, de levantar, através da análise da lógica interna do grupo de crianças investigadas, o que está sendo sinalizado.

Busca-se fundamentar o que foi exposto, especialmente, os anseios apresentados nas narrativas das crianças, a partir do pensamento de Pierre Lévy (1999), que sugere que proibir o uso do celular/tecnologias em sala de aula pode dar a entender que o docente é o único meio que o estudante pode encontrar para obter conhecimento naquele espaço. Para o autor, na realidade atual, surgem espaços abertos e não lineares, onde cada indivíduo preenche um papel específico, único. E, segundo o autor, é urgente a necessidade de uma profunda reforma no sistema educacional, no que diz respeito a reconhecer as experiências adquiridas por cada personagem no processo educativo, na criação e transmissão do conhecimento. A ideia agora é orientar os caminhos individuais, reconhecendo os saberes de cada pessoa, com diferentes olhares.

Na perspectiva Pierre Lévy (1999), as novas tecnologias favorecem novas formas de acesso à informação e a novos estilos de linguagem e de raciocínio. Como essas tecnologias são objetivadas em documentos digitais ou programas disponíveis na rede ou facilmente reproduzíveis e transferíveis, podem ser compartilhadas por inúmeros indivíduos, aumentando o potencial de inteligência coletiva dos grupos humanos. A UNESCO, por meio da Coordenação de Educação, em 2013, divulgou o documento “Diretrizes para Política de Aprendizagem Móvel”, o qual estimula o uso de tecnologias móveis em sala de aula. Segundo o documento, “não usar tecnologias móveis é perder oportunidades educacionais muito ricas”. Seguindo esse raciocínio, se essas crianças, no caso da pesquisa, tiverem a oportunidade de confrontar as informações que a escola passa em sala de aula, através de recursos tecnológicos, acredita-se que, se bem orientados, poderá potencializar a qualidade do aprendizado.

Ainda de acordo com Lévy (1997), há três formas de linguagem: a oral, a escrita e a digital. Para que o conhecimento se apresente, o indivíduo usa de um instrumento de linguagem. Assim, a linguagem se constitui como instrumento de propagação e representação da memória; logo, dá base à organização e à manutenção dos conceitos aprendidos. Na linguagem oral, a compreensão dos conceitos fica ligada às pessoas que dominam o mesmo tipo de língua (falada), dando, assim, condições para que a mensagem seja repassada a todos os componentes daquele grupo, estando armazenada na memória de cada indivíduo. Na

aquisição da linguagem escrita, ocorre um desprendimento da memória humana como ambiente de armazenagem de informações.

O registro escrito tira da pessoa, a responsabilidade de carregar todas as informações em sua memória. Assim, as linguagens escritas e orais têm características lineares e encadeadas, enquanto na linguagem digital (tecnológica), as informações já não são armazenadas de forma linear. Segundo o autor, a narrativa da linguagem digital rompe com o pensamento linear e sequencial, dando espaço a fenômenos descontínuos, onde espaço e tempo têm características bem particulares de acordo com o que o homem deseja e precisa saber. Devemos, portanto, estar muito atentos a essa realidade, pois as crianças do estudo nasceram em contexto de linguagem digital.

Na atualidade, a abordagem da teoria da comunicação está muito voltada ao desenvolvimento das novas tecnologias, às novas formas de comunicação, a partir da interatividade e do estabelecimento de redes de informática. Segundo Maggio (1997), a tecnologia educacional é amplamente favorecida, trazendo para si novas questões relacionadas aos campos da pedagogia e da psicologia, enfocando uma discussão acerca da ampliação da mente humana, a partir do desenvolvimento de tecnologia inteligente.

Com a introdução das novas tecnologias na escola, a linguagem produzida na integração entre imagens, movimentos e sons, pode criar uma nova comunicação entre o professor e o aluno e possibilitar a construção de uma aula mais dinâmica e lúdica. A comunicação, resultante das palavras, dos gestos e dos movimentos distancia-se do gênero do livro didático, da linearidade das atividades da sala de aula e da rotina escolar. Criar espaços para a identificação e o diálogo entre essas novas formas de linguagem, é permitir que essas crianças aprendam a se expressar de diferentes formas. É importante perceber que a tecnologia não é algo exterior ao ser humano, mas está incorporada, indissociavelmente, à atividade humana, como afirma Lévy (1999, p.22), “[...] tornando-se uma das linguagens mediadoras das relações com o mundo”. Na medida em que a cultura digital permeia em todos os poros da sociedade contemporânea, o papel da escola e do educador necessita ser redimensionado para não sofrer e aprofundar uma dicotomia entre a vida e a escola.

Para tanto, a aprendizagem deve se tornar cooperativa/colaborativa, onde professor e alunos são parceiros na produção do conhecimento. “O professor da sociedade do conhecimento deve compreender que, além da linguagem oral e escrita, que acompanha historicamente o processo pedagógico de ensinar e aprender, é necessário considerar também

a linguagem digital” (LÉVY, 1999, p. 22). O grande desafio, não é abandonar totalmente o que a escola vinha desenvolvendo, e sim, a adoção de uma ação docente inovadora, ou seja, é desfrutar da interconexão dessas linguagens, permitindo uma prática pedagógica atualizada que propicie a essas crianças e às demais um processo conjunto para aprender de forma criativa, dinâmica, encorajadora e que tenha como essência o diálogo e a descoberta, elementos que foram sinalizados nas narrativas dos informantes, quando se referem ao fato de poderem usar o celular em praticamente todos os lugares, menos na escola.

Moran (1995), também avalia o uso de ferramentas com acesso à web na sala de aula, como uma tecnologia que facilita a motivação dos alunos pela novidade e pelas possibilidades inesgotáveis de pesquisa que ela oferece. O celular ou outra ferramenta, com acesso à internet, pode ajudar a desenvolver a intuição, a flexibilidade mental, a adaptação a ritmos diferentes, permitindo, ainda, o desenvolvimento de novas formas de comunicação, aproximando textos e imagens e incorporando sons e imagens em movimento.

Segundo os pesquisadores citados, também existem desvantagens no uso de tecnologias/ferramentas, com acesso à web na sala de aula, especialmente, quando os alunos não são bem orientados, quando a escola e seus profissionais/docentes não procuram se readequar a essa nova realidade. As desvantagens estão relacionadas à quantidade de informações e dados disponíveis na rede que pode acabar levando à confusão do aluno, quanto à seleção de informações e à dificuldade que alguns têm para desempenhar um papel mais ativo na construção do aprendizado, ou seja, realizar pesquisas, selecionar informações e permitir a construção de um espírito crítico.

Além das possibilidades de uso em sala de aula, essas crianças usam o telefone celular, para informar aos pais o que ocorre na escola em tempo real, sem precisar de intermediários, ou seja, da direção, coordenações, professores, pois estão munidas de dispositivos móveis que lhes permitem filmar, gravar, registrar e enviar aos pais e, até mesmo, postar nas redes sociais, ainda que a escola as proíba. Percebe-se o grande descontentamento de todas as crianças pesquisadas por não poderem utilizar o celular no ambiente escolar, já que ele faz parte do cotidiano delas e pode ser utilizado, praticamente, em todos os ambientes. Enquanto as escolas conservam-se nos moldes das sociedades disciplinares, onde as formas de poder, de confinamento apresentam-se dentro de uma forma de linguagem analógica, as crianças do presente estudo estão numa transição para uma forma de sociedade de controle, em que essa linguagem ganha um caráter virtual e de sistema. A capacidade dessa variação de linguagem

está permitindo às crianças, em questão, escapar dos moldes disciplinares, existentes nas escolas, fazendo uso da mobilidade dos celulares, para exemplificar utilizamos a fala de Isa:

-“Na escola, não se pode usar o celular, mas nós o usamos. Também usamos o telefone celular para criticar os professores (nada sério, sabe?) como, por exemplo: certos professores ficam bravos e até tomam nosso celular, porque o esquecemos ligados ou não o colocamos no silencioso. Aí, criticamos, pois não é preciso tanto. É só mandar desligar e guardar.”

Pelos relatos, nota-se que a escola está sendo controlada e vigiada pelas próprias crianças e pais. As crianças de posse do telefone celular, não buscam intermediários na hierarquia escolar para se comunicarem ou informarem os pais, como as das fases anteriores, devido à existência das tecnologias de informação e comunicação móveis. Antes, para se fazer uma ligação aos pais, era preciso solicitar autorização da escola. Atualmente, mesmo proibido, elas vão ao banheiro, ao pátio e fazem a ligação, ou enviam uma mensagem, um vídeo, uma foto. A escola, a qualquer momento, pode ser surpreendida pela visita de um pai que recebe uma mensagem da criança, que está dentro da escola, e não está passando bem ou mesmo para entregar algum material, trabalho de alguma disciplina etc., como nos mostra o relato a seguir, que sintetiza a fala da maioria dos informantes:

-“Quando preciso falar com minha mãe, porque estou com dor na barriga, dor de cabeça ou porque me esqueci de levar trabalho ou algum material, peço para ir ao banheiro e ligo de lá para minha mãe. Assim, não preciso falar com professora, diretora para avisar minha mãe, elas demoram muito, ficam enrolando. Assim, ligo e falo eu mesmo”.

Evidencia-se que há uma espécie de vigilância disseminada no social, já que todos podem, de certa forma, seguir os passos de todos. Percebe-se que nenhuma forma de poder parece ser tão sofisticada quanto àquela que regula os elementos imateriais de uma sociedade, caracterizada pela informação e comunicação, como mostra uma a narrativa do Rodrigo:

- “Se estou na escola e preciso falar com minha mãe, como na sala de aula é proibido usar celular, peço licença para ir ao banheiro e vou ao pátio ou ao corredor e ligo (primeiro verifico senão não tem ninguém vigiando). No pátio e nos intervalos, pode usar, mas sair da sala para ligar, não. Assim, não preciso pedir para ninguém ligar”.

Nas narrativas percebe-se também uma urgência em comunicar determinadas situações vivenciadas no cotidiano, especialmente no cotidiano escolar e que, também, não há preocupação com hierarquias, normas ou regimentos escolares, algo bem característico da contemporaneidade, como veremos no depoimento do Caiqui: - “Na escola não pode usar o

celular, mas uso escondido para falar de coisas que vejo acontecer nela, como por exemplo, alguma confusão, algum colega que não foi à aula, porque está doente, bronca dos professores ou recado da direção da escola”.

Nota-se que as instituições de ensino, especialmente as que essas crianças estudam, necessitam buscar estratégias que consigam engajá-las e motivá-las, uma vez que nasceram na era digital. Faz-se necessário, urgentemente, reavaliar alguns pontos relevantes, que façam sentido e que sejam instigantes e desafiantes para essas crianças. Por outro lado, percebemos que, a paciência, a tolerância, a espera do momento adequado para comunicar algo aos pais, o respeito às normas institucionais, estão ficando de lado.

Essas crianças, provavelmente, não querem enfrentar nenhum tipo de frustração em relação ao uso do celular como mediador das relações entre elas, pais e escola. Querem informar ou comunicar tudo, de forma instantânea. Não demonstram, nos relatos, preocupação em refletir sobre o fato acontecido ou que está acontecendo para depois comunicá-lo aos pais ou aos amigos. Além disso, também não se percebe preocupação com as consequências por não seguirem normas ou regras regimentais institucionais. Em diversos relatos, as crianças demonstram conhecer e saber que existem regras, normas escolares e afirmam: “não pode, mas eu faço”. Observa-se que o uso das tecnologias de informação e de comunicação nas escolas, especialmente, o celular, vem possibilitando a transgressão cada vez mais velada. Como é um fenômeno que avança sem possibilidade de recuo, pensamos que, ao invés de implementar normas regimentais cada dia mais restritivas, a situação merece profundas reflexões por parte das escolas e das famílias, especialmente, das crianças do estudo.

A análise das narrativas demonstra que o uso do celular, em sala de aula, segundo essas crianças, poderia ajudá-los a pesquisar, criar textos, gravar vídeos, tirar fotos, armazenar dados e compartilhar todo material nas redes sociais e blogs da escola e das disciplinas, criar banco de imagens, fazer gravações de mini documentários, enviar mensagens aos professores sobre dúvidas e avaliações nas disciplinas, compartilhar conteúdos com crianças da mesma série de outras escolas, como nos mostram alguns pontos comuns nos relatos de Bia, Paula e Isabela: -“No meu colégio, nos intervalos das aulas e no recreio, nós podemos usar à vontade, mas penso que a gente deveria usar em sala para pesquisar”; - “penso que, na sala de aula, poderíamos usar para pesquisar sobre assuntos que estamos estudando”; -“ há alguns professores bem legais que deixam a gente pesquisar os assuntos, depois que terminamos as

atividades, enquanto os outros colegas ainda não terminaram”; Paula- “às vezes, durante o intervalo, entro em contato com amigos do outro colégio e conversamos sobre o que estamos estudando, o que é mais interessante”.

Enfim, constata-se que o telefone celular já é instrumento de mediação das relações de comunicação e informação entre as crianças, professores, escola e entre filhos, pais e escola de forma geral, como demonstram os depoimentos de praticamente todos os informantes: -“uso meu celular para fotografar os horários das provas e dos plantões tira dúvidas”; - “não copio mais horários e nem os avisos no meu caderno. Tiro foto e arquivo no meu celular. Assim, a hora que preciso, posso olhar”; -“alguns professores postam conteúdos de matérias de prova ou de trabalhos no *facebook* da turma, mas, infelizmente, são pouquíssimos”.

Com a popularização do telefone celular na contemporaneidade, a adoção das tecnologias digitais nas escolas é um caminho significativo, porém sem descartar as práticas utilizadas ou começar do zero e, sim, agregar o celular como mais uma ferramenta pedagógica, de forma bem orientada e de acordo com o contexto cultural dessas crianças. Proibir seu uso nas escolas faz com que as crianças sintam-se deslocadas, como se estivessem fora da sua realidade cotidiana, como já demonstramos em relatos acima e nos depoimentos a seguir: Isabela diz em um dos seus relatos - “Na sala de aula é proibido usar o celular e se a gente é pego, tomam o nosso celular que fica na coordenação por uma semana. Nossa! É horrível ficar uma semana sem celular... Acho errado. Talvez um ou, no máximo, dois dias, estaria bom”. Caiqui relata: - “Na escola, é um saco, essa história de não poder usar celular”; - “não entendo porque não se pode usar o celular na escola; é um tédio não poder usar. Em todos os lugares a gente usa, com poucas exceções”.

As crianças do estudo, de posse do telefone celular, tecnologia com tantas peculiaridades atraentes, como a mobilidade, com recursos de câmeras que fotografam e filmam com boa qualidade de som e imagem, gravadores de áudio, calendários, comunicadores instantâneos (envio de torpedos), calculadoras e tantas outras ferramentas, poderiam, como elas próprias sugerem em suas narrativas, ser inseridas na criação de projetos bem interessantes, mais atrativos, ou seja, em ações pedagógicas altamente inovadores em contexto de contemporaneidade.

5.7 AS NOVAS CRIANÇAS E O CELULAR NA DINÂMICA DAS RELAÇÕES FAMILIARES

Analisando as narrativas, é perceptível o caráter positivo do celular, enquanto mediador das relações entre filhos e pais. Entre as mães das crianças investigadas ficou evidente a percepção do telefone celular como um elemento que facilita em muito a coordenação das tarefas do dia a dia na família, como mostra o relato da Simone, mãe do Artur:

-“Quando saio da cidade, vou falando com meus filhos pelo celular. Faço isso o dia todo e, em todos os pequenos intervalos que tenho no trabalho, procuro falar com eles. Vou controlando tudo: horário do colégio, do inglês, das tarefas, da aula de tênis, do período em que ficam em joguinhos e conversas na internet. Enfim, tudo o que o que considero possível. Quando estou na cidade, tento controlar tudo na vida deles pelo celular. Na verdade, o filho (informante), também me informa sobre tudo o que está fazendo via celular. Por exemplo: se ele está no clube e quer ir à casa de um amigo, mesmo que seja numa casa em frente ao clube, ele me avisa: ‘- vou à casa de fulano e vou ficar lá até tal hora. Fala para o pai vir me buscar tal hora etc.’ É tudo bem informado e, só assim, posso ficar mais tranquila. Ando o dia todo, inclusive, pelas cidades da região”.

No relato acima, observa-se que a mãe encontra, no contato pelo celular, um alívio para sua ansiedade e preocupação quando esse contato com os filhos não pode ser físico ou no face a face, por estar no trabalho e as crianças na escola ou em outras atividades cotidianas. Simone, em seu relato, parece não se desligar nem um pouco dos filhos, especificamente, do filho informante, que é o mais velho e que participa de muitas atividades cotidianas, além das do Colégio. Quando a questionamos sobre a questão dos perigos de dirigir e falar ao telefone, ela rapidamente respondeu que possui motorista para a função que exerce e, sendo assim, pode aproveitar os trechos de rodovia onde há sinal de torre das operadoras. Faz questão de ressaltar que se não fosse dessa forma, nem poderia exercer tal função e quando, eventualmente, precisa assumir o volante, coloca o aparelho “no viva voz” e se os filhos ligam, logo avisa que está dirigindo e que não pode ficar conversando muito. Também relatou que algumas vezes, por estar dirigindo, preferiu parar o carro no acostamento da rodovia.

Ela afirma que quando está dirigindo em zonas urbanas, não atende nem às mensagens e nem às ligações e, assim que chega ao lugar de destino, entra em contato com o filho ou com qualquer outra pessoa que ligou. E diz que faz isso para que Artur e o outro filho aprendam a forma correta de agir nessas situações, além de alertá-los sobre os perigos de dirigir e, ao mesmo tempo, falar ao celular. No local de trabalho, ela diz que dificilmente atende aos filhos, que já sabem que se ela não atender, é porque, naquele momento, encontra-

se ocupada. “Assim que posso, num intervalo, por exemplo, ligo para eles ou respondo mensagens.” Segundo a mãe, esse relacionamento, mediado pelo celular, é bem tranquilo, possibilitando-a exercer sua função e que Artur é bem compreensivo, sabendo o instante certo de falar com ela, e da mesma forma com o pai. Nas falas de Simone e de Artur, percebe-se que, tanto ela, como o pai e os filhos, relacionam-se durante o dia a dia através do celular, mas priorizam e valorizam muito os momentos possíveis que há de encontros presenciais para conversarem sobre tudo o que se passa com eles durante o dia. O interessante é que Artur foi o informante que mais deu ênfase aos momentos dos contatos presenciais com os pais, especialmente com a mãe, quando a ela está preparando o jantar. Nota-se que Artur sente-se muito bem com esses momentos em família, porque os pais demonstram apreciar e estimular o diálogo entre eles.

A distância física, causada pela rotina cotidiana, também é relatada pela maioria das crianças: - “Nossa! Fico inquieto quando minha mãe ou meu pai demoram para chegar. Ligo logo para saber o que aconteceu”. – “Nossa! É horrível quando minha mãe viaja a trabalho e fica fora vários dias. Parece que o tempo não passa. Dá vontade de vê-la pessoalmente, de falar com ela, ouvir a sua voz. Ainda bem que existe o celular!”. Essas crianças, embora já acostumadas com o uso das tecnologias de informação e de comunicação, na mediação das relações com os pais, demonstram, em alguns momentos de suas narrativas, que o contato presencial com os pais é fundamental e que, apesar dessas tecnologias serem fascinantes e muito atraentes, não preenchem, totalmente, o calor de um contato presencial.

Outro aspecto pontuado por praticamente todos os informantes, é a questão da segurança, ou seja, orientações dadas pelos pais quanto ao uso do celular, como nos mostram alguns relatos: - “Minha mãe sempre pede para não atender a qualquer número. Verificar primeiro se é conhecido, também pede para não ficar andando na rua e falando ao celular ou com ele na mão, pois é perigoso ser assaltado”; -“ Meus pais sempre orientam para não atender à ligação de números desconhecidos e também para não ficar passando o meu número para todo mundo, porque eles acham que pode ser perigoso”. Sem dúvida, filhos e pais, através das novas tecnologias de informação e da comunicação, especialmente com a ubiquidade do celular, sentem-se mais seguros, ou pelo menos, imaginam estarem mais seguros quando, na verdade, estão sendo monitorados o tempo todo pelo sistema ou pelas chamadas tecnologias inteligentes, às vezes, sem desejar.

Aqui vale refletir que, pelas características do anonimato e de veículo de comunicação instantânea entre pessoas de vários grupos, o celular, conectado à internet pode se tornar uma

ameaça. Isso porque da mesma forma que o objeto conectado à internet pode ser usado para enviar mensagens aos pais e amigos, também serve para entrar em salas de bate papo, discutir temas importantes, aproximando opiniões de pessoas distantes. Entretanto, também pode refletir o trabalho de pessoas com motivação ilegal ou criminosa.

As crianças do estudo e as crianças, de forma geral, por sua natural curiosidade e impulsividade e sem as informações adequadas sobre perigos da rede, não sabem quem se esconde por trás de um apelido charmoso ou de um perfil falso. Nesse espaço aberto, um dos elementos bastante preocupante, na contemporaneidade, são as redes de pornografia, de pedofilia e de exploração sexual digital, com aliciamento de crianças.

Nos relatos de alguns dos pais das crianças investigadas, é visível esse medo, como fala a Evita, mãe de Bia: -“me preocupa essas histórias de pedofilia e os possíveis perfis “fake”. A gente ouviu tantas coisas a respeito disso”.

Outra questão, que merece destaque nessa perspectiva, é o fato de as crianças entrevistadas procurarem manter certo controle sobre as suas comunicações e interações em relação a amigos, e privacidade no acesso às redes sociais, como relata uma das mães e algumas crianças: -“Olha, o grupo do *facebook* das minhas meninas é fechado, não tenho senha, não tenho acesso”; -“ Temos o face da nossa turma (sala de aula), professores e pais não participam”; - “ Às vezes, deixo minha mãe olhar as conversa que tenho com os amigos no face ou no *whatsApp*. Depois, mudo a senha”.

Observa-se que, aquele controle que os pais tinham sobre os filhos na sociedade disciplinar, onde conseguiam controlar e disciplinar melhor seus hábitos, onde conversavam pessoalmente, conseguiam verificar mais de perto o que os filhos estavam fazendo. Na sociedade atual, esse cenário está mudando, pois as crianças valem-se de senhas, produzidas pelo sistema, para manterem a privacidade em relação a certas conversas com amigos, em relação a sites que visitam etc. As relações de poder nas relações parentais, por esse ângulo, estão se transformando. Essas crianças, inseridas nesse contexto, sabem que se os pais acessarem suas conversas ou outros dados é possível solicitar ao sistema a geração de uma nova senha.

Em depoimentos, acima citados, vimos que, às vezes, os pais podem ler as mensagens dos filhos em seus celulares, porém em outros momentos, não, porque foi feita troca de senha. Essas novas crianças parecem exercer certo poder ou controle, nesse caso, na relação com os

pais. Como Bia fala em um dos encontros – “Não olho as conversas da minha mãe com as amigas dela, porque ela tem que olhar as minhas?”. Fica claro, no relato, algo que parece próprio da idade dessas crianças, que é a transgressão e o desafio à autoridade e ao mesmo tempo uma fragilidade das normas e regras que regem a instituição familiar.

Nos encontros, não se percebe preocupação concreta ou atitude dos pais em relação aos riscos do uso dessas tecnologias por seus filhos, ou seja, quando questionados sobre o tempo que os filhos ficam, mais ou menos, em frente à telinha do celular ou de um computador. De forma geral, responderam que os filhos ficam muito tempo, principalmente, depois que terminam os deveres escolares. Falam que as crianças ficam no *facebook*, em conversas via *wathsApp*, em joguinhos, ouvindo música, vendo vídeos. Contudo, esses pais não os acompanham e nem verificam a qualidade daquilo que os filhos acessam, pois, segundo eles, os filhos têm o celular o tempo todo ao alcance das mãos e não conseguem, também, impor limites e controle de horários de uso. Nesse aspecto, pelas narrativas dos pais, o controle sobre os filhos parece ser quase impossível. Apesar de demonstrarem preocupação, limitam-se a ouvir o que os filhos contam que estão fazendo e, no máximo, pedem a eles que tomem cuidado com ligações ou conversas nas redes sociais com estranhos.

No que diz respeito a possíveis consequências negativas em relação ao uso dessas novas tecnologias, os pais foram unânimes em dizer que nunca pesquisaram ou assistiram a palestras sobre o assunto, embora já tenham ouvido alguma coisa sobre isso. Entretanto, em suas narrativas, as crianças demonstram ficar conectadas, em média, duas a três horas por dia e, às vezes, um pouco mais no período noturno.

Observa-se que os pais das crianças da pesquisa, apesar de apresentarem bom nível de escolaridade, não estão atentos a estudos e alertas de especialistas das diversas áreas do conhecimento, no se que à linha limite - que separa o uso produtivo e equilibrado do celular, com acesso à internet - do uso patológico. Essa linha que parece estar cada vez mais tênue, segundo estudos na área da saúde. Trata de uma questão séria, não só do uso quantitativo e das intermináveis horas diante da telinha do celular, como também da qualidade dos conteúdos que estão disponíveis para as crianças explorarem na rede e suas possíveis consequências.

Na análise das narrativas dos informantes, percebe-se que pode estar ocorrendo prejuízo e qualidade do sono e também certa compulsão em estar sempre conectado, pois quase todos relatam que desligam o celular ou saem do site ou da conversa que estão tendo

com alguém, quando um dos pais aparece de surpresa no quarto e que adoram ficar teclando com os amigos, mesmo quando os pais e os irmãos estão em casa. Profissionais da área da saúde (psicologia, psiquiatria e da Neurociência) sinalizam que, além dessa compulsão e dependência ao mundo virtual, o uso contínuo do celular ou de computadores também pode estimular os transtornos de ansiedade, transtornos obsessivo-compulsivos (TOC), condutas antissociais, depressão e *tecnoestresse* - uma nova síndrome, caracterizada pelo desejo incontrolável de verificar constantemente o correio eletrônico ou os programas de mensagens instantâneas como o MSN, de estar sempre atento ao toque do celular e de brincar ou dedilhar no celular em todos os momentos livres e, muitas vezes, ao mesmo tempo, nas multitarefas, induzindo aos quadros de ansiedade generalizada. São atitudes ou práticas observadas, constantemente, nas crianças investigadas. Em todos os lugares e momentos estão mexendo no celular, olhando ou enviando mensagens, olhando no facebook.

Apesar do presente estudo não ter como foco investigar os alertas acima citados no grupo de entrevistados e outros possíveis riscos para os quais especialistas da área da saúde chamam a atenção. Acredita-se, porém, que esses alertas possam despertar interesse para futuros estudos. Alguns outros riscos possíveis à saúde: a fadiga ocular e o ressecamento da conjuntiva ou síndrome do olho seco, com manifestações dos olhos vermelhos, sensação do corpo estranho ou areia, conjuntivites e as infecções de córnea, provocadas por ficarem muitas horas diante da telinha do celular. As crianças nem conseguem piscar o olho quando entretidas na tela do celular, podendo, inclusive, causar cefaleia de origem visual. Também a síndrome do túnel do carpo e a LER, lesões do esforço repetitivo, com dores musculares nas articulações do punho, produzidas pela má posição das mãos e a falta do apoio correto sobre o deslizar de dedos na tela e teclado do celular; transtornos do sono com alterações significativas do humor, pois a má qualidade do descanso provoca irritabilidade, redução da capacidade intelectual e produtiva; dificuldade de atenção, concentração ou o déficit de atenção, induzido por multitarefas tecnológicas; transtornos do sedentarismo, como a obesidade abdominal, devido aos longos períodos sentados na escola ou em casa com o celular sempre à mão e a conseqüente diminuição do gasto calórico diário; o descuido postural, levando a transtornos posturais, causando dores e a sensação de dormência no pescoço e braço; dores nas articulações das mãos, punhos e cotovelos; uso de drogas digitais, músicas e sons capazes de provocar sensações sensoriais ou efeitos mentais psicodélicos, inclusive crises convulsivas por estímulo luminoso da tela do celular ou epilepsia fotossensível, produzida por ruídos e imagens estranhas em programas selecionados.

Essas crianças vêm crescendo num universo paralelo ao dos pais. Elas vêm construindo novos conceitos, mudando comportamentos, como por exemplo: na faixa etária em que se encontram, normalmente, gostam de desafiar limites, transgredir regras e horários e o uso do celular, conectado à internet, contribui de forma não tão silenciosa como se fala, pois tudo na lógica delas parece ficar sem fronteiras, sem limites, sem demora e tudo se torna simultâneo. Essas novas crianças possuem uma imaginação muito fértil e o espaço virtual garante-lhes a possibilidade de inventar algumas coisas e omitir outras. Querem ter amigos e pertencer a um grupo de pares iguais e, no espaço virtual, tudo se confunde. Elas estão criando novos códigos de relacionamento, aumentando o contato entre grupos de iguais, mas, na verdade, nem todos são amigos. Jamais alguém poderia ter cinquenta, cem amigos no espaço da vida presencial, porém no espaço virtual, tem-se a ilusão de que isso é possível.

Nota-se que essas crianças, em seus relatos, enfrentam crises de valores com seus pais sobre o que é realmente importante no aqui e, agora virtual. Como já foi dito, não existe fiscalização e muito menos valores sobre o que é virtualmente importante, pois tudo é (quase sempre) real, verdadeiro e concreto. As crianças investigadas buscam a construção da sua própria identidade e a conquista da autonomia e, o ser chamado e conhecido pelo nome de registro ou de batismo, que sempre foi muito importante, parece começar a perder o sentido, já que, no espaço virtual, elas constroem uma ou várias identidades/perfis. Elas acham que demora demais para crescer, para se tornarem adolescentes e adultos, sendo que no espaço virtual tudo é muito rápido e imediato.

As crianças investigadas são muito ágeis, curiosas, informadas e dominam o manuseio da tecnologia e, dentro da lógica delas, como se pode constatar nos relatos, parece que é tudo perfeito, tranquilo e normal. Pela ótica de seus pais, pelo menos até onde se consegue perceber, não há muito que fazer. De acordo com resultados de pesquisas da Academia Americana de Pediatria e a Sociedade Canadense de Pediatria, em artigo publicado, no site *Info Exame* (Editora Abril) em 24/03/2014, acredita-se que a era digital e o mundo do ciberespaço não tem mais volta e essas crianças, que nasceram nesse contexto, podem usufruir de benefícios positivos das tecnologias aplicadas à educação, à informação, à cultura e às artes, também podem se beneficiar de futuras oportunidades de desenvolvimento, incorporadas às famílias. Sugere-se que reflexões sobre as possíveis implicações desse fenômeno, devem ganhar, cada vez mais espaço, especialmente, sobre a fase de crescimento e desenvolvimento em que essas crianças se encontram, pois, talvez, a maturação cerebral

dessas crianças esteja sendo estimulada por excessos de imagens coloridas em pixels, causando confusões e também problemas de memória e de concentração.

Cita-se aqui, algumas reflexões e ponderações que devem ser feitas e colocadas em prática para que essas novas crianças possam usufruir melhor dos benefícios dessas tecnologias, tais como: utilizar o celular e todos os recursos tecnológicos com responsabilidade; desfrutar das emoções saudáveis, geradas pelas novas tecnologias; não abusar nem se tornar dependente, mas aprender a viver e a controlar seus hábitos; viver plenamente o mundo real com a ajuda das facilidades virtuais e desenvolver a consciência de que direitos leis e códigos de conduta e respeito social existam, com ou sem conexão à Web, e lembrar que, especialmente, no caso da dinâmica familiar, o celular com acesso à web ou não, deve ser somente um objeto auxiliar na mediação de uma relação já existente: a relação pais e filhos.

É interessante notar que as funções dos celulares também são utilizadas como maneira de expressar amor e estreitar os laços afetivos, enquanto filhos e pais estão separados pela rotina cotidiana, através do envio de mensagens ou através de ligações, como mostram os relatos da maioria dos informantes: - “te amo, mãe”; - “beijos, te amo muito, mãe”; - “você é a melhor mãe do mundo”; - “estou com saudades”; “volta logo, estou com saudade!”. Algumas crianças enviam símbolos, utilizados na internet, como forma de comunicar aos pais os laços de afetividade, como: carinho, beijos, amor, saudades, tristeza, alegria, etc. Da mesma forma, percebe-se a retribuição por parte dos pais.

Todas as crianças entrevistadas disseram que ligam aos pais, especialmente às mães, várias vezes, durante o dia, pelos mais diversos motivos, desde pedir autorização para ir à casa de amigos, como também para comunicar que estão em casa de amigos, que querem ficar um pouco mais no colégio, um pouco mais nas atividades esportivas, ou para pedir algum material, como uma cartolina, um livro, etc. Isso mostra, como já falamos em outros momentos do estudo, que há grande participação da mãe na organização do cotidiano dessas crianças e que, também, apesar das novas configurações familiares da contemporaneidade, o papel da mãe continua fundamental na tarefa educativa e organização do dia a dia, de seus filhos, demonstrando o monopólio feminino, em termos de cuidados parentais Cadolle (2000), ou reforçando o papel central das mães na sociedade contemporânea, especificamente no grupo investigado.

Na análise dos dados coletados, constatamos que a maioria das crianças utiliza o celular com bastante frequência para ligação de voz com os pais e um pouco menos para passar mensagens, como se observa nos relatos: - “ligo para a minha mãe e para o meu pai na hora que preciso de alguma coisa ou para avisar que vou ficar até mais tarde no colégio”; -” Falo muito mais com minha mãe do que com o meu pai e uso mais fazer ligações para ouvir a voz deles”;

Artur demonstra, em seu relato, que ao conversar pessoalmente com os pais, o estar frente a frente com eles, a presença física de ambos é muito importante, por exemplo:

- “Ligo mais do celular, mas também ligo do telefone de casa (telefone fixo). Sabe, prefiro ouvir a voz deles. Não passo mensagens para eles. Ah, prefiro ligar para meus pais ao invés de enviar mensagens... não sei explicar bem o porquê. Eu gosto mais de ouvir a voz deles. Mandar mensagens para os pais, parece que não fica bem. Penso que é melhor ouvir a voz da minha mãe e do meu pai. Parece mais seguro, mais tranquilo, não sei explicar bem o porquê. Na verdade, não converso demais com meus pais pelo celular. Conversamos mais pessoalmente, assim, de forma mais demorada, especialmente, com a minha mãe na hora do jantar, ou melhor, na hora que ela está fazendo o jantar (sabe, a minha mãe chega do serviço e logo vai fazer o jantar, todo dia). Aí nós ficamos conversando. É bem legal. Ela pergunta como foi meu dia, minhas atividades, meus amigos, se estou com alguma dificuldade. Enfim, sobre tudo que fizemos no dia, porque ela também fala das coisas que ela fez, das novidades, coisas que ela fica sabendo, etc. Também converso com meu pai, na hora que ele me busca e me leva no colégio e à noite. Pessoalmente, falamos mais. Celular é para as coisas mais rápidas, de necessidade.

Nota-se, que o relato acima, foge um pouco da lógica dos demais relatos, ou seja, Artur não sabe explicar o porquê, mas prefere ouvir a voz da mãe e do pai, nas ligações via celular e que também, não gosta muito de passar mensagens aos pais, não sabendo explicar o motivo. Tentamos, nos diversos encontros, saber por que Artur enfatiza o desejo de ouvir a voz dos pais ao telefone e também a razão pela qual, segundo ele, passar mensagens para os pais “não fica bem”, já que a maioria dos informantes não demonstra essa preocupação e envia mensagens aos pais sem a menor cerimônia, como mostram os relatos abaixo:

- “Minha mãe liga no meu celular e no fixo para falar comigo, assim: -” você lembrou que tem inglês tal hora? Você está fazendo as tarefas? Liga para me avisar o dia que vai demorar mais no trabalho ou em outro lugar que ela vai. “É muito bom, assim, não vou ficar preocupada e pensando o que será que aconteceu”.

- “Minha mãe anda meio brava comigo, porque ela percebeu que eu fico olhando mensagens à noite. Sabe, bem à noite, de madrugada. Deixo o meu celular carregando à noite, mas não desligo. Vai que alguém posta alguma coisa engraçada, eu não posso perder”.

-“Minha mãe sempre pergunta sobre o que estamos falando. Às vezes, comento alguma coisa com ela e com meu pai, por exemplo, sobre coisas que meus amigos falam que estão fazendo, onde estão, mostro fotos que postaram, mas tem coisas que é melhor não falar, não. Assim, às vezes, alguém fala ou faz fofoca de outros amigos e da um rolo danado, ou fala que está de castigo, porque usou muito rápido os créditos, essas coisas... Se eu falar para minha mãe, começa o sermão, vixi”.

- “Nossa! Minha mãe liga muito pra mim, querendo saber onde estou se fiz as tarefas, se preciso de alguma coisa. Falo mais com ela. Minha mãe orienta para ter a agenda do celular com o nome ou apelido certinho dos amigos e das pessoas da família e só atender a essas pessoas e mais ninguém. Se algum número estranho ligar, é para não atender e depois mostrar para eles (pais)”

Observa-se, nos relatos acima, que as relações entre pais e filhos vêm ocorrendo, cada vez mais e, com maior frequência, através da mediação de tecnologias da informação, comunicação e interação, ou seja, através da utilização, especialmente, dos telefones celulares. No grupo em estudo, as relações básicas e fundamentais entre pais e filhos já existem e, o celular parece ser um instrumento que está colaborando para a manutenção desses vínculos, diante da agitação cotidiana dessas famílias, em contexto de contemporaneidade. A presença dos pais na vida dessas crianças está se transformando ou configurando-se em uma nova modalidade, acrescentando aos relacionamentos e contatos familiares presenciais/físicos, à dimensão das relações e contatos virtuais. Percebe-se, nas narrativas, que tanto os pais, quanto os filhos estão sempre conectados. Os pais, fazendo uso de celulares no sentido de auxiliá-los no cumprimento das tarefas cotidianas e dos cuidados entre ambos. Configura-se, portanto, uma nova modalidade nas relações parentais, marcada pela circulação da informação na rede familiar, através da mediação das tecnologias.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da perspectiva antropológica de que “criança não sabe menos, ela sabe outra coisa” e de que criança é um conceito construído socialmente, portanto em constante processo de transformação. Observa-se que, na contemporaneidade, de certa forma, está emergindo uma nova configuração desse conceito, na medida em que as crianças apresentam-se mais influentes nos hábitos de consumo familiar, e que essa nova configuração não se trata apenas de proposições e estratégias de marketing e, sim, de construções sociais, vinculadas a um arranjo social, ou seja, a práticas culturais, características desse período histórico e específico a essa sociedade.

Essas novas crianças estão respondendo a um modo distinto e distintivo de subjetivar-se, fundamentado na formação de um “eu” interior que se configura e se reconfigura em suas escolhas e posições identitárias intermináveis e em constante processo de construção. Percebe-se que essas novas crianças são frutos do contexto em que vivem, visto que se constituem e são constituídas, com sustentação em um núcleo psicológico que ancora a formação de um sujeito mais autônomo. Assim sendo, nota-se, através das condutas e comportamentos na análise das narrativas, que está ocorrendo a legitimação de uma nova categoria de transição, ou seja, um ritual de passagem, possibilitando a essas novas crianças, deixar parte das práticas culturais infantis e antecipar a sua entrada em práticas culturais da fase da adolescência e juventude.

As práticas de consumo e as habilidades cognitivas, especialmente no uso das tecnologias digitais e de informação e comunicação, são enfatizadas e apresentadas como sinais de um período da infância, atravessado, cada vez mais, pelos modos de autonomização, cabendo, especialmente aos pais, orientar e buscar garantir equilíbrio no avanço da visibilidade dessa nova criança em sociedade de consumo e de valorização de uma suposta e aparente eterna juventude.

Ainda em relação ao consumo, as crianças do estudo demonstraram estar conscientes de suas implicações na vida contemporânea, e suas estratégias de negociação fazem-nos pensar que assumem um papel de bons atores nas negociações em relação ao consumo.

Acredita-se que foi essencial ouvi-las para entender o motivo pelo qual elas gostam de determinadas marcas de aparelhos celulares, rejeitando outras e o que, de fato, essas escolhas representam e significam para elas. Enfim, compreender que, para essas novas crianças, possuir um celular, extrapola o ato da compra, significando um estado de “ser”, de “estar”, de ganhar maior espaço e visibilidade na família e no círculo social ao qual pertencem.

Nesse contexto de era da mobilidade ou de Novas Tecnologias da Informação e Comunicação, essas crianças vêm possibilitando, através do uso, especialmente, do telefone celular, a mediação e a intensificação da introdução da linguagem digital nas relações e interações entre elas e seus pais e entre elas e seu círculo social. Aos padrões de relacionamentos já existentes, acrescentam-se os relacionamentos e interações virtuais mediadas pelas tecnologias. Como esse fenômeno, no que se refere às mediações das relações entre pais e filhos, ainda é considerado recente e complexo, vem gerando certa angústia nesses pais, em relação aos cuidados com o desenvolvimento das crianças, pois ainda não há um padrão de respostas para explicar essas mudanças e suas possíveis implicações.

Na perspectiva das relações familiares, o telefone celular, além de ser compreendido como mais um instrumento nas relações pais e filhos, passou a ocupar um espaço, com dimensões que extrapolam sua função primária, ou seja, a de estabelecer uma comunicação interpessoal. Pode-se pensar, então, que se por um lado, a expansão tecnológica para dentro da esfera doméstica tenha influenciado positivamente a adesão da sociedade ao uso do aparelho celular, por outro, está ampliando as fronteiras de comunicação, através da linguagem digital ou virtual até um ponto, onde ainda não se conhece, exatamente, o seu limite.

Na pesquisa, observa-se que diferentes justificativas são apresentadas por essas novas crianças e pais ao aderirem a essa tecnologia. Provavelmente, diferente também é o impacto do uso do objeto em cada família e o que se constatou, de fato, é que esse objeto interliga necessidades dessas crianças a seus pais e desses pais a seus filhos.

Acredita-se que esse estudo tenha sido útil para uma maior compreensão dessas novas crianças. A elas foi dado o direito de expressarem-se livremente sobre vários assuntos, e o conjunto de todos estes pensamentos expostos, traduz o mundo conforme elas o veem.

Dessa forma, esse estudo, fundamentado em diversos discursos, alinha-se com a formação do pensamento contemporâneo ao reconhecer, nessas crianças, uma condição não infantil e, portanto, um lugar de fala e de voz, sinalizando, nesse sentido, para novas formas de subjetivação ou novas formas de existir.

7. REFERÊNCIAS

ANGROSINO, Michel. Etnografia e observação participante. Coleção pesquisa qualitativa coordenada por Uwe Flick. Porto Alegre, 2009.

APETITE tween. Negócios. Isto **É Dinheiro**. São Paulo, 24 fev.2005. Disponível em: <<http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/negocios/20050224/apetite-tween/21329.shtml>>. Acesso em: 05 jan.2015.

APPADURAI, Arjun. **Introdução: A vida Social das Coisas**. Niteroi: Eduff. 2008.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

BACELLAR, Fátima C. T. **Propaganda dirigida à criança: atitudes de consumidores adultos e de executivos**. Orientador: Frederico A. A. de Carvalho. Rio de Janeiro: UFRJ/COPPEAD, 1992. Dissertação.

BARBOSA, Lívيا. **Sociedade do consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUDRILARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BORN, L. I. **Telefone celular e infância**: alguns tensionamentos. UNIrevista, v. 1, n. 2, p.4,abr.2006.Disponível em: http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Born.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2012.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p.112-121.

CANCLINI, Nestor García. **Consumidores e cidadãos**. 5 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 7 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Lúcia Rabello de (Org.). **Infância e adolescência na cultura de consumo**. Rio de Janeiro: Nau, 1998.

CLARO, J. A. C. S.; MENCONI, A. T. L. LORETO, J. R. CONSUMO INFANTIL: O TELEFONE CELULAR E A CRIANÇA. RAUnP. Ano V, n.1-out. 2012/mar.2013.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro Jorge Zahar Ed. 2009.

CONSENTINO, L. **Aspectos evolutivos da interação homem-máquina**: tecnologia, computador e evolução humana. In: Psicologia e Informática: produções do III Psicoinfo e II Jornada NPPI. 1ª ed. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia, p. 61-71, 2006.

CRIANÇA E CONSUMO. Celular será novo “queridinho” do marketing. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.criancaconsumo.org.br>>. Acesso setembro 2013.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

DUARTE, Alice. **DANIEL MILLER E A ANTROPOLOGIA DO CONSUMO**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Etnográfica, vol. VI (2), 2002.

EISENSTEIN, Evelyn ; ESTEFENON, Susana B. **GERAÇÃO DIGITAL: RISCOS DAS NOVAS TECNOLOGIAS PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES**. Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto, UERJ. Ano 10, agosto de 2011.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. 7ª Ed.. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. Brasília, 2010. <http://bd.camara.gov.br>

FARAH, R.; FORTIM, I. (Orgs.) **Relacionamentos na era digital**. São Paulo: Giz Editorial, 2007.

FERMIANO, Maria Aparecida Belintane. **Pré-adolescentes (“tweens”) – desde a perspectiva da teoria piagetiana à da psicologia econômica**. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREIRE FILHO, João. Formas e normas da adolescência e da juventude na mídia. In: _____, VAZ, Paulo (Orgs.). **Construções do tempo e do outro**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. p.37-64.

_____. Poder de compra: pós-feminismo e consumismo nas páginas da revista Capricho. In: MÉDOLA, Ana Sílvia D.; ARAÚJO; Denize Correa; BRUNO, Fernanda (Orgs.) **Imagem, visibilidade e cultura midiática**. Livro da XV Compós. Porto Alegre: Sulina, 2007. Disponível em <<http://www.compos.org>>.

GESELL, A. **A Criança dos 5 aos 10 anos**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Gen. LTC. Rio de Janeiro, 2008.

GHIRALDELLI, Paulo Jr. **As concepções de infância e as teorias educacionais modernas e contemporâneas**. Revista do Programa Alfabetização Solidária. São Paulo: Unimarco, v.1, n.1, p.77-92, jul./dez. 2001.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 11ª ed. DP&A editora. Rio de Janeiro, 2006. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

HANAVER, F. J. **Impacto da informática nas relações humanas**. 2005. Disponível em: http://www-usr.inf.ufsm.br/~fhanauer/elc1020/files/Artigo_Revisado_Felipe_Hanauer.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2007

HAWKINS, D. I., BEST, R. J., CONEY, K. A. **Consumer behavior: implications for HERITER, Françoise. A Coxa de Jupiter**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis: CPH/UFSC, v. 8. N.1. p.98-114, 2000.

KATZ, James E.; SUGIYAMA, Satomi. Mobile Phones as Fashion Statements: the Co-creation of Mobile Communication's Public Meaning. In: LING, Rich; PEDERSEN, Per E. (orgs.). **Mobile communications: re-negotiation of the social sphere**. New York: Springer, 2005, p. 63-81.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed 34, 1999.

LÉVY, P. **O que é virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

LINN, Susan. **Crianças do consumo: a infância roubada**. Tradução Cristina Tognelli. São Paulo: Instituto Alana, 2006.

MAGGIO, M. O campo da tecnologia educacional: algumas propostas para sua reconceitualização. In: LITWIN, Edith (Org.). **Tecnologia educacional: política, histórias e propostas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 12-22.

MARQUES, R. **Celular é coisa pra criança?** Disponível em: <<http://diganaoaerotizacaoinfantil.wordpress.com/2008/07/17/celular-e-coisa-pra-crianca/>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

MARTINELLI, F.; MOÍNA, A. **Comunicação, consumo e entretenimento no universo infantil: o celular como telefone ou brinquedo?** In: VIVARTA, V. Infância e Consumo: estudos no campo da comunicação. Brasília, DF: ANDI; Instituto Alana, 2009.

MATTA, João. **Pequenos consumidores**. Disponível em: <http://www.jmatta.com.br/artigo_01.htm>. Acesso em: 23 jul. 2007.

MEAD, Margaret. **Cultura y compromiso: estudio sobre la ruptura generacional**. Barcelona: Gedisa, 2002.

MILLER, Daniel. **Trecos, Troços e Coisas**. Estudos Antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MORAN, J. M. Interferências dos Meios de Comunicação no Nosso Conhecimento. In: **Revista Brasileira de Comunicação**. São Paulo: Vol. XVII n.2, 1994. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/interf.htm#audiovisuais>> Acesso em: 10 de jan. de 2015.

MORAN, J. M. Como utilizar a internet na educação. **Ciência da Informação**, v.26, n.2, p.146-153, maio/ago. 1997.

MORAN, J. M.; MASETTO, M.T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 6ª. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003. 16, p. 35-34, dez. 2001.

MOREIRA, D. **Celular: o novo 'brinquedo' das crianças**. Disponível em: <<http://idgnow.uol.com.br/telecom/2006/01/23/idgnoticia.2006-02-06.6937771431/>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Primeiros contornos de uma nova configuração psíquica, in **Cadernos Cedes**, Campinas, Vol. 25, N. 65, p.71-85, 2005.

OLIARI, D.E. **MÍDIAS NA SALA DE AULA: a percepção docente sobre o uso das tecnologias e suas consequências na linguagem e na comunicação com os acadêmicos dos cursos de Relações Públicas do Vale do Itajaí/SC**. Dissertação de Mestrado Florianópolis, 2005.

OKABE, Daisuke; ITO, Mizuko. Keitai in Public Transportation. In: ITO, Mizuko; OKABE, Daisuke; MATSUDA, Misa (eds.). **Personal, Portable, Pedestrian: Mobile Phones in Japanese Life**. Chicago: The MIT Press, 2005. p. 205-217.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. **Infância, Televisão e Publicidade**: uma metodologia de pesquisa em construção. Cadernos de Pesquisa, n.116, julho, 2002.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

RIAL, Carmen; SILVA, Sandra Rubia da, SOUZA, Angela Maria de (organização). **Consumo e Cultura Material: Perspectivas Etnográficas**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.

RIBEIRO, Fabiana. **Setor de beleza aposta no comprador mirim**. O Globo, Rio de Janeiro, 6 mai. de 2007.

ROCHA, Everardo. **A Sociedade do sonho**: comunicação, cultura e consumo. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

SAMPAIO, I. S. V. **Publicidade e infância: uma relação perigosa**. In: VIVARTA, V. *Infância e Consumo: estudos no campo da comunicação*. Brasília, DF: ANDI; Instituto Alana, 2009.

SAMPAIO, Inês. **Televisão, publicidade e infância**. São Paulo: Anna Blume, 2004.

SILVA, Sandra Rúbia da. **“Eu não vivo sem celular: sociabilidade, consumo, corporalidade e novas Práticas nas Culturas Urbanas”**. In: Porto Alegre: Intexto, UFRGS, 2007. v. 2, n. 17, p. 1-17.

SILVA, Sandra Rubia. **Vivendo com celulares: identidade, corpo e sociabilidade nas culturas urbanas**. In: BORELLI, Silvia; FREIRE FILHO, João (orgs.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008, p. 311-331.

SANTOS, A. M.; GROSSI, P. K. **Infância comprada: hábitos de consumo na sociedade contemporânea**. Revista Virtual Textos & Contextos, v. VI, n. 8, dez. 2007.

SANTOS, A. R.; COSTA, J. I. P.; CUNHA, C. E. F.; CARDOSO, O. R. **O Modelo de Tomada de Decisão de Compra para o Consumidor Infantil**. In: ENCONTRO DE MARKETING DA ANPAD, 3, EMA 2008, 14 a 16 de maio, Curitiba/PR. Anais... Curitiba/PR: ANPAD, 2008.

SLATER, Don. **Cultura do Consumo e Modernidade**. São Paulo: Nobel. 2002.

STEINGBERG, R. Shirley; KINCHELOE, Joe L. **Cultura Infantil: a construção da infância corporativa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

TIBA, Içami. **Adolescentes: quem ama, educa**. São Paulo: Integrare, 2005.

TOMAZ, Renata. A invenção dos tweens: juventude, cultura e mídia. Intercom-RBCC. São Paulo, v.37, n.2, p.177-202, jul./dez.2014.

<http://www.teleco.com.br/ncel.asp> acesso em 25/07/2014.

<http://www.ibge.com.br> acesso em 25/07/2014.

<http://cetic.br/sobre-ceticbr/> acesso em 25/07/2014.

<http://info.abril.com.br/noticias/tecnologia-pessoal/2014/06/10-razoes-pelas-quais-os-aparelhos-moveis-devem-ser-proibidos-para-criancas-menores-de-12-anos.shtml> acesso em 10/01/2015.